

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

JULIANO BRUNI PEREIRA

**“SUPÉRFLUOS” E “NIILISTAS”:**  
*representações de tipos intelectuais em dois romances  
de Ivan Turguêniev (1840-1860)*

PORTO ALEGRE  
2018

JULIANO BRUNI PEREIRA

**“SUPÉRFLUOS” E “NIILISTAS”:**  
*Representações de tipos intelectuais em dois romances  
de Ivan Turguêniev (1840-1860)*

Trabalho de conclusão de curso apresentado como  
requisito parcial à obtenção do título de Bacharel  
em História pela Universidade Federal do Rio  
Grande do Sul.

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dra. Cláudia Mauch

PORTO ALEGRE  
2018

*A todas as mulheres e homens “supérfluos”,  
para que se tornem “novos” e, mantendo o zelo  
à própria sensibilidade, conservem a sua  
humanidade intacta.*

*E a meus pais.*

## AGRADECIMENTOS

Para que aceitem o meu muito obrigado pela contribuição que deram diretamente a este trabalho ou à nada singela solidariedade em tornar minha vida mais branda, bonita e bem menos difícil.

À professora Cláudia Mauch, que me acolheu em momentos de definições e foi sempre amiga confiante na minha capacidade, e uma orientação e estímulo intelectuais ímpar. Aos meus amigos e amigas — todos eles, próximos e distantes — que souberam, cada um à sua maneira, respeitar meu distanciamento, minha sensibilidade e meus inconstantes arroubos de entusiasmo sincero pela minha pesquisa e pela existência. À Veri, porque, se nossa relação se alterou com a vida, os sentimentos de carinho, de respeito e de admiração permanecem intocados. Ao Vini Reilly e à Penguin Cafe Orchestra, pela beleza gentil das composições que deram leveza às pausas na feitura desse trabalho. À Adri, profissional competente e apoio importante. Aos meus pais e minha irmã, esteios do meu estar-no-mundo, com a esperança de que essas páginas demonstrem uma parte ínfima do que eles me proporcionam.

(Este trabalho é o desfecho de minha segunda graduação que, como a primeira, foi realizada na universidade pública. Agradeço de forma ampla àqueles que, seja conservando ideais ou sendo ativos na luta política, defendem um ensino público de qualidade, crítico e igualitário.)

Um muito obrigado especial ao Fábio, irmão que a vida me deu, pelo incentivo e encorajamento decisivos no instante em que superfluidade a florava e a vontade fraquejava. Este trabalho existe por causa dele.

E gratidão, daquela mais pacífica e luminosa (de manifestar com um sorriso suave), à Krishna, que em alguns “pares de meses” transformou minha existência como o prisma altera o caminho da luz. Que a mente bonita e o coração terno dela recebam essas páginas que são, também elas, demonstração do sentimento que nos aproxima tanto.

*“A propósito, leitor, já notou que pessoas excepcionalmente distraídas em relação a seus subordinados nunca o são com as de nível superior ao seu? De onde vem isso? Aliás, semelhantes perguntas não levam a nada.”*

*Ivan Turguêniev, Rúdin*

## RESUMO

O escritor Ivan Turguêniev (1818-1883) notabilizou-se pelo romance *Pais e filhos*, publicado em 1862 no contexto da abolição do regime de servidão na Rússia. A obra aborda os conflitos intelectuais e filosóficos entre gerações e simboliza a postura crítica ascendente na sociedade russa através do personagem Ievguêni Bazárov, autodeclarado “niilista”. Bazárov encarna o materialismo positivista e é identificado com a “geração dos anos 1860”, formada por homens resolutos e dinâmicos que criticam duramente as convenções sociais e valorizam a observação científica dos fatos. *Rúdin*, outro romance de Turguêniev, lançado anteriormente (1856), ilustra a “geração dos 1840” e retrata o jovem membro da aristocracia letrada imbuído de idealismo e romantismo, mas que permanece preso à inação e à hesitação. Ambos os personagens representam tipos atuantes no seio da *intelligentsia* — a classe educada da sociedade russa engajada nos debates culturais e políticos — durante as décadas centrais do século XIX: o conceito do “homem supérfluo” apreende a atitude dos intelectuais passivos, enquanto o “homem novo” ou “niilista” simboliza o radical atuante. O contraste entre os métodos e ideais das gerações manifesta elementos do processo social da Rússia no período e contempla a relação dos intelectuais com questões como a autocracia, os projetos de desenvolvimento nacional e o estatuto da arte. *Rúdin* e *Pais e filhos* comportam representações de disputas políticas, sociais e filosóficas que são lidas através de critérios fornecidos pela história cultural.

**Palavras-chave:** Ivan Turguêniev; literatura russa; Rúdin; Bazárov; Pais e filhos; Rússia no século XIX; niilismo; radicalismo; homem supérfluo; história intelectual.

## ABSTRACT

The writer Ivan Turgenev (1818-1883) is noted for the novel *Fathers and Sons*, published in 1862 in the context of the abolition of serfdom in Russia. The book deals with intellectual and philosophical conflicts between generations and symbolizes the critical upward posture in Russian society through the character Yevgeny Bazarov, self-declared “nihilist”. Bazarov embodies positivist materialism and is identified with the “generation of the 1860s”, made up of resolute and dynamic men who harshly criticize social conventions and value scientific observation of facts. *Rudin*, another novel published by Turgenev in 1856, illustrates the “generation of the 1840s” and portrays a young member of the literate aristocracy imbued with idealism and romanticism, but stuck in inaction and hesitation. Both characters represent types within the *intelligentsia* — the educated class of Russian society engaged in cultural and political debates — during the central decades of the nineteenth century: the concept of the “superfluous man” seizes the attitude of the stagnant intellectuals, whereas the “new man” or “nihilist” symbolizes the acting radical. The contrast between the methods and ideals of the generations manifests elements of Russia's social process in the period and contemplates the relation of intellectuals to issues such as autocracy, national development projects, and the status of art. *Rudin* and *Fathers and Sons* bears representations of political, social and philosophical disputes that are read through criteria provided by cultural history.

**Keywords:** Ivan Turgenev; Russian literature; Rudin; Bazarov; Fathers and Sons; Russia in the XIX century; nihilism; radicalism; superfluous man; intellectual history.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
1. RÚDIN: UM “HOMEM SUPÉRFLUO”	20
2. BAZÁROV: UM “HOMEM NOVO”	39
3. “ENQUANTO O SOLO SE DESLOCA SOB SEUS PÉS”	53
CONSIDERAÇÕES FINAIS	74
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	78

## INTRODUÇÃO

“Nenhuma sociedade exigiu mais de seus autores do que a Rússia, no passado ou no presente.”

Isaiah Berlin

“Em lugar algum o tempo corre como na Rússia, dizem que na prisão ele corre ainda mais.”

Turguêniev, *Pais e filhos*

Na primavera de 1862, poucos meses após a publicação do romance *Pais e filhos*, seu autor, o escritor Ivan Turguêniev (1818-1883), encontrava-se de volta à sua terra natal. Tratava-se de mais uma de suas visitas à Rússia, para onde retornava a intervalos semirregulares de seu autoexílio de quase uma década na Alemanha e na França a fim de inteirar-se da vida de sua pátria. Sobre o ambiente político russo, Turguêniev retirava grandes impressões e informações da correspondência com diversos conterrâneos — afetos e desafetos — e do contato com outros exilados (voluntários e forçados, nobres *bon vivants* e subversivos perseguidos). Mas, além de retornar para a beleza natural russa que tanto amava, fazia questão de apreender a realidade *in loco* e de travar conhecimento da vida das pessoas e de suas reflexões, estabelecendo aproximações, reencontros ou mesmo rupturas elegantes. Naquela primavera, a atmosfera social da Rússia imperial estava particularmente carregada de tensão. Havia um ano, em fevereiro de 1861, o czar Alexandre II (dito, a propósito, “O Libertador”) abolira legalmente o secular regime de servidão russo, responsável por cingir a sociedade horizontalmente em uma minoria de aristocratas-proprietários e uma maioria de trabalhadores-propriedade. A disposição geral dos ânimos era, entretanto, de frustração: a medida não surtira o efeito de modernização esperado.<sup>1</sup> Nessa altura, fazia parte já da sensibilidade coletiva a ideia de que a obra literária de Turguêniev, desde seus contos pretensamente inofensivos e bucólicos — reunidos posteriormente no volume *Memórias de um caçador* (1852) — até suas criações mais “políticas”, havia contribuído decisivamente (Antoniasse, 2016, p. 69), no contexto intelectual e factual do momento, para o estado geral das coisas naquela primavera: a progressiva tomada de consciên-

---

<sup>1</sup> Perry Anderson analisa o desenvolvimento do absolutismo russo no capítulo 6 da segunda parte de seu *Linhagens do Estado absolutista* (1995) e sustenta que, no período considerado por este trabalho (as décadas centrais do século XIX), a Rússia era o “único grande país do continente que não se viu afetado pelas insurreições populares de 1848” e que, assim, “a força internacional do czarismo nunca havia parecido maior”. Essa confiança na solidez da autocracia e do sistema social que a sustentava, segundo o historiador britânico, convertia-se num anacronismo em face da industrialização da Europa ocidental. Anderson pondera sobre a emancipação dos servos, relativizando seu significado efetivo dentro do processo social russo e, citando Lênin, argumenta que no início do século XX, passadas décadas da abolição formal da servidão, as relações de produção no país ainda conservavam o caráter feudal.

cia acerca dos graves problemas e idiosincrasias ligados ao atraso russo; uma percepção da necessidade de alteração desse cenário; as contradições, o cinismo e preconceitos entranhados na camada privilegiada da população; a atribuição de culpas e a individuação das faltas; o ambiente sufocante da autocracia; o imobilismo das massas e a autoindulgência desavergonhada da aristocracia; a revolta surda mas crescente perante as injustiças; a moralidade ferida dos intelectuais progressistas e a determinação reacionária dos conservadores. *Pais e filhos*, publicado no inverno daquele ano, exacerbava uma controvérsia há muito incubada nas discussões do segmento letrado da sociedade russa — a *intelligentsia* —, provocando conflitos e desentendimentos — “a maior [polêmica] de que se tem notícia na literatura russa”, como afirma o tradutor Rubens Figueiredo (2011) no prefácio à edição brasileira, comentário endossado e repetido por diversos autores, entre os quais Berlin (1988, p. 279). Naquela visita à capital imperial na primavera de 1862, Turguêniev experimentaria pessoalmente o ardor que suas reflexões literárias provocavam em seu público, fossem favoráveis ou desfavoráveis à sua interpretação e representação da realidade social. Uma onda de incêndios devastou São Petersburgo entre maio e junho e, embora o fogo provavelmente tenha sido causado inicialmente por motivos climáticos,<sup>2</sup> opinião pública e governo elegeram os estudantes radicais como fomentadores da destruição. Era a primeira visita de Turguêniev após a publicação de *Pais e filhos* e um conhecido, ao deparar-se com o escritor nas ruas da cidade, ergueu o dedo e o censurou aos brados: “Veja o que os seus niilistas estão fazendo! Estão pondo São Petersburgo em chamas!”.

A reprimenda tinha sua motivação na radicalidade insolente e sagaz do protagonista e herói — ou anti-herói — de *Pais e filhos*, Ievguêni Bazárov. O romance já impactava os círculos letrados e o reflexo de suas figurações agora era visto por todos na forma de protestos violentos e de uma aguda elevação do tom no discurso político. O niilista criado por Turguêniev a partir de um casual encontro com um médico de província<sup>3</sup> cuja filosofia pessoal o impressionara pregava a alteração do estado de coisas por meio da destruição e foi lido como a imagem do setor mais revolucionário da juventude russa na passagem da década de 1850 para a de 1860. Bazárov tornou-se o ícone quase unanimemente mal compreendido, como veremos, de um processo intelectual, político e social ab-

---

<sup>2</sup> A atribuição de responsabilidade pelos incêndios a “radicais”, “estudantes” e “poloneses” se deu a partir de rumores que circulavam pela cidade alimentados pelo clima de tensão social, e não foram encontradas provas da participação desses grupos (definidos vagamente) mesmo com a meticulosa investigação policial desencadeada; as ações repressivas, no entanto, não falharam, e diversos estabelecimentos, sobretudo a imprensa crítica de oposição, viram-se interditados por meses. Foi o caso da revista *O Contemporâneo* (*Sovremiênik*), naquele momento a principal plataforma da democracia revolucionária (Bogoyavlensky, 2004).

<sup>3</sup> O artigo de Nina Nikitina (“Stat’ia Turgeneva “Po povodu ‘Ottsov i detei” i chernovaia rukopis’ romana”, *Russkaia literatura*, 2001, p. 3-15), citado por Sundkvist (2010, p. 38), no entanto situa, mais precisamente, a inspiração de Bazárov no “famoso cirurgião e educador Nikolai Pirogov”.

solutamente novo, apreendido por Turguêniev em sua gênese. O próprio termo *niilista*, apesar de não ser uma invenção do escritor, foi incorporado ao vocabulário cotidiano do país para circunscrever uma mentalidade e, mais do que isso, um comportamento historicamente definido, relacionado a um setor crítico radical da intelectualidade russa que, naquele momento, deixava de ser exclusivamente aristocrática.

Historicamente, portanto, essa era de fato uma “gente nova”. Antes de um arquétipo literário, porém, os “niilistas”, ou “radicais” — “neojacobinos”, no termo empregado por Berlin (1988) — são antes um tipo intelectual real russo, presente nas acaloradas e passionais discussões sobre o destino do país no concerto das nações e na ação política efetiva (como demonstra a história de atentados contra a autocracia nas últimas décadas do século XIX até a Revolução de 1917). Mais abundantes nas páginas das revistas naquele momento eram os “homens supérfluos”, consagrados tipos literários que encontram representações nas letras russas da década de 1820 até a literatura soviética. Os “homens supérfluos” dos livros, assim como o niilista Bazárov, retiram sua pertinência enquanto referentes de uma condição primeiramente existencial, compartilhada por membros da aristocracia, e de uma percepção particular de seu próprio lugar e função na sociedade. Dotado de brilhante racionalidade, sensibilidade e valores morais humanísticos e elevados, falta ao “homem supérfluo” a determinação para a ação. A hesitação e a falta de iniciativa alimentam o deslocamento do “homem supérfluo” dentro de um sistema social conservador e estagnado, e ele mesmo torna-se estéril perante a realidade que critica filosoficamente, mas na qual é incapaz de influir diretamente. Na definição de Marshall Berman (1987, p. 199):

A política dos “homens supérfluos” da baixa nobreza tendia a um liberalismo idealista, capaz de não se deixar iludir pelas pretensões da autocracia e de simpatizar com as pessoas comuns, mas sem determinação para lutar por uma mudança radical. Esses liberais da década de 1840 achavam-se imersos numa nuvem de depressão e fastio [...].

Na passagem da década de 1850 para a de 1860, a Rússia vivia transformações substanciais e dramáticas. A derrota amarga na Guerra da Criméia (1853-1856) — que opôs o Império Russo à coalisão formada por Grã-Bretanha e França em auxílio estratégico ao decadente Império Otomano — havia causado um choque na autoimagem do czarismo através do contraste direto com as potências industriais da Europa: a Rússia e seu sistema de servidão não eram páreo para as economias capitalistas ocidentais. Pretensões de nova expansão territorial e hegemonia tiveram de ser abandonadas e, sobretudo, ficou claro que os fundamentos do edifício social russo tinham de ser urgentemente revisados, sob ameaça de implosão. Nicolau I, czar entre 1825 e 1855, havia moldado a Rússia

em contornos rígidos, um Estado policial a pleno título, a face mais reacionária da Europa: “Não preciso de um povo educado, mas de súditos leais”, teria afirmado (Dukes, 1974, p. 142). Seu reinado havia iniciado com a ameaça da Revolta Dezembrista de 1825, o primeiro levante considerável — embora fugaz e fracassado — contra a autoridade imperial exatamente porque originado de setores progressistas da aristocracia. A partir de então, sua política de “autocracia, ortodoxia e nacionalismo” paralisou o desenvolvimento social da Rússia no exato momento em que a Europa experimentava a aceleração advinda da industrialização e do sistema liberal burguês.

A repressão política com vistas à contenção social produziu efeito reverso no âmbito cultural, levando a pequena mas conscienciosa camada letrada russa a estabelecer a literatura como a arena para um debate altamente codificado sobre as mudanças necessárias. As grandes gerações de intelectuais — literatos, escritores, moralistas, filósofos políticos, publicistas, agitadores — surgiram em sequência, ao longo da primeira metade do século, da fermentação não exatamente subterrânea de ideias cultivadas após a vitória sobre Napoleão, em 1812. Como consequência do contato frontal com a Europa que a guerra promoveu, essas gerações deixaram-se impregnar de filosofia idealista alemã e literatura romântica. Até desenvolver seus próprios sistemas de pensamento, a intelectualidade russa — educada formalmente na Alemanha e, em menor medida, na França, entre 1830 e 1850 (e que busca exílio nesses países, na Suíça e, como Alexandr Herzen, na Inglaterra) — retirou dessas matrizes a base de seu sistema de interpretação da realidade, até que o invariável retorno à Rússia a obrigaria a adaptar essa filosofia ao meio cultural e social de sua pátria. Dostoiévski chamou esse processo de conversão de “aspecto russo das doutrinas [europeias]” (Frank, 1992).

Em sua juventude, Ivan Turguêniev, como muitos de seus conterrâneos e pares de classe, estudou na Alemanha entre o fim da década de 1830 e o início da de 1840, e foi colega e amigo íntimo de diversas figuras da intelectualidade russa — entre tantos outros, de Mikhail Bakúnin, que deixaria marcas afetivas e intelectuais no escritor — e regressou à Rússia profundamente impressionado com a sociedade ocidental. No acirrado debate travado entre nacionalistas “eslavófilos” e “ocidentalistas” sobre as tendências a serem privilegiadas no desenvolvimento do país, Turguêniev optou desde muito cedo pelo segundo caminho. Na passagem dos anos 1850 para 1860, quando essas tendências entraram em conflito aberto, alimentadas por pulsões sociais cada vez mais fortes, vindas da baixa aristocracia e impulsionadas pela relativa distensão do ambiente político com a mudança de autocrata (Alexandre II substituiu Nicolau I em 1855), Turguêniev — por temperamento, mas também por intuição intelectual — se viu como representante de um sistema de valores

específico, o da “geração dos 40”. O escritor representa a si próprio — juntamente com traços distintivos do amigo Bakúnin — como “homem supérfluo” no protagonista de seu primeiro romance, *Rúdin* (publicado em 1856), e como os “pais” de *Pais e filhos*. Esses personagens (em parte autobiográficos, portanto) revelam os dramas identitários de uma geração que, ainda que detentora de imenso potencial, primeiro fracassa em determinar seu lugar nas transformações ansiadas pela sociedade russa, e que, logo em seguida, “fica para trás” (como arrogantemente afirma Bazárov), sobrepujada e confrontada pela geração mais nova, os “homens novos”, “niilistas” dos anos 1860. Esses radicais são portadores de mentalidade e táticas pessoais e coletivas diferentes, homens de ideais práticos, de ação e resolução, ao mesmo tempo encantadores e chocantes. Turguêniev, nas representações de sua própria geração codificada em suas ficções, vê e posiciona também a geração de seus “filhos” em perspectiva histórica.

O tema do presente trabalho é, precisamente, o desenvolvimento intelectual, inserido no complexo sistema social russo, e a passagem de uma geração a outra — do “homem supérfluo”, representante da “geração dos 40”, ao “homem novo”, radical, da “geração dos 60”. As duas narrativas ficcionais de Ivan Turguêniev — *Rúdin* e *Pais e filhos* — servem como fonte de representações, categoria central da história cultural, que me forneceu os critérios de análise utilizados na pesquisa. Conforme Pesavento (2005, p. 41), as representações “se inserem em regimes de verossimilhança e de credibilidade, e não de veracidade”. Questionando o passado através da literatura, me aproprio aqui das representações que ela veicula como “uma outra janela de entrada para o real: através da sensibilidade, da sintonia e do clima de uma época” (Pesavento, 1999a, p. 144).

[...] a força das representações se dá não pelo seu valor de verdade, ou seja, o da correspondência dos discursos e das imagens com o real, mesmo que a representação comporte a exibição de elementos evocadores e miméticos. Tal pressuposto implica eliminar do campo de análise a tradicional clivagem entre real e não-real, uma vez que a representação tem a capacidade de se substituir à realidade que representa, construindo o mundo paralelo de sinais no qual as pessoas vivem. (Pesavento, 2005, p. 41)

Roger Chartier sublinha o potencial de representação contido na literatura, passível de leitura pela história, ao afirmar:

Entre história e ficção, a distinção parece clara e resolvida se se aceita que, em todas as suas formas (míticas, literárias, metafóricas), a ficção é ‘um discurso que ‘informa’ do real, mas não pretende representá-lo nem abonar-se nele’, enquanto a história pretende dar uma representação adequada da realidade que foi e já não é. Nesse sentido, o real é ao mesmo tempo o objeto e o fiador do discurso da história. Hoje em dia, contudo, muitas razões ofuscam essa distinção tão clara. A primeira é a evidenciação da força das representações do passado proposta pela literatura. A noção de ‘energia’, que

tem um papel essencial na perspectiva analítica do *New Historicism*, pode ajudar a compreender como algumas obras literárias moldaram, mais poderosamente que os escritos dos historiadores, as representações coletivas do passado (Greenblatt, 1988, p. 1-20). O teatro, nos séculos XVI e XVII, e o romance, no século XIX, se apoderaram do passado, deslocando para o registro da ficção literária fatos e personagens históricos e colocando no cenário ou na página situações que foram reais ou que são apresentadas como tais. Quando as obras estão habitadas por uma força em particular, adquirem a capacidade de ‘produzir, moldar e organizar a experiência coletiva mental e física’ (Greenblatt, 1988, p. 6) — e entre essas experiências se computa o encontro com o passado. (Chartier, 2010, p. 24-25)

Essa “energia”, a “força das representações do passado proposta pela literatura”, ganha contornos particularmente nítidos em se tratando de Ivan Turguêniev. Seu claro intento de abordar as questões importantes de seu tempo, levado adiante fundamentalmente pela proposição do “papel social do escritor” (conforme veremos adiante), impele sua escrita no sentido de uma codificação do real não apenas do ponto de vista do passado, mas também do presente dinâmico das relações sociais. Figueiredo (2011, p. 7-8) apreende esse movimento deliberado de “captura” do escritor: “Turguêniev tinha de caminhar enquanto o solo se deslocava rapidamente sob seus pés”. Tanto as violentas manifestações estudantis quanto a crítica sofrida por Turguêniev ao longo de sua carreira como escritor (e que, no sensível ambiente intelectual russo, facilmente extravasavam para ofensas pessoais) exprimem um altíssimo grau de influência da literatura na realidade cotidiana e na interpretação de complexas questões sociais. Particularmente no contexto de repressão reacionária da Rússia czarista do século XIX — “gendarme da Europa”, na expressão de Eric Hobsbawm (2012) —, a literatura constituía o principal canal de debate intelectual, mesmo restrita por severa, mas falha, vigilância e censura. A participação da minguada porção de literatos russos na discussão sobre as condições sociais de seu país levou ao surgimento de uma literatura rica, logo reconhecida pela Europa e pelo mundo.

Um conhecimento de história cultural é, claro, indispensável para o estudo de qualquer literatura, mas pode-se argumentar que isso é mais verdadeiro para a literatura russa do que para qualquer outra literatura europeia importante do mesmo período. Devido à dificuldade para expressar ideias controversas diretamente na imprensa (embora seja espantoso quantas dessas ideias conseguiram chegar até os periódicos devido à obtusidade — mas algumas vezes também à tolerância — da censura czarista), a literatura serviu, mais ou menos, como uma válvula de escape através da qual assuntos proibidos podiam ser apresentados ou, pelo menos, sugeridos. Daí a notória *densidade* ideológica da melhor literatura russa — um traço que ainda continua a distinguir seus escritores — romancistas ou poetas — de seus colegas ocidentais mais livres, que às vezes invejam a intensidade da reação russa à literatura sem compreender completamente a razão para tal fervor. Isto se deve apenas ao fato de que a literatura não é um adorno ou acessório da existência cotidiana; é a única forma na qual os russos podem ver discutidos os verdadeiros problemas com os quais se preocupam e que seus governantes sempre acharam melhor que eles ignorassem. (Frank, 1992, p. 61-62, grifo no original)

Nesse contexto, surgem tendências de análises e de ênfases, correntes estéticas e fórmulas literárias, das mais individuais e psicológicas àquelas mais sociais e de inegável alcance político. Turguêniev, apesar de menos conhecido que Dostoiévski e Tolstói, compõe ainda hoje o principal estrato da mais requintada seleção de escritores que a Rússia produziu (Frank, 1992, p. 203). À diferença desses outros gigantes, porém, os escritos de Turguêniev detêm-se menos nos intrincados processos mentais e emocionais dos personagens (como Dostoiévski) ou na elaboração de complexas tramas e relações pessoais (como Tolstói): são dedicados, antes, a uma deliberada representação da sociedade russa de seu tempo conforme o autor a vê e interpreta — daí o peculiar interesse histórico que a obra de Ivan Turguêniev suscita.

Neste trabalho me proponho a analisar, a partir da seleção de duas obras fundamentais de Ivan Turguêniev, o desenvolvimento intelectual e social russo em um de seus momentos mais cruciais utilizando as representações fornecidas pelas formulações literárias do escritor. Procuo demonstrar que, localizado aproximadamente entre as datas de publicação (e naquelas dos próprios enredos das obras selecionadas), o processo cultural de leitura social realizado pela intelectualidade russa do período fornece ao historiador um arsenal de narrativas, sensibilidades e subjetividades. *Rúdin* descreve uma trama ocorrida entre a década de 1830 e o ano de 1848; em *Pais e filhos* a ação se desenrola num intervalo menor, iniciando em 1859 e presumivelmente terminando menos de um ano depois, ainda que retire marcos temporais para os personagens desde o início do século XIX.<sup>4</sup> A produção literária de Turguêniev para o grande público iniciou-se ainda da década de 1840 e cessou apenas nos anos imediatamente anteriores à morte do escritor, em 1883. No entanto, o recorte deste trabalho procura destacar e valorizar a representação literária destes dois tipos intelectuais, “superfluos” e “niilistas”, e a evolução dessa representação entre as décadas de 1840 e 1860: as inserções dos tipos no cenário social russo de meados do século, e suas significações e efeitos de real para uma parte específica do público leitor (os principais críticos que, naquele momento, definiam a pauta do debate político). Ademais, meu intuito é, através dessas duas obras, traçar um quadro no qual se torne compreensível a repercussão da obra do escritor e a influência que exerceu no proces-

---

<sup>4</sup> Um dos elementos de distinção da produção literária de Ivan Turguêniev é exatamente o posicionamento temporal das tramas em um contexto histórico factual, notadamente o tempo de vida do escritor — reforçando, assim, critérios de plausibilidade e verossimilhança. Tendo em vista este aspecto de suas composições, torna-se interessante notar que *Rúdin* tem um marco espacial e temporal específico para seu desfecho (o último dia das barricadas de Paris de junho de 1848), e *Pais e filhos* inicia em uma data precisa, 20 de maio de 1859, mas cuja trama se desenvolve no ambiente inespecífico da província russa. Da mesma forma, realçando os efeitos de verdade de suas criações literárias, Turguêniev afirmava sentir a necessidade de basear seus personagens em pessoas reais de sua convivência, “vendo-os diante de si” a fim de lhe servirem “como que de fio condutor” (Bianchi, 2012).

so histórico, cultural e social da Rússia. Turguêniev é interpretado como um observador tão arguto e sensível a ponto de identificar instintivamente tendências e transformar sua leitura em representações literárias da realidade. As reações — de público e de crítica, positiva e negativa — às suas publicações corroboram historicamente suas impressões, ao mesmo tempo em que elas influenciam, informam e alteram essa mesma realidade.

Turguêniev não era particularmente afeito às discussões políticas (Berlin, 1988, p. 264), mas era influenciado pelo gênio político de alguns de seus pares sociais e amigos pessoais, que lhe inculcaram o sentido moral do papel social do escritor — particularmente, Vissarion Bielínski, considerado o maior crítico literário russo do século XIX. Turguêniev e Bielínski foram colegas na universidade, companheiros e amigos próximos: o autor de *Pais e filhos* dedica-lhe o livro quase 14 anos após a morte prematura do querido amigo, aos 36 anos, e pede em testamento para ser enterrado ao lado de Bielínski.

Depois dele [Bielínski], nenhum escritor russo pôde se libertar inteiramente da crença de que escrever era, acima de tudo, testemunhar a verdade: que o escritor, mais do que todos os homens, não tinha o direito de desviar o olhar das questões fundamentais de sua época e de sua sociedade. Para um artista, sobretudo um escritor, tentar desligar-se das mais profundas preocupações de sua nação a fim de se dedicar inteiramente à criação de belos objetos ou perseguir finalidades pessoais era condenado como um ato de egoísmo e de frivolidade autodestrutivos. A traição à vocação que escolhera somente o levaria a sentir-se mutilado e empobrecido. (Berlin, 1988, p. 267)

A obra de Turguêniev surge, então, de uma tensão entre, de um lado, sua admitida propensão pessoal ao gradualismo nas transformações e ao esforço de conciliação e, de outro, sua responsabilidade enquanto escritor e a urgência de modificações sociais que considerava prementes e reconhecia como plenamente justificadas. Turguêniev posicionou seus escritos em função da realidade, inicialmente colocando em primeiro plano sua própria geração, através de *Rúdin*, e depois, em *Pais e filhos*, questionando o valor moral da transição que observava entre os “homens dos 40” e os “homens novos dos 60”. Rúdin e Bazárov não compartilham do mesmo sistema de valores e, sobretudo, distanciam-se na forma de atuação sobre a realidade. Uma argumentação central de meu trabalho se dá através da crítica à interpretação de Bazárov como “homem supérfluo”: no âmbito dos estudos literários, que não são nossos termos, admite-se a pertinência dessa explicação na medida em que também Bazárov sucumbe,<sup>5</sup> porém *historicamente* o radical representado ali codifica uma alteração profundamente significativa nas relações simbólicas do discurso político e social russo.

---

<sup>5</sup> Apesar de manter a tragicidade do “homem supérfluo”, as causas da derrocada de Bazárov o distanciam de Rúdin, conforme interpreta Berlin (1988, p. 278): “Bazárov cai porque é abatido pelo destino, e não por falha da vontade ou do intelecto”.

Apesar de serem ambos frutos de uma mesma “árvore genealógica” intelectual, como definiu o crítico Pissárev ainda nos anos 1860 (Carr, 2016; Frank, 1992), Bazárov representa a *superação* de Rúdin na vanguarda cultural e política russa de meados do século. E, ao contrário do que argumenta, por exemplo, Segrillo (2012, p. 140), procuro evidenciar que Turguêniev não ergue a narrativa de *Pais e filhos* para criticar Bazárov e reprovar frontalmente seus métodos e moralidade, mas para situar o intelectual radical como agente — e a si mesmo, enquanto “homem dos 40”, como interlocutor — em um contexto em franca transformação.

A abordagem da história russa, mesmo concentrada no recorte de três décadas do período czarista, impõe um desafio: estabelecer uma análise equilibrada em meio à carga ideológica da produção historiográfica disponível. A Revolução de 1917 e suas consequências através do século XX estabeleceram linhas ideológicas conflitantes que se cristalizaram na Guerra Fria. Esse corte entre sistemas socioeconômicos que se antagonizaram acabou por se refletir na produção intelectual e, particularmente, na escrita da história da Rússia desde então. De ambos os lados do espectro ideológico, uma interpretação teleológica com olhos e mentes permanentemente voltados para 1917 acabou por impregnar as reflexões sobre o passado russo de vieses muitas vezes deslocados. Esse condicionamento das fontes revelou-se claramente durante minha pesquisa e serviu de alerta para a consulta à bibliografia. Por exemplo, ao concentrar minha atenção nos debates radicalizados dos anos 1860 — que cresceriam em ênfase durante as décadas seguintes —, percebo que poucas análises conseguem evitar o que considero paralelismos inapropriados e adjetivações até mesmo inescrupulosas. O tom do discurso político daquele momento, naturalmente inflamado pelas circunstâncias, serve de pretexto para antecipações acerca do caráter revolucionário de intelectuais que, naturalmente, não podiam prever com exatidão o impacto imediato e a utilização futura de suas palavras e principalmente a disposição dos eventos à frente — mas que são julgados como se assim o fizessem. Determinismos afloram constantemente e em alarmante demasia em algumas das análises de que fiz uso. As abordagens desiguais dos estudos clássicos de história intelectual russa de Isaiah Berlin e Joseph Frank constituem parâmetros para a crítica. Berlin, historiador das ideias e tradutor de Turguêniev para a língua inglesa, não abre mão de avaliações de caráter político sobre a atuação dos intelectuais russos do século XIX e posiciona em sua produção historiográfica o seu ponto ideológico de observação. Na última das três partes de seu ensaio *Pais e filhos: Turguêniev e a crítica situação liberal* (1988, p. 262-298), por exemplo, é possível perceber a sua identificação com o escritor russo quanto à leitura da realidade social e política: a filosofia pessoal de Turguêniev no debate político do século XIX — sobretudo o seu decantado gradualismo — serve a Berlin mais de

cem anos depois, e somos esclarecidos a respeito disso. Por sua vez, Frank, responsável por uma biografia monumental de Dostoiévski, apesar de construir uma análise rica e bastante erudita, fornece juízos que poderiam minimamente ser relativizados. Para Frank, Bakúin “percorre como uma ave de mau agouro os céus da história europeia”; ao mesmo tempo, o autor censura outros estudiosos seus contemporâneos por simpatia ideológica com radicais do período estudado: uma repreensão que trai o conservadorismo de Frank, manifestado em sua abordagem. Turguêniev parece representar, para Berlin, sua própria subjetividade ideológica num contexto igualmente tensionado: Berlin vem de cultura russa e escreve na década de 1970 na Grã-Bretanha liberal durante a Guerra Fria. Berlin aproveita-se do posicionamento de Turguêniev no contexto da Rússia czarista para criticar o que possivelmente classificaria, em retrospectiva, de fanatismo ideológico soviético. Em mais de uma ocasião, ele traça, direta ou indiretamente, um paralelo entre Bazárov e o “intelectual soviético” — o niilista de *Pais e filhos* como “o primeiro bolchevique”. Isaiah Berlin é muito mais ponderado e honesto que Joseph Frank, mas ainda assim o cenário de disputa ideológica do século XX parece exercer enorme influência na sua leitura do contexto russo do século XIX, onde Turguêniev provavelmente expressa o posicionamento de Berlin “em algum ponto à esquerda do centro” e através de sua confiança no gradualismo.

Outros elementos importantes para a consideração acerca dos problemas relacionados à história da Rússia foram suscitados pela crítica veemente de Rubens Figueiredo (2017) à obra *Uma história cultural da Rússia* (de 2002; publicada em 2017 em edição brasileira), do historiador britânico Orlando Figs. Figueiredo questiona-se sobre as motivações de uma obra financiada por uma “poderosa fundação privada inglesa, subvencionada por uma das maiores multinacionais do ramo da alimentação e refrigerantes” e elenca o que considera problemas graves de enfoque da parte de Figs, sugerindo inclusive sua má-fé ao tratar de temas de claras implicações ideológicas. À argumentação evasiva de Figs de que o “enraizamento da arte russa na vida histórica e social do país” ocorre em um “grau incomum”, Figueiredo atribui o intuito de “descaracterizar o empenho intelectual e crítico dos artistas em se envolverem a fundo nos processos históricos da Rússia e na vida concreta de seu povo”.

Conforme pude notar no ambiente circunscrito de minha pesquisa, avaliações críticas como as elaboradas por Figueiredo podem ser estendidas a uma parte da produção historiográfica (ocidental e russa) e a identificação dessa situação reforçou a necessidade de ponderar sobre a natureza da historiografia dedicada ao passado russo. Além de procurar não reproduzir certos vícios de pos-

tura intelectual, empreendi uma tentativa de filtrar o que considere abordagens e condicionamentos problemáticos a fim de produzir um trabalho justo para com a complexidade do tema.

As principais informações biográficas de Turguêniev, bem como suas posições ideológicas e filosóficas, motivações e reflexões referidas em meu trabalho são proporcionadas por outros autores — críticos literários, historiadores, tradutores e outros estudiosos de sua obra — a partir de textos autobiográficos publicados pelo escritor ainda em vida e, sobretudo, de sua densa e volumosa produção epistolar. O crítico Chostakowsky, por exemplo, citado neste trabalho, refere o volume *Recordações literárias de minha vida*, sem tradução para o português e inacessível para a preparação de minha análise. Isaiah Berlin também utiliza vasta documentação original, particularmente a correspondência e as anotações de Turguêniev publicadas em russo. A leitura desse material complementar poderia elucidar diversos pontos importantes, sobretudo no que diz respeito à intencionalidade do escritor, sua perspectiva acerca das temáticas com as quais lidava e suas avaliações e interpretações sobre os efeitos de suas obras. Este trabalho se ressentia da inacessibilidade — que é linguística e material—, mas se apoia na mediação desses estudiosos.

No que concerne especificamente às obras literárias analisadas, adotei como critério fundamental para o estudo dessas fontes a tradução direta do russo para o português, no caso das edições que são objeto da análise, e para o inglês e o italiano no caso de necessidade de qualquer elucidação (por comparação) do texto. Utilizo como sistema de notações uma diferenciação entre as fontes analisadas e a bibliografia na qual me apoio: os excertos dos dois romances aparecem grafados em itálico a fim de pontuar o caráter especial que detêm em meu trabalho e facilitar o seu tratamento e destacamento no interior do texto. Procurei empregar a grafia mais atualizada para todos os nomes russos, mesmo os mais consagrados, baseado nas mais recentes traduções da literatura russa para o português em edições brasileiras. No caso de obras ainda não traduzidas, ou de tradução muito antiga, adotei a grafia utilizada nos estudos acadêmicos mais recentes produzidos em português.

Meu trabalho se divide em três partes. Os capítulos 1 e 2 abordam, respectivamente, os personagens Rúdin e Bazárov individualmente, contextualizando-os no interior das tramas dos romances em que figuram e analisando seus traços fundamentais enquanto representações. Procuro embasar a conceitualização de Rúdin como “homem supérfluo” e de Bazárov como “homem novo”, estabelecendo paralelos e utilizando como referência outros personagens literários que incorporam as características dos tipos. Nesse processo de definição, posiciono os personagens dentro do sistema social e ideológico russo que representam a partir da leitura de suas formulações e de suas in-

serções. No capítulo 3, empreendo uma leitura da relação entre os dois tipos como representação do processo intelectual russo da década de 1840 à de 1860. Minha proposta é demonstrar como a passagem de Rúdin para Bazárov — como tipos literários, mas sobretudo como símbolos de carácter social e intelectual — ilustra o desenvolvimento do debate político russo daquele período.

## 1. RÚDIN: UM “HOMEM SUPÉRFLUO”

*“Sim, a natureza me deu muito, mas morrerei sem ter feito nada digno de minhas forças, sem ter deixado qualquer vestígio benéfico atrás de mim. Toda a minha riqueza se perderá em vão: não verei os frutos das sementes que plantei. Falta-me... nem eu mesmo sei dizer o que exatamente me falta... Provavelmente, falta-me algo sem o que não se pode nem mover o coração dos homens nem assenhorar-se do coração de uma mulher, e o domínio apenas sobre a mente é tão precário quanto inútil. Meu destino é estranho, quase cômico: entrego-me todo, com avidez, por inteiro — e não consigo me entregar. Acabarei me sacrificando por uma tolice qualquer, em que nem mesmo acreditarei...”*

Da carta de Rúdin para Natália

*“Mas quem tem o direito de dizer que não será útil e que já não o foi?”*

Liéjnev, sobre Rúdin

Na década de 1850, o “homem supérfluo” já estava consagrado como tipo literário nos círculos letrados da Rússia czarista. Antoniasse (2016, p. 73) sintetiza as principais características do tipo, elencando seus aspectos definidores:

[...] jovens de origem nobre, dotados de uma grande capacidade intelectual e dos mais elevados princípios morais, mas também incapacitados para a ação, para a luta em nome de seus ideais, tanto devido ao sistema repressor sob o qual estão submetidos quanto à própria educação que receberam. Outras literaturas também apresentam heróis nessas condições, idealistas mas inativos, porém, na Rússia, por trás de tal tipo há um complexo panorama histórico-social que o molda, não sendo por acaso que sua presença seja predominante no período que compreende dois grandes acontecimentos na história do país: a Revolta Dezembrista (1825) e a emancipação dos servos (1861).

O poder de representação do “homem supérfluo” concentra-se no papel social desempenhado por seu referente, o jovem aristocrata moralmente consciencioso que identifica as contradições de seu meio e de sua condição, apercebe-se de sua própria potencialidade, mas revela-se fraco de vontade, desestimulado pelo ambiente paralisante e por seu idealismo aparentemente sem aplicação. Os marcos temporais que Antoniasse posiciona para a compreensão do “homem supérfluo” se mostram fundamentais: a Revolta Dezembrista de 1825 trouxe à luz as transformações filosófico-existenciais que o contato abrupto com a Europa — por ocasião das guerras contra Napoleão — trouxe para os membros de uma classe dominante antes isolada em si mesma, mas que agora, por contraste, se percebia atrasada em relação à civilização ocidental. A primeira metade do século é o período de desenvolvimento e adaptação de uma nova concepção da realidade entre a classe letrada

rusa, animada sobretudo pela filosofia idealista hegeliana e pela literatura romântica alemã (Frank, 1992, p. 67). Nicolau I assume o trono no contexto da revolta, compreendendo que os ventos de mudança começavam a soprar também na Rússia. O czar reage à ameaça implantando o regime mais arbitrário e policialesco do período da Restauração, tomando para si a função de “gendarme da Europa”, vigilante contra oposições externas e internas ao seu despotismo e liderando a reação conservadora em bloco — definida pelo Congresso de Viena (1815) — face à desestabilização da ordem tradicional causada pela Revolução Francesa e seus ecos nas guerras napoleônicas. O lema “autocracia, ortodoxia e nacionalismo”<sup>6</sup> passou a vigorar na Rússia com força de lei.

O ambiente social tornou-se inóspito. A política arbitrária de Nicolau I definiria a dinâmica nos mais variados setores da vida russa. Como afirma Berman (1987, p. 183):

A singularidade de seu governo reside não no fato da repressão ou no seu âmbito — o Estado russo sempre tratou horrivelmente seus súditos —, mas no seu objetivo. Pedro, o Grande tinha assassinado e aterrorizado para abrir uma janela para a Europa, caminho para o progresso e o desenvolvimento da Rússia; Nicolau e sua política estavam reprimindo e brutalizando para fechar essa janela.

A literatura então remodela-se para incorporar a função de “antena social” (na expressão de Pesavento, 1999a), canal de debate restrito e condicionado pela censura e pelo limitado alcance cultural da população, mas ainda assim necessário, a “válvula de escape” definida por Frank (ver introdução) para a opressiva atmosfera daquele momento. Um de seus primeiros produtos será o “homem supérfluo”, refletindo a busca pelo lugar social da camada intelectual.

[...] após a derrota decabrista e a dura repressão que se seguiu, a *intelligentsia* progressista, obrigada a recuar da ação política e deslocar sua atenção para outras questões, se viu mergulhada numa situação de crise ideológica e moral sem precedentes. Não por acaso este foi um período na história da sociedade russa em que as aspirações de uma ‘harmonia divina’ dos idealistas românticos e os sonhos dos partidários de uma revolução social puderam conviver pacificamente, sem entrar em contradição. Tanto que o socialismo utópico russo surge como resultado de uma composição da problemática da justiça social e da liberdade com o idealismo romântico. (Bianchi, 2011, p. 127)

Conforme sustenta Bianchi (2011, p. 128), “por quase três décadas, a galeria de ‘heróis do tempo’ foi composta pela figura do ‘homem supérfluo’, que, com o passar do tempo, foi assumindo não só uma nova forma como outras atitudes em relação à vida”. A linha evolutiva que conduz o “homem supérfluo” ao radical dos anos 60 — noção central para este trabalho — será examinada detidamente no capítulo 3 a partir do confronto entre as duas obras que analiso, mas convém, para

---

<sup>6</sup> O slogan foi cunhado pelo conde S. S. Uvarov, ministro da Educação entre 1833 e 1849 (Dukes, 1974, p. 142).

os fins deste capítulo, traçar brevemente os contornos do desenvolvimento do tipo “homem supérfluo” até chegarmos ao personagem Rúdin, do romance homônimo. De acordo com a síntese proposta por Bianchi (2011), o conceito do “homem supérfluo” como representação está intimamente ligado à passagem do romantismo ao realismo na literatura russa. A peça *A desgraça de ter espírito*, de Alexander Griboiévov, escrita entre 1821 e 1824, é considerada a primeira obra realista da literatura russa e traz o primeiro herói íntegro e portador de valores morais extraindividuais. Mas será com Ievguêni Oniéguin, protagonista do romance em versos *Oniéguin*, escrito por Púchkin e publicado em 1833, que a genealogia do “homem supérfluo” terá formalmente seu início.<sup>7</sup> Oniéguin é seguido por Pietchórin, protagonista de *O herói de nosso tempo* (1840), de Mikhail Liérmontov, e por Biéltov, de *Quem é o culpado* (1846), escrito por Alexandr Herzen. O conceito sofre uma pequena variação com a novela *A senhoria*, de Dostoiévski (1847); a busca por um estilo pessoal leva o autor a dotar seu protagonista de elementos naquele momento considerados ultrapassados ao seu protagonista, fazendo com que o jovem intelectual “supérfluo” Ordínov combine características literárias de tendências distintas sendo retratado como “sonhador” romântico. Antoniasse (2016) propõe uma distribuição geracional desses personagens: Oniéguin figura como o típico “homem dos anos 1820”, enquanto Pietchórin representa o “homem dos anos 30”. A evolução do tipo ocorre no sentido de uma transição de um caráter mais social para um mais psicológico. Com Biéltov como representante do “homem dos anos 40” se processa uma retomada evidente do aspecto político-social do “homem supérfluo”: o sonhador é colocado ante a difícil realidade russa, mas suas tentativas de intervenção nessa realidade terminam em desistência. Diversos outros personagens compõem essa linha evolutiva, mas aqueles considerados mais completos (em função do conceito) e mais úteis como parâmetros de análise são os debatidos aqui.

Quer seja Oniéguin, Pietchórin, Rúdin, Oblómov, o homem do subsolo de Dostoiévski ou os próprios autores, o ‘homem supérfluo’ tem sido historicamente visto como um indivíduo fraco que não consegue reconciliar-se com a sociedade particular de seu tempo e espaço. Ele tem sido caracterizado como ‘um paradigma de uma pessoa que perdeu uma ocasião, um lugar, uma presença na vida’. É descrito como ‘sonhador e inútil’, como um ‘intelectual incapaz de agir’, como um ‘idealista ineficiente’, e como ‘um herói sensível aos problemas sociais e éticos, mas que falha ao agir, parcialmente devido a uma fraqueza pessoal, parcialmente devido a repressões políticas e sociais sobre a sua liberdade de ação’. (Carr, 2016, p. 23-24, tradução livre)

---

<sup>7</sup> As tramas dessas e das outras obras excedem minhas possibilidades de análise neste trabalho, mas constituem parâmetros fundamentais para a compreensão do desenvolvimento do “homem supérfluo” como tipo literário representativo do contexto histórico no qual está inserido.

Até meados da década de 1850, ainda conforme Antoniasse, o “homem supérfluo” era a codificação simbólico-literária da juventude aristocrática liberal detentora da missão de transformação da realidade social. Os personagens compunham um retrato coletivo coerente com o movimento social geral daquele estrato.

Por volta da década de 1840, um pequeno grupo de intelectuais russos abastados também tinha absorvido as ideias revolucionárias ocidentais em viagens de estudos ao exterior, ou buscavam uma atmosfera mais agradável do que a combinação de masmorra e pátio de exercícios militares proporcionada por Nicolau I. (Hobsbawm, 2012, p. 213-214)

Ivan Turguêniev era um desses intelectuais, e as características gerais de sua biografia permitem uma compreensão parcial das razões pelas quais sua obra pode ser interpretada como “laboratório do tipo do ‘homem supérfluo’” (Antoniasse, 2016). Turguêniev descendia de família tradicional aristocrática, de origem tártara, e sua infância na propriedade rural de Spasskóie-Lutovinovo, na província de Oriel, foi marcada pela intolerância despótica da temível figura da mãe, Bárbara Petrovna. Turguêniev admitiria em suas memórias que crescia “entre surras e tormentos”, apesar do carinho que a mãe também lhe dedicava. Os maus-tratos a que Petrovna submetia os servos da família seriam decisivos na formação moral do escritor: “Turguêniev teve ocasião de viver e censurar amargamente no lar paterno ‘esplêndidas’ proliferações da servidão, ou seja, os irreprimidos arrebatamentos do capricho e da arbitrariedade” (Brückner, 1929, p. 144-145). Na casa de Petrovna, “reinava o idioma francês; o russo era tratado com desprezo absoluto” (Chostakowsky, 1948, p. 206). A educação do jovem Turguêniev foi complementada em uma escola alemã em Moscou. Frequentou a universidade dessa cidade, primeiramente, depois transferiu-se para São Petersburgo, onde finalizou os estudos universitários em 1837. Dominava o idioma francês, o alemão e o latim. Morto o pai, solicitou à mãe autorização e recursos financeiros para uma viagem de estudos à Alemanha. Em Berlim, integrava o círculo de estudantes russos, onde iniciou amizades duradouras — entre as quais, Mikhail Bakúnin, que serviria de inspiração a *Rúdin*.<sup>8</sup> O círculo de jovens era formado por futuros intelectuais que “entusiasma[va]m-se com a filosofia hegeliana e trabalha[va]m com

---

<sup>8</sup> Venturi é um dos poucos autores que minimiza esse influxo e oferece subsídios para uma relativização da influência de Bakúnin na composição de *Rúdin*: “Quanto a Turguêniev, também ele ficou impressionado pela personalidade de Bakúnin, ainda que, no herói de seu romance *Rúdin*, tenha representado dele apenas os aspectos caricaturais e negativos. Tchernichévski protestou violentamente contra esse comportamento de Turguêniev: ‘Ao invés de um retrato, fez uma caricatura, como se um leão se prestasse a isso’. De resto, o próprio Turguêniev disse que em *Rúdin* queria retratar Bakúnin, mas que não conseguiu. ‘Rúdin foi ao mesmo tempo superior e inferior a ele’. Esse episódio é interessante também para constatar o quanto muitas vezes a literatura russa dessa época fosse ligada à realidade política, mas como, por outro lado, haja pouco para retirar dela sobre a história real daqueles homens e movimentos” (Venturi, 1952, p. 80, nota 2, tradução livre).

afinco” (Chostakowsky, 1948, p. 207). O retorno à Rússia, em 1840, atormentou Turguêniev: os “aspectos sombrios da vida russa”, como sintetizou Chostakowsky, motivaram uma nova viagem a Berlim e à Itália. Para Chostakowsky, Turguêniev “viveu um drama íntimo, vivido antes, junto e depois dele, por milhares e milhares de intelectuais russos, e que se resume em uma fórmula simples: com seu povo, ou divorciado dele?” (Chostakowsky, 1948, p. 208). A “tendência ocidentalista” do escritor é fundamentada em sua formação europeia: “mergulhei de cabeça no mar alemão que devia purificar-me e renovar-me e, quando finalmente saí de suas ondas, vi-me transformado em ocidentalista, e assim permaneci para sempre” (Turguêniev apud Chostakowsky, 1948, p. 208).

Essa tendência de Turguêniev encontra sentido como posicionamento intelectual no debate travado — muitas vezes com ênfases ásperas — entre “eslavófilos” e “ocidentalistas”, calcado em doutrinas acerca do destino da Rússia e das estratégias de inserção no concerto das nações com vistas ao progresso. A diatribe mobilizou praticamente toda a *intelligentsia* e repercutiu nos mais diversos setores da vida social russa. Ambos os movimentos intelectuais extrapolaram o âmbito do pensamento político e dividiram fileiras entre os pensadores. Ainda que existissem variantes internas nas duas filosofias, elas podem ser sistematizadas em linhas gerais.

Os eslavófilos clássicos integravam um grupo de notável homogeneidade. Todos eles pertenciam a um número reduzido de famílias da nobreza, com frequência aparentadas entre si, e originárias da Rússia central e oriental. Todos eles, da mesma forma, haviam sido educados em Moscou, que tinham como seu lar intelectual. São Petersburgo era considerada símbolo do estrangeirismo e da corrupção trazidas à vida pública russa pelo Ocidente hostil. [...] A fórmula política dos eslavófilos, desenvolvida sobretudo como resultado dos estudos de K. S. Axákov sobre a história russa, era a seguinte: ‘plenitude de poderes para o czar, liberdade de opinião e conselho para a terra’, ou seja, para o povo. Essa fórmula — sustentavam — havia sido frutífera para a Rússia desde o período kieviano até a implantação, por Pedro, o Grande, do absolutismo ocidental e, por consequência, a Rússia deveria voltar a ela. (Utechin, 1968, p. 110, tradução livre)

O foco da doutrina eslavófila estava na recusa ao movimento em direção à Europa, empreendimento lançado sistematicamente por Pedro, o Grande no início do século XVIII. Frank explica:

Os eslavófilos, especialmente Kirêievski, salientaram que o excessivo racionalismo da cultura ocidental tinha destruído a ‘integridade’ do *eu* e levado a uma profunda ruptura da personalidade, que só poderia ser curada pela fé. (A dramatização dessa ruptura e a luta para ganhar novamente a ‘integridade’ é, claro, um dos grandes temas da literatura russa do século XIX.) (Frank, 1992, p. 69, grifo no original)

Já os ocidentalizantes “tomaram precisamente a direção oposta”:

Os ocidentalizantes são muito mais conhecidos (Bakúnin, Bielínski e Herzen são os mais importantes) e todos eles passaram por uma evolução mais ou menos similar.

Começaram com alguma forma de romantismo social ou filosófico, mergulharam em Hegel, seguiram sua recomendação de prestar atenção à ‘realidade’ e, finalmente, inspirados pelos hegelianos de esquerda e particularmente por Feuerbach, voltaram-se para uma filosofia da ação política a fim de transformar o mundo à luz da razão consciente. O ideal, tal como no jovem Marx, era fundir os resultados da filosofia alemã com o ativismo político francês. (Frank, 1992, p. 70)

O ocidentalismo, tomando o termo em seu sentido mais amplo (afirmando que a Rússia era essencialmente idêntica à Europa ocidental, ou ao menos que deveria segui-la ou imitá-la) foi a tendência dominante no pensamento político russo ao longo de todo o século XIX e início do XX. Dizemos dominante no sentido de haver contado com um número maior de porta-vozes literários que qualquer outra tendência. A orientação ocidentalista básica levou inevitavelmente seus seguidores a precisar melhor o que admiravam exatamente na Europa ocidental ou quais eram as características que a Rússia tinha em comum com ela. Consequentemente, foi natural que os ocidentalistas, após um breve período inicial de relativa unidade (as décadas de 1830-1840 e inícios da seguinte) frente aos eslavófilos e aos seguidores da teoria da ‘nacionalidade oficial’, se dividissem em diversos ramos, que correspondem *grosso modo* às tendências e partidos da Europa ocidental, até frequentemente se identificarem com eles. (Utechin, 1968, p. 121, tradução livre)

A índole pessoal de Turguêniev agia como mediação nesse caldo intelectual no qual estava deliberadamente inserido. Suas experiências juvenis foram decisivas na formação de seu caráter e os traços mais marcantes de sua personalidade eram a compaixão e um permanente esforço de conciliação.<sup>9</sup> Frank (1992, p. 72) o vê como uma das figuras “humanamente mais atraentes”, ao lado de Herzen, numa grande geração de russos. A tentativa perene de harmonizar diferenças tornou-se uma característica distintiva do escritor, invocada também como a hesitação que causou sua incompreensão pela crítica e principal argumento nos ataques que a esquerda lhe desferiria por ocasião de suas obras mais políticas. A busca por equilíbrio dos diferentes influxos intelectuais que recebia, aliados à sua personalidade conciliadora, convertia-se numa aparente imobilidade indecisa.

O caráter hesitante que sempre demonstrara quando na necessidade de assumir algum compromisso é resultado desta divisão: de um lado, a formação e uma experiência de vida que o inibem de adotar uma posição mais enfática por uma causa; de outro, a consciência social de seu papel de artista que o impelia a fazê-lo [...]. (Antoniasse, 2016, p. 85)

Assim, a atitude de Turguêniev estava encerrada em sua propensão pessoal — resultado de suas experiências e subjetividade profundamente marcadas por um questionamento moral — e nas influências intelectuais originadas de sua educação “ocidentalizante” e das relações com diversos

---

<sup>9</sup> O escritor norte-americano Henry James, autor de artigo laudatório (disponível como apêndice da edição de *Pais e filhos* utilizada neste trabalho) escrito por ocasião da morte de Turguêniev, em 1883, o descreve de modo muito favorável, destacando sua afabilidade: “Achei-o adorável; eu quase não conseguia acreditar que ele se mostrasse — que algum homem pudesse mostrar-se — tão cativante num contato mais estreito. O contato mais estreito apenas confirmou minha esperança e ele permaneceu como o mais acessível, o mais tratável, o menos perigoso de todos os homens de gênio que tive a sorte de conhecer” (James, 2011, p. 334).

personagens da vida russa impelidos, assim como o escritor, à reflexão sobre as condições sociais de seu país. Ivan Turguêniev tornou-se, por índole e intelecto, um “autêntico representante de uma geração supérflua”:

[...] o homem supérfluo é exatamente o resultado de uma incapacidade das gerações pós-1825 de tornarem reais os anseios que traziam dentro de si. Dessa forma, nos retratos que Turguêniev faz do homem supérfluo, o escritor vê sua imagem, ideais, angústias e inquietações. Através deles, o escritor procura compreender sua geração e a si mesmo. (Antoniasse, 2016, p. 85)

É na progressão histórica que o “homem supérfluo” encontrará sua melhor representatividade, à medida que a sociedade russa se aproxima, no final da década de 1850, de uma encruzilhada acerca de seus temas mais candentes, empurrada à frente por fatos sociais traumáticos (como a derrota vexatória na Guerra da Criméia). Se empreendi uma longa contextualização — tanto do ambiente cultural e político russo em que a obra surge quanto de seu autor — é porque, apesar de não se tratar da primeira publicação de Turguêniev a abordar o homem supérfluo, em *Rúdin* ele sistematiza traços gerais da sua geração, ao mesmo tempo que se posiciona, simbolicamente, no complexo panorama que naquele momento se transforma, com a progressiva entrada em cena de uma nova geração, motivada por ideais semelhantes, porém mais radicalizada e apoiada em estratégias diferentes.

*Rúdin* (Рудин), o primeiro romance do escritor, apareceu nos números de janeiro e fevereiro de 1856 da revista *O Contemporâneo* (Современник, *Sovremiênik*). Nas análises sobre a obra de Turguêniev de que fiz uso, *Rúdin* é abordado apenas de forma superficial, ofuscado pela polêmica desencadeada por *Pais e filhos*, seis anos depois. No entanto, meu objetivo aqui é destacar a caracterização da “geração dos 40” que *Rúdin* possibilita, sublinhando os traços distintivos do personagem principal, portadores de efeitos de real fundamentais relacionados ao meio social de sua época. Tanto o enredo quanto a história da obra proporcionam representações poderosas, amplamente inseridas em regimes de verossimilhança e de credibilidade (Pesavento, 2005).

No momento em que *Rúdin* foi publicado, Turguêniev já contava com a admiração de um setor da *intelligentsia* — e com a aversão da camada mais empedernida da classe aristocrática russa. Seus contos, publicados desde 1847 e reunidos no volume único *Memórias de um caçador* em 1852, haviam tornado seu nome conhecido pelas descrições bucólicas que faziam da vida agrária russa, ao mesmo tempo que desvelavam as relações humanas subordinadas à convenção social do

sistema de servidão.<sup>10</sup> No conto *Hamlet do distrito de Schigrí*, Turguêniev esboçava o tema central sob o qual se debruçaria em *Rúdin*: a distância entre palavra e ação.

Após se envolver sentimentalmente com a cantora lírica Mme. Viardot-Garcia, Turguêniev passou a viver entre a França e a Alemanha, frequentando o círculo social da artista. Do exílio voluntário, publicou seu primeiro romance, *Rúdin*, em 1856, com o que se inicia seu período mais fértil como escritor e cujo maior mérito é

condensar todas as qualidades típicas e todos os defeitos de sua própria geração: o incentivo de um elevado ideal moral e de interesses filosóficos e estéticos — criados em grande parte pela influência da filosofia e da poesia alemãs — e uma fé entusiasta na verdade e no bem. Porém a teoria não tem nada a ver com as realidades da vida russa, surgindo daí a triste desarmonia entre a palavra e a ação, assim como a incapacidade para atingir a realização de seus ideais, apesar de uma disposição evidente para a auto-análise e a reflexão. (Chostakowsky, 1948, p. 213-14)

Enquanto composição literária, *Rúdin* exibe uma das características mais salientes da obra de Turguêniev, que é a relativa simplicidade<sup>11</sup> da trama,<sup>12</sup> e compreende 12 pequenos capítulos e um epílogo. A ação do romance desenvolve-se no cenário aristocrático rural russo — de localização geográfica não especificada<sup>13</sup> — e tem como centro a casa senhorial da viúva Dária Mikháilovna Lassúnkaia, rica proprietária de terras. À sua volta reúne-se um *entourage* composto de agregados das mais diferentes origens sociais, funções e relações pessoais, além da filha Natália (de 17 anos) e dos filhos menores Vânia e Piêtia (de dez e nove anos). Konstantin Pandaliévski é empregado “na qualidade de filho adotivo ou parasita”,<sup>14</sup> tem um estilo bastante afetado por estrangeirismos euro-

<sup>10</sup> *Memórias de um caçador*, mesmo com a “ausência de qualquer tendência política na narração”, segundo Chostakowsky (1948, p. 211), foi visto como revolucionário pela classe dirigente por apresentar os nobres proprietários “sob aspectos ridículos, caricaturais e ainda ofensivos à sua honra”, conforme memorando do ministro da Instrução Pública. Chostakowsky explica que “naturalmente, as conclusões se impõem, mas o significado social da obra somente se descobre no conjunto da coleção”. Turguêniev foi condenado a prisão domiciliar por um mês.

<sup>11</sup> Vladimir Nabokov, em suas *Lectures on Russian literature*, é bastante severo na avaliação do escritor e chega mesmo a afirmar que Turguêniev carece de imaginação literária (Frank, 1992, p. 55).

<sup>12</sup> “Reunido no verão na propriedade rural da rica viúva Dária Mikháilovna, o círculo de personagens do romance aguarda com ansiedade a chegada de um barão intelectual. Em vez disso, é surpreendido com a chegada de Dmitri Nikoláievitch Rúdin, que imediatamente seduz a imaginação de todos com seu discurso arrebatado e apaixonado. Satisfeita com sua inteligência e sagacidade, a anfitriã, que se deleita na companhia de homens espirituosos, o convida a ficar” (Bianchi, 2012, p. 190).

<sup>13</sup> Auerbach sustenta que, excetuando-se Moscou e São Petersburgo, “raramente as cidades, as vilas ou as províncias são designadas com exatidão”, e argumenta que essa inexatidão, ou mesmo a dissimulação da localização geográfica, é um dos traços distintivos da literatura russa, que busca caracterizar uma “uniformidade da população e da sua vida neste país tão extenso, uma unidade evidentemente espontânea ou, pelo menos, existente há muito tempo, de tudo o que é russo, de tal forma que frequentemente parece supérfluo indicar em que região a ação se desenrola em cada caso” (Auerbach, 1976, p. 468)

<sup>14</sup> A fim de evitar a sobrecarga do texto com a repetição excessiva da referência, deste ponto em diante, até o final do capítulo, todas as citações diretas remetem à edição de *Rúdin* objeto desta análise (Turguêniev, 2012), exceto quando especificado.

peizantes, é malicioso e subserviente; Bassístov, jovem idealista<sup>15</sup> de 22 anos que “concluía recentemente os estudos”, atua como preceptor das crianças; *mademoiselle* Boncourt, francesa, “solteirona velha e seca”, governanta da casa, exerce vigilância constante sobre Natália. O meio social extra-familiar é formado pelos vizinhos e frequentadores da casa de Lassúnkaia. Aleksandra Pávlovna Lipina, “jovem senhora”, “viúva sem filhos e bastante rica”, divide uma grande propriedade com o irmão, Serguêi Pávlovitch Volíntsev, oficial de cavalaria reformado e solteiro. Mikháilo Liéjnev é outro proprietário da região e amigo de Lipina e Volíntsev, mas mantém-se, por disposição de temperamento, alheio ao núcleo familiar de Dária Lassúnkaia. O grupo de personagens se completa com “um tal de Afrikan Semiónitch Pigássov”, que o narrador procura compor de forma repulsiva: “homem estranho”, “exasperado contra tudo e conta todos — sobretudo contra as mulheres — altercava da manhã à noite”. Pigássov é caracterizado como um *self made man* inescrupuloso e vil. Dária o recebe “de bom grado: suas tiradas a divertiam”. Considerando os termos simbólicos de construção do romance por Turguêniev, penso ser possível a leitura de Pigássov como o “homem médio” da camada abastada russa: moralmente criticável — preconceituoso, torpe, corrupto (aceitou suborno quando era funcionário público) — e raso (“autodidata não por amor à ciência, na realidade Pigássov sabia muito pouco”).

O narrador, indeterminado, oferece pontos de vista variados: o que pensam os personagens e o que é pensado deles; por vezes, dirige-se diretamente ao leitor. A descrição, um dos méritos mais reconhecidos de Turguêniev,<sup>16</sup> é exercida com atenção especial ao cenário natural, às atitudes e às reações retroalimentadas pelas interações entre os personagens.

Rúdin, o protagonista, aparece em cena no início do terceiro capítulo, portando a Dária as escusas do barão Muffel, que era aguardado pela anfitriã. A presença de Rúdin é ali inesperada e suas referências são totalmente desconhecidas pelos convivas, exceto pelo fato de pertencer ao círculo do barão, que lhe serve de credencial social. Sua compleição não causa efeito particular algum — “cerca de trinta e cinco anos, alto, um pouco curvado, cabelos crespos, moreno, rosto irregular,

<sup>15</sup> Berlin (1988, p. 159-160) avalia Bassístov como exemplo de personagens que funcionam enquanto contraste ao “homem supérfluo”: “É um estudante universitário, de aspecto comum, desajeitado e deselegante, nem inteligente, nem interessante. Na verdade, não passa de uma criatura comicamente ingênua, apagada, provinciana, um tolo, mas de bom coração, embaraçosamente sincero e aberto. O estudante é um radical, não no sentido de ter posições políticas, intelectuais e morais claras, mas porque abriga uma hostilidade vaga, porém amarga, contra o governo de seu país, os soldados apáticos e brutais, os funcionários obtusos, desonestos e assustados, os padres analfabetos, supersticiosos e adutores. [...] Algumas vezes cômico, outras vezes trágico, frequentemente confuso, falando sem pensar, ineficiente, Bassístov é incapaz de qualquer falsidade ou, pelo menos, de uma falsidade irremediável, de qualquer coisa que lembre sordidez ou traição; às vezes fraco e cheio de autopiedade [...]; às vezes forte e indignado como Bazárov em *Pais e filhos* [...]”.

<sup>16</sup> Nabokov, por exemplo, ainda que profundamente crítico em relação ao estilo de Turguêniev, elogia a “delicadeza de suas paisagens e sensibilidade para texturas e cores” (apud Frank, 1992, p. 55).

mas expressivo e inteligente, com um brilho pálido nos olhos azuis-escuros e vivos [...]. A roupa não era nova e estava apertada, como se tivesse ficado pequena para ele”. Apesar de seus modos polidos e temperamento sagaz, a condição de seus trajes denuncia uma situação financeira problemática.

O cenário da trama é o ambiente aristocrático rural: os papéis sociais estão devidamente acomodados num sistema hierárquico que é compartilhado por todos. O comportamento é mediado por padrões estrangeiros (larguíssimo uso de expressões idiomáticas francesas e de referências ao modo de vida europeu). A vida decorre entre o *salon* (o chá, as leituras, conversações, recitais particulares) e o passeio no jardim, “onde o inevitável encontro se dará sob o caramanchão”, na crítica ácida de Nabokov (Frank, 1992, p. 55-56). Os elementos russos estão presentes em formulações específicas, referências literárias e históricas. Uma “questão ucraniana” perpassa a discussão inicial, na qual Pigássov se mostra preconceituoso para com os “pequenos-russos”, como são chamados os ucranianos, considerando-os cidadãos de segunda classe e fazendo uso de linguagem depreciativa. Pigássov ainda tece considerações sarcásticas sobre o estado da literatura russa daquele momento.

Dária Lassúnskaia é descrita como uma outrora importante personalidade da alta sociedade russa, mas o narrador provê o leitor de ironias e insinuações que relativizam o que é dito sobre a personagem, compondo um panorama no qual a importância social de Dária é inflada por sua própria vaidade, ainda que aceita e compartilhada pelo imaginário de seus dependentes. Esse artifício narrativo permite ao narrador registrar sua visão crítica em meio aos fatos que descreve.<sup>17</sup> Lassúnskaia, na visita que Liéjnev lhe presta a contragosto, para tratarem de negócios, elucida sua visão tradicional, baseada na hierarquia social, assegurando a Liéjnev que pertencem ao mesmo estrato, e sugerindo que devem manter uma relação solidária de classe:

[Liéjnev] — *Não tenho sequer uma casaca apresentável, nem luvas; e além do mais não pertença ao seu círculo.*

[Dária] — *Por nascimento e educação, pertence, Mikháilo Mikháílitch! Vous êtes des nôtres [Você é um de nós].*

Rúdin identifica-se em termos gerais e vagamente: “*Minha propriedade fica na província T...*”; “*Não [sou funcionário público]... Pedi demissão*”; “*Passei um ano [como estudante] em Heidelberg e cerca de um ano em Berlim*”; esses traços, porém, permitem a compreensão de que se trata de um integrante da baixa nobreza russa, vendo-se empobrecido e compelido a exercer pequenos

---

<sup>17</sup> Dária, “orgulhosa e imoral”, não está inscrita naquele rol de personagens femininas característico do autor (definidas pela crítica literária como as “damas de Turguêniev”, тургеневская девушка): mulheres resolutas e determinadas em afirmar suas personalidades, que “não se conformam com a vida monótona de seu ambiente e buscam com fervor uma saída para poder dedicar-se a atividades que apresentem verdadeiro interesse” (Chostakowsky, 1948, p. 216). Será Natália a desempenhar esse papel em *Rúdin*, em franco antagonismo à mãe.

expedientes para sobreviver. Liéjnev menciona a Lipina que Rúdin “*Nasceu em T...v, filho de um pequeno proprietário rural*”. Rúdin explica a Natália a sua condição: “*Como sabe, não sou rico; meus negócios estão arruinados [...]*”. Ele então entrega-se a longos períodos de convivência com benfeitores que acabam por patrocinar seu sustento, animados por seu brilhantismo intelectual e efusividade idealista.

Em sua primeira conversação com os demais, imediatamente desbanca Pigássov (com quem trava de início uma espécie de “duelo dialético”) como centro das atenções da matriarca e de todos os outros, atraindo curiosidade e fascínio sobre si. Rúdin é bem-sucedido em rebater todas as invectivas de Pigássov:

*[...] passei três anos em Dorpat...<sup>18</sup> todas essas assim chamadas considerações gerais, hipóteses e sistemas [...] não servem para nada. Isso tudo não passa de filosofismo — só serve para engabelar as pessoas. Transmitam-nos fatos, senhores, é o que basta. — Realmente! — replicou Rúdin. — Mas e o sentido dos fatos, não é preciso transmitir?*

Na sequência, volta contra Pigássov o próprio conteúdo de seus arroubos anti-intelectuais, convertendo a discussão em discurso moral:

*Queria dizer que todas essas investidas contra os sistemas, as considerações gerais, etc. são particularmente lastimáveis porque, junto com os sistemas, o homem em geral nega o conhecimento, a ciência e a fé nela, e com isso também a fé em si próprio e em suas próprias forças. Os homens, no entanto, necessitam dessa fé: não podem viver unicamente de impressões, é um pecado temer o pensamento e não confiar nele. [...]*  
*Repito, se um homem não tem princípios sólidos em que acredita, se não tem um solo sobre o qual se mantém com firmeza, como poderá se dar conta das necessidades, do significado e do futuro de seu povo? Como poderá saber o que ele próprio deve fazer se...*  
*— Cedo-lhe as honras e o lugar! — proferiu abruptamente Pigássov, inclinou-se e retirou-se para um canto sem olhar para ninguém.*

O fascínio que Rúdin exerce sobre os demais personagens provém da união, exemplificada pelo excerto acima, de desenvoltura intelectual e valores morais extraindividuais elevados; com essas características, filia-se a um humanismo ainda sem clara orientação ideológica que, na Rússia czarista das décadas de 1830 e 1840, não encontraria meio de expressão política direta.

Rúdin passa a contar com a admiração e o amparo de Lassúnkaia. Durante dois meses, exerce sua ascendência sobre todos à sua volta apoiado em sua eloquência e fervor moral e intelectual. “Todos em casa de Dária Mikháilovna cediam aos caprichos de Rúdin: seus menores desejos

---

<sup>18</sup> Atual cidade de Tartu, na Estônia, então parte do Império Russo; a referência é à universidade daquela cidade, importante centro estudantil.

eram satisfeitos”, “*imiscuí-a-se em tudo*”. A intimidade de Natália com Rúdin não agradava Dária. Rúdin tornara-se “*mentor e guia*” da jovem e lia-lhe escritores importantes. “*Rúdin estava todo imbuído da poesia alemã, do mundo do romantismo e da filosofia alemã, e a arrastava consigo para esses recônditos interditos.*” Como típico representante da “geração dos 40”, Rúdin reproduz o conjunto de ideias, valores e princípios filosóficos e sociais de seu meio. Sua formação no idealismo alemão emula aquele de Turguêniev, aliado ao “jargão filosófico de Bakúnin”.<sup>19</sup>

Liéjnev, de início personagem marginal, mostra-se fundamental para a estrutura e para a carga simbólica da trama, na medida em que se revela antigo companheiro de Rúdin em seus tempos de estudante. Diante da profunda impressão causada por Rúdin no círculo pessoal de Lasúnkaia, aumenta a curiosidade e o interesse dos demais personagens por sua história. Liéjnev, então, explicita sua antipatia e a justifica para Lipina, contando que conheceu Rúdin na universidade e que, naquele tempo, o ex-amigo causou-lhe grande admiração. Ambos frequentavam o mesmo círculo de amigos, no qual compartilhavam “*poesia e verdade*”,<sup>20</sup> reunidos em torno de um estudante genial, Pokórski, “*um homem extraordinário*”, que “*atraía muita gente*”, “*todos o amavam*”.<sup>21</sup> Os círculos de amigos — estabelecidos habitualmente no ambiente universitário como confrarias, mas também de tipos estritamente político ou literário — eram a forma básica de comunhão intelectual e de interação pessoal da juventude russa educada.<sup>22</sup> No entanto, o companheirismo juvenil de Rúdin e Liéjnev foi se desgastando: Rúdin “*roubava as ideias dos outros*”. Ao elogiar Pokórski — em comparação a quem Rúdin é apenas “*um pobre coitado*” — Liéjnev afirma que Rúdin é, em essência, uma “*pessoa vazia*”, “*gosta de viver à custa alheia*”, “*é frio como o gelo*” e, enfim, desonesto: “*sua eloquência não é russa*”.

<sup>19</sup> Expressão de A. Herzen (apud Berlin, 1988, p. 272, nota 18).

<sup>20</sup> A expressão de Liéjnev pode fazer referência expressa à biografia de Goethe, *De minha vida: poesia e verdade (Aus meinem Leben: Dichtung und Wahrheit, 1811-1833)*. Goethe, evidentemente, estava entre as principais referências da “geração dos 40” e é citado diversas vezes nas obras de Turguêniev.

<sup>21</sup> Pokórski, como outros personagens importantes de Turguêniev, encontra seu correspondente real entre as relações do autor, tendo como “fio condutor” a personalidade do poeta e filósofo Nikolai Vladímirovitch Stankiévitich (1813-1840), líder do mais famoso círculo de amigos de Moscou (Bianchi, 2012, p. 189, nota 4).

<sup>22</sup> Um dos mais importantes círculos estabeleceu-se em torno de Mikhail Pietrachévski em São Petersburgo durante a década de 1840. Dostoiévski fez parte desse grupo. Em 1849, o czar Nicolau I, alarmado com as agitações sociais do ano anterior e a onda revolucionária europeia, promoveu uma severa repressão aos meios críticos progressistas russos e diversos “pietrachévskis” foram detidos. Julgados, foram condenados à execução em praça pública, o que se revelou uma encenação: o czar havia comutado previamente a pena capital em encarceramento e exílio na Sibéria. Dostoiévski, então com 27 anos, foi condenado a oito anos de detenção no campo de trabalhos forçados de Omsk, mas teve a pena reduzida para quatro, mais prestação de serviço militar. A novela semi-autobiográfica *Recordação da casa dos mortos*, publicada entre 1860 e 1862, resulta dessa experiência (Frank, 1992). Turguêniev frequentou vários desses círculos: em Berlim, estabeleceu amizade sólida com Bakúnin, e, em Moscou, com Herzen (Berlin, 1988, p. 269); já a aproximação com o círculo de Bielínski incutiu-lhe valores morais que levaria para toda a vida e norteariam sua obra (Chostakowsky, 1948).

*[...] então devíamos muito a Rúdin. Pokórski lhe era incomparavelmente superior, não há dúvida. Pokórski infundia um fogo e uma força em todos nós, mas às vezes se sentia apático e calava-se. Era nervoso e doente; em compensação, quando abria as asas — meu Deus! Que páramos não atingia! Chegava às profundezas e ao azul do céu! Mas em Rúdin, nesse jovem belo e imponente, havia muita mesquinharia; chegava até a bisbilhotar; sua paixão era intrometer-se em tudo, definir e explicar tudo. Sua atividade frenética não se exauria nunca... um político por natureza! Falo dele tal como o co-nheci então. Aliás, infelizmente, não mudou.*

Não será a inveja a mover a animosidade de Liéjnev; os defeitos que não pode perdoar em Rúdin são, primordialmente, a leviandade e a incapacidade: “o fato é que as palavras de Rúdin não passam de meras palavras, que nunca se tornarão atos”. O critério para a crítica incisiva de Liéjnev é de cunho intelectual, que logo se converte em censura pessoal. As rupturas nos laços de solidariedade verificadas nesse contexto não necessariamente se dão por divergências políticas: ainda que o espectro político-ideológico russo já seja marcado pela aversão entre eslavófilos e ocidentalistas, ainda não se verifica, nas décadas de 1830 e 1840, uma clivagem tão nítida quanto a que definirá o debate intelectual da década de 1850 em diante com sua progressiva radicalização. Por ora, as antipatias e discordâncias dos “homens dos 40” se baseiam em conceitos e sentimentos difusos, sufocados em parte pela atmosfera repressiva, em parte pelo caráter romântico de seus ideais e paixões. Censurando Rúdin e sua conformação precária à realidade, o próprio Liéjnev estabelece um corte entre o passado romântico-idealista e o seu presente calcado numa adaptação às condições objetivas do contexto social: “Desde então tivemos tempo para ficar mais sensatos, evidentemente”.

Rúdin apaixona-se por Natália, declara-se e seu interesse amoroso é correspondido. No entanto, Natália antevê a desaprovação de sua mãe. No encontro secreto onde acordam seu amor, a conversa entre Rúdin e Natália é testemunhada pelo adulator Pandaliévski, que se compraz em levar a denúncia dessa relação a Dária. Volíntsev preparava-se para declarar-se a Natália quando da chegada de Rúdin, mas retrai-se quando sente-se intimidado pela imponência intelectual de Rúdin e percebe a influência que o rival passa a ter sobre Natália e a admiração que conquista em Dária. Assim se estabelece o conflito do romance: Natália retribui o interesse de Rúdin, apesar da certeza da desaprovação da mãe; Dária, por sua vez, preferiria casar a filha com Volíntsev, que ama Natália.

A disputa entre Rúdin e Volíntsev pelo amor de Natália comporta um alto significado simbólico. No posfácio de sua tradução da novela *A senhoria*, de Dostoiévski, Bianchi (2011, p. 135-136) menciona a leitura do crítico Rudolf Neuhauser do encontro entre o “sonhador” Ordínov e sua amada Katierina como “o encontro entre a *intelligentsia* e o povo”: Ordínov encarna o “intelectual progressista, ocidentalista”, enquanto Katierina expressa a “alma russa”, ambos tendo como anta-

gonista o velho Múrin, “personificação do mal nas tradições nacionais”. Similarmente, vemos em *Rúdin* o confronto alegórico entre o protagonista, representante da *intelligentsia* e do progressismo (e, portanto, daquilo que Pigássov referiu depreciativamente como filosofismo), e Volíntsev, figuração do conservadorismo russo expresso em sua formação militar, seu anti-intelectualismo e seus valores aristocráticos — em suma, outra representação do embate contemporâneo entre ocidentais e eslavófilos. Ambos concorrem por Natália, “*alma jovem e honesta*”, imagem deliberadamente idealizada da Rússia pura, enérgica e benevolente.

*Mesmo porque é pouco provável que o próprio Rúdin sentisse simpatia por Volíntsev, embora o acolhesse sempre com efusividade, o chamasse de cavalheiro e lhe tomasse dinheiro emprestado. Seria difícil precisar o que exatamente sentiam esses dois homens quando, ao se apertarem as mãos amigavelmente, fitavam-se nos olhos...*

Rúdin define Volíntsev como “*um dos melhores exemplos do verdadeiro nobre russo*”, um “*homem de bem*”, elogia-lhe a índole, mas, quando da confrontação pelo favor de Natália, será a condição social de Volíntsev que usará para demonstrar seu desprezo, acima de suas relações pessoais cordiais: “*Por que diabo tinha de procurar esse latifundiário? Que ideia foi essa! Só para suportar desaforos!*” (grifo meu). Por sua vez, Volíntsev, ferido pela correspondência de Natália aos sentimentos de Rúdin, censura o rival em termos igualmente identitários, enquanto membro de um *status* social que é diferente do seu e, mais representativo ainda, que lhe é ameaçador:

*— Permita que cada um — retrucou bruscamente Volíntsev, com os olhos faiscando —, permita que cada um se expresse como queira. Fala-se de despotismo... A meu ver, não há despotismo pior que o das pessoas assim chamadas inteligentes. O diabo que as carregue!*

Mais tarde, Volíntsev reafirma, na forma como expressa as diferenças entre si próprio e Rúdin, esse descompasso entre visões de mundo:

*[...] somos gente simples, não fomos criados a pão de ló, não estamos em condições de acompanhar o voo de mentes tão grandiosas como a sua... O que lhe parece sincero, tomamos por inoportuno e presunçoso... O que lhe é simples e claro, para nós é confuso e obscuro... Vangloria-se daquilo que ocultamos: como então podemos entendê-lo? Perdoe-me: não posso considerá-lo amigo nem estender-lhe a mão... Isso talvez seja mesquinho; mas eu próprio sou uma pessoa mesquinho.*

Por fim, premida pela denúncia de Pandaliévski, Dária interpela a filha, que decide agir. Natália, confirmando a reprovação da mãe ao relacionamento com Rúdin, prepara-se para abandonar a casa materna. Num encontro secreto com Rúdin no lago Arviúkhin, expõe-lhe a situação, informa-lhe sobre a veemente oposição de sua mãe e convida-o a fugirem juntos. Rúdin primeiramente se

maravilha com a postura corajosa de Natália (“*Sempre nobre e generosa em tudo!*”) e então se desespera: “*O que podemos fazer? Submetermo-nos, obviamente*”. Natália se exaspera: “[...] parece que, por falta do que fazer, por tédio, pôs-se a brincar comigo...”; “[...] sabia que o teria seguido, sabia que estaria disposta a tudo? Mas, certamente, da palavra à ação vai uma grande distância, e agora acovarda-se [...]”. Rúdin termina por repreender-se: “*Como fui lastimável e insignificante diante dela!*”.

O ressentimento de Dária para com Rúdin tem sua motivação fundamental em preconceitos sociais que se mostram inabaláveis mesmo diante de sua admiração pelo talento intelectual.

*A informação de Pandaliévski a deixara muito indignada. Sua arrogância mundana fora tocada. Rúdin, um homem pobre, sem títulos e até então um desconhecido, atrevera-se a marcar um encontro com sua filha — a filha de Dária Mikháilovna Lassúnkaia!*

*— Admitamos que seja inteligente, um gênio! — disse ela. — Mas o que isso prova? Depois disso, qualquer um pode acalantar a esperança de ser meu genro?*

*— Por muito tempo, não pude crer em meus olhos — secundou Pandaliévski. — Admira-me muito que não conheça o seu lugar!*

Rúdin acaba por deixar a casa de Dária Lassúnkaia ante a frieza e reprovação de todos, menos Bassístov. Na conversa que travam a caminho da estação, Rúdin lhe fala sobre Dom Quixote e o sentimento de liberdade. O jovem preceptor é o único que se comove com a partida de Rúdin. Natália mostra-se decidida e promete à mãe jamais voltar a falar de Rúdin: “*A tranquilidade aparente de Natália tornava a deixá-la perplexa*”. No dia seguinte, Volíntsev e Lipina comparecem para o jantar: “*O dia transcorreu tranquilo e um pouco enfadonho, mas todos, ao se separarem, sentiam haver retornado à antiga rotina, o que era muito significativo, muito mesmo*”.

A construção alegórica do romance, em seu drama central, codifica o posicionamento deslocado da *intelligentsia* progressista russa no ambiente tradicional da aristocracia conservadora nas décadas de 1830 e 1840. Metaforicamente, o intelectual de valores elevados sente-se comprimido, a ponto da paralisia, entre as estruturas sociais tradicionais, o conservadorismo oficial e seus próprios ideais moralizantes e intencionalidade de cunho humanístico. Assim, Rúdin encontra-se coagido, por um lado, pela resistência intolerante de Dária ao seu relacionamento com Natália e pela animosidade explícita de Volíntsev, representante do poder aristocrático, e por outro, por seus próprios anseios pessoais (o amor de Natália), filosóficos (a fé na ciência e no conhecimento) e sociais (as transformações necessárias em vistas ao “*futuro de seu povo*”). O traço definidor do “homem supérfluo” manifesta-se plenamente então em sua hesitação e, finalmente, na inação e resignação diante das dificuldades — que aqui são pessoais e históricas.

O último capítulo revela o destino dos personagens passados dois anos. Lipina e Liéjnev estão casados e já têm o primeiro filho. A redenção de Liéjnev, importante elemento da narrativa, processa-se após essa estabilização em sua vida: se, de início, mostra-se arredio ao convívio com seus pares, frio e pragmático, ressentido e mordaz para com Rúdin, agora defende o antigo companheiro. Bassístov, chegado de Moscou (onde o círculo de Dária reside), traz uma carta de Volíntsev à irmã, informando que Natália aceitou sua proposta. Nessa ocasião, Liéjnev interpela Bassístov sobre o paradeiro de Rúdin. O rapaz explica que por algum tempo mantiveram correspondência, mas que já há tempos não sabe dele. Pigássov o deprecia, invocando os empréstimos de dinheiro tomados por Rúdin de Dária, Volíntsev e Liéjnev, mas Liéjnev sai em defesa do ex-amigo, faz um discurso em sua homenagem e propõe um brinde em sua memória. Bassístov reage à fala de Liéjnev: “[...] juro-lhes que esse homem [Rúdin] sabe não apenas como nos sacudir: ele nos tira do lugar, não nos deixa ficar parados, vira-nos pelo avesso, nos incendeia!”. Em meio a essa cena de celebração, a narrativa muda e se volta, nesse mesmo dia, para Rúdin, que “*numa das províncias mais remotas da Rússia*” viaja em uma carruagem em estado miserável, é tratado com insolência pelos mujiques e “*carrega a própria bagagem*”: “*Havia uma espécie de impotência e de melancolia resignada em sua postura curvada...*”. Toda a ambientação da cena indica o sentido errante da vida de Rúdin, sua estafa mental e física e a situação de abandono em que se encontra.

O epílogo da obra descreve uma cena passados “*mais alguns anos*”. Durante uma noite de outono, Liéjnev se hospeda numa “*cidade de província*” durante uma viagem e lá encontra Rúdin em estado lastimável, “*um homem de estatura elevada, quase completamente grisalho e curvado, vestindo uma sobrecasaca velha de botões de bronze*”. Rúdin afirma vagamente que deve partir naquela mesma noite (“*vim parar aqui por acaso*”), mas Liéjnev o convida a jantar. Os amigos reaproximados regozijam-se com lembranças dos tempos de estudante, “*recordam-se de muitas coisas e de muitas pessoas — vivas e mortas*”. Liéjnev repara na mudança de Rúdin:

*Os olhos fitavam de outro modo; em todo o seu ser, nos movimentos, ora lentos, ora desconexamente abruptos, na maneira de falar entorpecida, como que fragmentada, manifestava-se um cansaço definitivo, uma mágoa secreta e silenciosa, muito diferente daquela tristeza meio afetada que costumava ostentar, como em geral ostenta a juventude cheia de esperança e de amor-próprio confiante.*

Rúdin se dirige a Liéjnev tratando-o por “*senhor*”, indicando uma submissão instintiva; Liéjnev o repreende por esse comportamento. Perguntado sobre sua vida desde o verão na casa de campo de Lassúnkaia, Rúdin alude a diversas atividades vacilantes e lhe fala sobre alguns empre-

endimentos malfadados a que se lançou, “*alguns casos em que eu começava a acreditar no sucesso*”, retornando, porém, invariavelmente ao seu estado errante.

Liéjnev, durante essa cena, mostra-se indulgente e solidário em relação a Rúdin — da mesma forma como se manifestou tempos antes para Lipina, Pigássov e Bassístov —, e procura mesmo animar o amigo e lhe louvar os méritos.

— *Nossos caminhos se separaram — continuou Liéjnev —, talvez, justamente porque, graças à minha condição, ao meu sangue-frio e a outras circunstâncias felizes, nada me impediu de ficar pregado na cadeira e permanecer como um espectador, com os braços cruzados, enquanto você teve de sair a campo, arregaçar as mangas, labutar e trabalhar. Nossos caminhos se separaram... mas veja como estamos próximos um do outro. Afinal, falamos quase a mesma língua, bastam meias alusões para entendermos um ao outro, crescemos com os mesmos ideais. Pois restaram poucos de nós, meu amigo; pois você e eu somos os últimos dos moicanos! Podíamos divergir e até mesmo nos hostilizar nos velhos tempos, quando tínhamos uma vida inteira pela frente; mas agora, quando a multidão em torno de nós está rareando, quando as novas gerações passam por nós com propósitos que não são os nossos, temos de nos segurar fortemente um no outro.* (grifos meus)

Essa é uma passagem fundamental, que caracteriza a potencialidade da representação contida em *Rúdin*. Liéjnev, ao restabelecer sua admiração e o laço de solidariedade que o une a Rúdin, o faz invocando as suas afinidades intelectuais, a visão de mundo que compartilharam e que agora os diferencia, o pertencimento a uma geração que ficou “para trás” dos jovens da geração seguinte. O caráter histórico da sucessão de abordagens e leituras — intelectuais, filosóficas, sociais — da realidade está representado nessa identificação que Liéjnev propõe entre o “nós”, a “multidão” que formava a geração “dos 40”, e “eles”, “as “novas gerações”, ainda indefinidas em seus propósitos. Liéjnev distingue-se de Rúdin por seu pragmatismo, objetividade, “circunstâncias felizes” e “sangue-frio”, indicando uma capacidade de adaptação à realidade da qual Rúdin se ressentia. Mas, ao assistir a derrocada de um ex-companheiro, solidariza-se com base na comunhão de ideais que um dia alimentaram e, por fim, perfila-se como um “homem dos 40” renegado que sucumbiu ao temor de um desajuste social e se enquadrou friamente, ainda que com relutância, no *status quo* da sociedade russa. Liéjnev procura redimir-se exaltando o amigo e o convida a ficar em sua casa: “*Os pensamentos também têm seus inválidos: pois que também tenham um asilo*”. Rúdin, no entanto, recusa e despede-se para retomar seu caminho incerto: “*Obrigado, meu amigo — continuou ele. — Obrigado! Não me esquecerei do que fez. Mas não mereço um abrigo. Estraguei minha vida e não servi às ideias como deveria...*”.

Quando da publicação original do romance, em 1856, *Rúdin* terminava com a cena descrita acima entre o protagonista e Liéjnev. No entanto, após a morte de Nicolau I e a subida ao trono de

Alexandre II, com a relativa distensão na política repressiva e a “movimentação mais ativa no cenário literário” (Bianchi, 2012, p. 197), Turguêniev acrescenta, em 1860, um novo final para o romance por ocasião da publicação de suas obras reunidas. Nele, Rúdin morre no último dia das barricadas de Paris, no contexto das revoluções de 1848, “a 26 de junho [...], sob o calor sufocante do meio-dia”, anônimo, alvejado por “um fuzileiro de Vincennes” em uma barricada já derrotada enquanto “em uma das mãos segurava uma bandeira vermelha, na outra — um sabre curvo e cego [...]”. O ato final de Rúdin, dramático e estéril,<sup>23</sup> evoca a análise proposta pelo próprio autor em seu ensaio<sup>24</sup> *Hamlet e Dom Quixote*, do mesmo ano, acerca da relação entre o entusiasmo e o altruísmo quixotesco e o egoísmo e a reflexão paralisante hamletiana.

O “homem supérfluo” encontra seu ocaso na segunda metade dos anos 1850 (Frank, 1992, p. 240), no exato instante em que Turguêniev compõe *Rúdin*, o que, conforme procuro demonstrar nos capítulos seguintes, representa o posicionamento do autor face às transformações do discurso político. Com seu primeiro romance, Turguêniev procura prestar um testemunho das possibilidades de sua geração e justificar as suas escolhas.

Rúdin morre com bravura, mas inutilmente [...]. Mas nem isso lhe era possível em sua pátria. Mesmo que Rúdin tivesse coragem e caráter, o que poderia ter feito na sociedade russa de sua época? Esse homem ‘supérfluo’, antepassado de todos os discursadores simpáticos, fúteis e incapazes da literatura russa, poderia, deveria, levando em conta as circunstâncias de sua época, ter declarado guerra à odiosa dama aristocrática e ao seu mundo, perante o qual ele capitula? O leitor fica sem orientação a respeito. (Frank, 1992, p. 272)

Carr reforça o sentido de coação das circunstâncias históricas sofrida pela “geração dos 40” e destaca os limites a que o “homem supérfluo” que a representava se via restringido:

Se pensarmos no ‘homem supérfluo’ como um proscrito, estaremos corretos. Isso se deve principalmente aos rígidos binários que definem a vida da maioria das pessoas. O século XIX russo foi definido por tais binários, especificamente aqueles associados

<sup>23</sup> Wilkinson (1984, p. 27), no entanto, vê o episódio derradeiro de Rúdin como redenção pessoal, “através de um ato de vontade”; sua leitura do desfecho do romance me parece excêntrica e é um tanto estranha à formulação, por Rúdin, de sua própria condição, na medida em que sua morte vã confirma o que havia afirmado a Natália em uma carta (citada como epígrafe deste capítulo) de que acabaria por sacrificar-se “por uma tolice qualquer” em que nem mesmo acredita.

<sup>24</sup> Esse texto, apresentado por Turguêniev como palestra em janeiro de 1860 em benefício da Sociedade de Amparo aos Literatos e Cientistas Necessitados, lança luz sobre a perspectiva do autor a respeito das motivações pessoais e das diferentes índoles na abordagem de questões filosóficas e sociais. Frank (1992, p. 85) interpreta o artigo como “uma resposta mais velada aos críticos radicais” que atacavam sua obra. De qualquer maneira, Dom Quixote e Hamlet representariam polos referenciais de caráter pessoal: “Turguêniev argumentava que tanto o homem de ação fanático (D. Quixote) quanto o ‘homem supérfluo’, paralisado pela indecisão (Hamlet), eram figuras simpáticas e igualmente trágicas, cada um representando certos valores humanos que transcendiam sua situação imediata”. O texto está disponível como apêndice à edição de *Pais e filhos* utilizada neste trabalho (Turguêniev, 2011).

com a questão ocidente-oriental [debate Ocidentalistas vs. Eslavófilos], que incitou a busca do país por identidade na cena mundial. Colocado contra esse pano de fundo histórico, podemos certamente ver o ‘homem supérfluo’ como um indivíduo que foi jogado para as margens da vida e que não mantém nenhuma agência em sua luta contra as forças históricas e temporais. (Carr, 2016, p. 2, tradução livre)

Será exatamente para retomar essa agência “contra as forças históricas e temporais” que os “homens novos” da geração seguinte se insurgirão e, na medida em que o fizerem, se diferenciarão por postura e ideário de seus predecessores intelectuais. A expressão literária melhor acabada desse novo elemento da sociedade russa será Ievguêni Bazárov, personagem principal de *Pais e filhos*: sua concepção de mundo e atitude “niilista” representam a face do radicalismo ascendente da passagem da década de 1850 para a de 1860, momento definidor da história russa. Turguêniev tem o mérito de reter esse movimento numa representação poderosa, de alto significado simbólico. Seu personagem e seu romance serão os objetos de análise no próximo capítulo.

## 2. BAZÁROV: UM “HOMEM NOVO”

“Se ele [Bazárov] é chamado de niilista, então é preciso ler ‘revolucionário’.”  
Turguêniev, em carta a Sluchévski

Ivan Turguêniev publicou outros dois romances na sequência de *Rúdin: Ninho de nobres*, de 1859, e *Nas vésperas*, de 1860. Ambos estavam imbuídos do mesmo olhar social codificado e da mesma preocupação em abordar literariamente os temas candentes da sociedade russa.<sup>25</sup> O engajamento na realidade, o “papel social do escritor” defendido por Bielínski, nunca foi posto de lado por Turguêniev, que desenvolvia sua leitura do contexto movido pela fidelidade às ideias de responsabilidade do artista encampadas pelo amigo. Esse compromisso assumido com o debate de sua contemporaneidade ensejará a obra mais famosa do escritor, que desencadeará cerradas reações de incompreensão, de rejeição e, em muito menor medida, de aprovação. Ao mesmo tempo que oferece a representação do panorama da transição da década de 1850 para a seguinte — com seus debates inflamados e busca de caminhos —, Turguêniev formula, sobretudo, a imagem do que viria a se tornar um ícone intelectual, pretense emblema identitário de novos atores sociais cujo altíssimo poder de significação originou a maior polêmica da história da literatura russa.

O romance *Pais e filhos* (Отцы и дети, *Ottsi i diétti*), publicado na revista *O Mensageiro Russo*<sup>26</sup> no inverno de 1862, provê o debate social e político russo de meados do século de dois símbolos: um nome, Ievguêni Bazárov, e um totem conceitual, o “niilismo”. A obra surge exatamente um ano após a promulgação do decreto que abolia o regime de servidão na Rússia e a consequente frustração — principalmente entre os setores progressistas da camada intelectual — que se seguiu. O ambiente estava repleto de polêmicas impelidas por uma nova geração de pensadores e homens

<sup>25</sup> *Ninho de nobres*, além de repetir uma personagem feminina forte em Lisa, retrabalha a figura do “homem superfluo” no protagonista Lavrétski: “É já um passo adiante em comparação com Rúdin, pois enquanto este nem sequer consegue determinar sua própria posição no ambiente pátrio nem conciliar as palavras altissonantes com as realidades da vida, Lavrétski se orienta perfeitamente no clima russo” (Chostakowsky, 1948, p. 215). *Nas vésperas* faz menção ao período prévio às reformas liberais de Alexandre II e desenvolve sua história no contexto factual da Guerra da Criméia. Seu herói é o búlgaro Insárov, que luta pelo fim do jugo turco sobre seu país: Turguêniev — por temor à censura ou por crítica à índole de seus conterrâneos em relação às questões sociais — coloca o protagonismo em um estrangeiro. A heroína, a russa Helena, dá sequência à linhagem criativa do autor de mulheres resolutas, resistindo às pressões de seu ambiente social ao casar com Lavrétski e acompanhá-lo. Insárov, “no qual não há nenhum traço de indecisão” (Chostakowsky, 1948, p. 216), esboça, de certa forma, o protagonista de *Pais e filhos* como o homem de atitude e valores práticos.

<sup>26</sup> A passagem de Turguêniev da revista *O Contemporâneo* (*Sovremiênik*) para *O Mensageiro Russo* (*Русский вестник*, *Russkiy Vestnik*) após a publicação de *Nas vésperas* ilustra a tensão que se erguia no seio da *intelligentsia* e que definiria as relações pessoais e intelectuais entre as décadas de 1850 e 1860. As causas e implicações da mudança de espaço editorial pelo escritor serão analisadas no capítulo 3.

de letras e Bazárov se prestava a retratar o segmento mais radical da *intelligentsia* — se não em seu ideário político-ideológico, de difícil abordagem, ao menos em relação ao que o escritor interpretava como a índole e a visão de mundo compartilhadas pelos “homens novos” da década de 1860.

*Pais e filhos* retoma a ambientação aristocrática da nobreza rural, mas coloca em cena novas figuras sociais e intelectuais.

O tema central do romance é o confronto entre o velho e o novo, os liberais e os radicais, a civilização tradicional e o novo e austero positivismo, que só se interessa pelo que é necessário a um homem racional. Bazárov, jovem médico pesquisador, é convidado por Arkádi Kirsánov, seu colega de estudos e discípulo, para ir à casa de seu pai, no campo. Nikolai Kirsánov, o pai, é um modesto fidalgo rural, gentil, bondoso, que adora a poesia e a natureza, e acolhe o brilhante amigo do seu filho com uma tocante cortesia. Na casa encontra-se também Pável, irmão de Nikolai Kirsánov, oficial da reserva, um dândi antiquado, que se veste com muito esmero, vaidoso e enfatuado, que foi outrora uma celebridade menor nos *salons* da capital, e agora consome a vida num tédio elegante e irritado. Bazárov pressente um inimigo e tem um prazer deliberado em descrever a si e a seus aliados como ‘niilistas’. Com isso, quer dizer apenas que ele e os que pensam como ele rejeitam tudo o que não pode ser determinado pelos métodos racionais da ciência natural. Somente a verdade importa. Aquilo que não pode ser estabelecido pela observação e pela experiência é um refugio inútil ou daninho — uma ‘droga romântica’ — que o homem inteligente eliminará sem a menor consideração. (Berlin, 1988, p. 276)

A síntese do enredo oferecida por Berlin demonstra o poder de atração de Bazárov, considerado o protagonista da obra: “Bazárov resta como a força individual mais significativa no romance, e sua vida se estabelece como uma rejeição das ilusões românticas e da reconciliação geracional” (Wilkinson, 1984, p. 78, tradução livre). No ambiente aristocrático em que imerge naquele verão no campo, seu destino se liga a Ana Sergueiévna Odíntsova, rica proprietária de terras, jovem viúva. Bazárov apaixona-se por ela, mas luta contra seus sentimentos: na avaliação severa de Berlin (1988, p. 277), Bazárov representa “a voz do novo egoísmo materialista, insensível e desavergonhado”. Essa é, em minha opinião, uma leitura um tanto exasperada do personagem e tem implicações ideológicas que receberão atenção no próximo capítulo deste trabalho, mas que ainda assim dá contornos à atitude de Bazárov perante aquilo que considera afetações irracionais. Suas invectivas se erguem igualmente contra as instituições, as convenções sociais, as crenças religiosas, as emoções humanas e a arte. *Pais e filhos* cobre um recorte temporal pequeno mas fundamental para a compreensão da trajetória de Bazárov: no encontro com Odíntsova, será obrigado a encarar aquilo que despreza e será isso a definir a sua condição.

Esse personagem brutal, fanático, dedicado, que não faz uso de seus poderes, é apresentado como um *vingador da razão humana insultada*; porém, no final, é incuravelmente ferido pelo amor, por uma paixão humana que ele abafa e nega dentro de si

mesmo, por uma crise através da qual é humilhado e humanizado. (Berlin, 1988, p. 278, grifo meu)

Wilkinson (1984, p. 29, tradução livre) vai além ao afirmar que:

Em Bazárov, Turguêniev criou outro herói de seu tempo, uma figura byroniana<sup>27</sup> matizada. Ele é o cínico e nihilista que olha com desdém para a velha ordem e aguarda o seu colapso; o homem que não acredita em nada a não ser impressões sensoriais diretas, que não acredita mais nas ‘frases bonitas’ e nos sonhos românticos da geração mais velha. E, ainda assim, debaixo desse aparentemente impenetrável exterior, existe um ardente idealismo e esperança de mudanças. Bazárov é um personagem que contém oposições irreconciliáveis dentro de si próprio. Ele se torna uma das últimas figuras melancólicas e cismáticas que são herdeiras da tradição byroniana na literatura russa do século XIX.

Hospedado, junto com Arkádi, na residência de campo de Odíntsova, Bazárov procura tenazmente enquadrar seus sentimentos por ela em seu sistema de valores. Ao longo do capítulo XVII de *Pais e filhos*, Bazárov é descrito sofrendo uma progressiva mudança: se antes censurava as “maneiras aristocráticas” de Odíntsova, pouco a pouco passa a dispender mais tempo em sua companhia e a condescender com a postura de sua anfitriã.

*A verdadeira causa de todas essas ‘novidades’ era o sentimento que Odíntsova incutia em Bazárov — sentimento que o atormentava e que ele teria imediatamente contestado com uma gargalhada desdenhosa e uma grosseria cínica, caso alguém aludisse, ainda que de forma remota, à possibilidade do que se passava em seu íntimo. Bazárov era um grande apreciador das mulheres e da beleza feminina, mas considerava o amor, no sentido ideal ou, conforme ele dizia, romântico, um disparate, uma insensatez imperdoável, considerava os sentimentos cavalheirescos uma espécie de aberração ou doença e mais de uma vez manifestou seu espanto: por que não internavam Toggenburg num manicômio junto com todos os trovadores e menestrais?*<sup>28</sup>

Joseph Frank, analisando a recepção de *Pais e filhos* pela crítica radical no momento de sua publicação, o aproxima a *O que fazer?*, romance de Nikolai Tchernichévski que ganhou as páginas d’*O Contemporâneo* um ano depois, em 1863, e que é interpretado como resposta à obra de Turguêniev. Tchernichévski era, à época, um dos principais representantes da “nova gente” e insurgiu-se contra *Pais e filhos* denunciando-lhe a caricatura de Bazárov como expressão de sua corrente. A relação das visões de mundo e dos caracteres de Turguêniev e Tchernichévski será examinada no próximo capítulo deste trabalho, mas por ora é útil destacar o papel que as emoções humanas desempenhavam para ambos os escritores a fim de compreender a carga simbólica de Bazárov. Em *O*

<sup>27</sup> Variante de herói romântico inventada pelo poeta inglês Lord Byron (1788-1824).

<sup>28</sup> Da mesma forma que no capítulo anterior, concentrado em *Rúdin*, neste me absterei de repetir a referência à edição de *Pais e filhos* que está no centro da observação (Turguêniev, 2011); todas as citações diretas da obra são apresentadas em itálico.

que fazer?, Tchernichévski “resolve” os conflitos estabelecidos entre o amor e a abordagem racionalista extrema de Bazárov:

De fato, o desenlace tranquilo do complicado nó amoroso de Tchernichévski visa, claramente, a estabelecer o mais pronunciado contraste com o tratamento que Turguêniev dera a um tema semelhante. Turguêniev, com propósito artístico indefectível, revelara as limitações humanas da ideologia de Bazárov fazendo que ele se apaixonasse. Não há lugar no materialismo de Bazárov para os complicados tormentos — frustração, fúria e impotência íntima — que a paixão o leva a sentir pela primeira vez. Apenas seu fracasso com Madame Odíntsova é capaz de minar sua colossal vaidade e autoconfiança. Tchernichévski aceita ousadamente esse desafio de amor para seus heróis e demonstra como um ‘egoísmo racional’ pode triunfar, apenas com alguma ocasional pontada de dor, sobre as insignificantes perturbações da ultrapassada paixão romântica. Tais ninharias não mais apresentam quaisquer problemas para a ‘nova gente’ que, como médicos de origem social baixa, se assemelham externamente a Bazárov em todos os aspectos. A tentativa de Turguêniev para provar o contrário apenas demonstrou sua má-fé e a incompreensão característica dos românticos senis da década de 1840 para com o temperamento da ‘nova gente’. (Frank, 1992, p. 211)

Mesmo que Frank se mostre demasiadamente judicioso em relação aos radicais da década de 1860 — em parte devido à sua leitura ideológica de Bazárov como antecessor simbólico do bolchevismo —, considero muito coerente sua interpretação a respeito do papel do amor como argumento utilizado por Turguêniev. A derrocada de Bazárov ocorre através do sentimento menosprezado, reduzido a uma formulação estética, que não passa, para o niilista, de uma afetação social que reveste fenômenos naturais biológicos. Ainda assim, Bazárov não é capaz de solucionar a equação que se apresenta em seus sentimentos por Odíntsova. Após a recusa da dama aristocrática, Bazárov refugia-se mais uma vez em sua objetividade científica e despreza em bloco, com força redobrada, as emoções humanas.

— *Você tem amor por seus pais, Ievguêni?*

— *Tenho, Arkádi.*

— *Eles o adoram!*

*Bazárov ficou calado.*

— *Sabe no que estou pensando? — disse, enfim, cruzando as mãos por baixo da cabeça.*

— *Não sei. Em quê?*

— *Penso no seguinte: como é bom que meus pais existam! Meu pai, aos sessenta anos de idade, vive atarefado, fala em ‘remédios paliativos’, trata dos doentes, é generoso com os camponeses, em suma, aproveita a vida. E minha mãe está muito bem: seu dia é cheio de afazeres, e de tantos ahs! e ufas!, que nunca tem tempo de parar e pensar; já eu...*

— *E você?*

— *Penso o seguinte: aqui estou eu deitado junto a uma meda de feno... O lugarzinho estreito que ocupo é tão minúsculo em comparação com o espaço onde eu não estou e onde as coisas não me dizem respeito; e a parcela de tempo que me foi dada para viver é tão ínfima ao lado da eternidade, onde não estive e nunca estarei... Mas neste átomo,*

*neste ponto matemático, o sangue circula, o cérebro trabalha, também ele quer alguma coisa... Mas que vergonha! Que disparate!*

Parece-me importante, ao mesmo tempo que elenco os outros personagens relevantes do romance, registrar certas reincidências na construção narrativa de Turguêniev para *Pais e filhos* e *Rúdin*. Estabeleço essa correspondência não no sentido de uma análise propriamente literária, mas como indício de representações sociais das personagens, importante para meu trabalho na medida em que o autor deliberadamente procura efeitos de real através de alegorias — de onde extraio, *grosso modo*, uma leitura histórica de suas representações. Assim, Pável Kirsánov repete, em linhas gerais, a colocação social e o estilo pessoal de Lassúnkaia: fazem parte de uma nobreza rural outrora frequentadora de círculos requintados das grandes cidades e agora refugiados em suas propriedades de campo, observam maneiras aristocráticas e dão grande ênfase à aparência externa de suas atitudes e às suas credenciais sociais. Simbolizam, em seus contextos, a confiança na hierarquização social e a retração do mundo aristocrático em face da nova configuração da sociedade russa na passagem da década de 1850 para a de 1860. Sítnikov, personagem ignóbil e adulator de *Pais e filhos*, recorda Pigássov — não em sua origem social (Sítnikov é filho de um rico comerciante de bebidas), mas enquanto homens de pouca índole, verborrágicos e de agudos preconceitos, sobretudo contra as mulheres. A repetição de personagens masculinas cujas opiniões agridem tão frontalmente as mulheres de certa forma serve como discurso, da parte de Turguêniev, a respeito da condição feminina na sociedade de seu tempo, sublinhada pela contraposição de diversas personagens que se revelam particularmente sagazes, desprendidas por iniciativa própria das tendências de subordinação de seu contexto. Em *Pais e filhos* é a figura de Evdóksia Kúkchina a cumprir essa função: de “*tendências progressistas*”, Kúkchina, personagem secundária, é intelectualizada e bate-se pelos direitos da mulher, que jura “*defender até a última gota do [seu] sangue*”.<sup>29</sup> Odíntsova e sua irmã Kátia (que ao final acaba por casar-se com Arkádi) são mulheres instruídas e inteligentes — como Natália, em *Rúdin* —, mas não encarnam abertamente ideais e convicções políticas. Penso que essas aproximações possam partir da intenção do autor de construir um discurso alegórico coerente de cunho social sobre pautas do debate russo contemporâneo e marcá-lo pela reiteração de tipos através de sua obra.

O confronto entre o velho e o novo, expresso pelo título do romance, deveria estar apreendido no encontro de *gerações* distintas, porém Bazárov e Arkádi — coetâneos e, teoricamente, com-

---

<sup>29</sup> Kúkchina, em resposta a uma provocação de Sítnikov, vincula diretamente a resistência aos direitos das mulheres à posição eslavófila. “[...] *O senhor é um eslavófilo. É um seguidor do Domostroi* [manual russo do século XVI sobre a organização familiar e doméstica]. *O senhor gostaria de ter um açoite nas mãos!*”.

panheiros ideológicos — diferenciam-se entre si, distanciando-se conforme suas visões de mundo vão se revelando e se moldando ao longo da narrativa. Arkádi se diz discípulo de Bazárov, o que indica que deliberadamente dedica-se a apreender as ideias do amigo, a ser doutrinado no “nihilismo” desse. No entanto, essa transferência de valores, métodos e leituras é apenas superficial: Arkádi, no contexto de proximidade com seu núcleo familiar que o romance narra (o tempo na fazenda de seu pai e de seu tio e a vida em meio à nobreza rural que é sua origem social), perfaz o caminho de retorno, de reaproximação ao universo ideológico de seu pai. Bazárov identifica esse movimento de Arkádi e reage a ele:

— *E agora repito as minhas despedidas... porque não adianta nos enganarmos: estamos nos despedindo para sempre, e você mesmo percebe que é assim... você procedeu de modo inteligente; não foi feito para a nossa vida amarga, áspera e solitária. Não tem audácia, nem fúria, mas a coragem dos jovens e o entusiasmo dos jovens; para os nossos fins, isso não serve. Fidalgos como você não conseguem ir além de uma nobre resignação ou de um nobre fervor, mas isso não adianta. Vocês, por exemplo, não brigam, e ainda se julgam valentes, enquanto nós queremos brigar. Ora bolas! Nossa poeira vai corroer os seus olhos, nossa sujeira vai emporcalhar você todo, e você não terá chegado nem perto de nós, você involuntariamente se encanta consigo mesmo, tem prazer em acusar os próprios defeitos; e para nós isso é maçante, ora, vamos lá, nos ofereçam outros adversários! Precisamos de uma outra gente para fazermos em pedaços! Você é um bom sujeito; mesmo assim não passa de um fidalgozinho liberal e frouxo...*

Nikolai, pai de Arkádi, simboliza não apenas o contraste em relação a Bazárov, em termos geracionais, mas também uma força de atração ao filho. A relação entre os Kirsánov se dá em sentimentos de afetuosidade sincera, ainda que retraída pela influência de Bazárov sobre Arkádi — Bazárov porta-se de acordo com suas convicções diante de seus pais. Interpreto Nikolai como *alter ego* de Turguêniev no romance, a forma como o escritor se coloca diante da tensão entre o velho e o novo simbolizada pela obra. Assim como o autor representou de forma parcialmente autorreferencial seu personagem Rúdin, Nikolai expressa a postura e os valores de Turguêniev na relação com aqueles defendidos por Bazárov.<sup>30</sup> Acredito que Turguêniev situa a si mesmo na oposição angustia-

---

<sup>30</sup> Nikolai Kirsánov pode ser caracterizado como um gradualista, da mesma forma como Turguêniev se definia: antecipa-se à abolição da servidão (o romance se passa em 1859, dois anos antes do decreto de Alexandre II) e reconfigura as relações de produção de suas propriedades — que passa a chamar de “fazenda” para sublinhar a função econômica dessa alteração —, liberta os servos e contrata como administrador um membro da pequena burguesia (“*resolvi não ter mais a meu serviço os ex-servos alforriados, ou pelo menos não lhes atribuir mais nenhuma função de alguma responsabilidade*”). Nikolai mostra-se sensível e benévolo, toca violoncelo, cita Púchkin: simbolicamente, em uma das cenas iniciais da narrativa, Nikolai conversa com o filho e declama versos do *Oniéguin* quando é interrompido abruptamente por Bazárov: “*Arkádi! [...] Arranje-me um fósforo, não tenho como acender o cachimbo!*”. Ademais, em 1862, quando da publicação de *Pais e filhos*, Turguêniev contava 44 anos, a exata idade do personagem Nikolai Kirsánov.

da e respeitosa de Nikolai à frieza extremamente racionalista de Bazárov. Assim, contrapõe a si próprio, representante da “geração dos 40”, o nihilismo da “geração dos 60”.

Dessa forma, penso ser possível localizar os personagens principais de *Pais e filhos* numa espécie de *espectro ideológico*, composto por concepções de mundo, filosofias e valores individuais, subjetividades e imaginários, atitudes e posturas sociais indicados e/ou sugeridos pela obra. Pável Kirsánov representa o polo conservador, imbuído de valores aristocráticos e hierárquicos, apoiando seu ideário na tradição e na estética.<sup>31</sup> Nikolai Kirsánov não reproduz o juízo obstinadamente aristocrático de Pável, mas reconhece pertinência nas distinções sociais; mostra-se, porém, indulgente em suas relações hierarquizadas e empreende um esforço na direção de um progressismo liberal enquanto expressa valores “românticos” característicos da “geração dos 40”. Arkádi atua como elo entre a geração de seu pai e os jovens radicais de seu próprio tempo, mas não é, ele mesmo, um radical; sua devoção aos princípios defendidos por Bazárov revelam-se frágeis e ao longo da narrativa o leitor pode perceber os vínculos que ligam Arkádi a seu meio de origem: Arkádi discorda de seu tio Pável, em relação a quem é condescendente, mas compartilha de muitos dos valores de seu pai. Já Bazárov encontra-se no polo oposto ao de Pável e representa a força destruidora que Turguêniev identificava na radicalidade da “geração dos 60” na recusa àquilo que chamava depreciativamente de romantismo.<sup>32</sup>

Bazárov representa não apenas uma nova abordagem intelectual, mas também simboliza um processo social marcado pela ascensão de um estrato, os *raznochintsy* (разночинцы), portador de significações próprias. É possível perceber, ao longo das décadas de 1850 e 1860, uma progressiva infiltração de homens de letras *raznochintsy* no seio da *intelligentsia*, antes largamente dominada por pensadores oriundos da aristocracia.

A década de 1860 notabilizou-se pela emergência de uma nova geração e de um novo estilo de intelectuais: os *raznochintsy*, ‘homens de várias origens e classes’, termo administrativo para todos os russos que não pertenciam à alta ou à baixa nobreza. Esse termo equivale, mais ou menos, ao Terceiro Estado francês pré-revolucionário; o fato de que os membros desse estado — que, é claro, incluía a vasta maioria dos russos — até então não tivessem figurado como atores na história dá uma medida do

<sup>31</sup> “Frasas casuais e descrições carregam expressivo significado psicológico e social. Os colarinhos das camisas de Pável Kirsánov em *Pais e filhos* definem uma classe social e uma atitude, e explicam por que ele e Bazárov deveriam desprezar um ao outro à primeira vista” (Wilkinson, 1984, p. 87-88, tradução livre).

<sup>32</sup> Aproveitando-se da forma, mas operando uma inversão, a acusação preconceituosa de “filosofismo”, feita por Pigássov em *Rúdin* de forma geral contra os sistemas de conhecimento e cultura, encontra paralelo formal na repulsa de Bazárov pelo “romantismo” interpretado como conjunto de valores ilusórios, despistes de uma abordagem estritamente racional da realidade. A ironia encontra-se no fato de que Pigássov debochava da crença na racionalidade como fator de progresso, enquanto Bazárov acredita que toda leitura não científica da realidade é despropositada e um elemento de atraso.

atraso da Rússia. Quando os *raznochintsy* realmente apareceram — filhos de sargentos, alfaiates, padres de vilas e funcionários —, irromperam em cena com agressiva estridência. Orgulhavam-se de sua vulgaridade franca, de sua falta de requinte social, de seu desprezo por tudo que fosse elegante. O retrato mais notável do ‘novo homem’ da década de 1860 é Bazárov [...]. (Berman, 1987, p. 203-204)

A obra clássica de Franco Venturi, *Il populismo russo*, de 1952, mostra-se fundamental para considerações sobre os segmentos sociais da Rússia de meados do século XIX em suas inter-relações. Frank, utilizando a interpretação de Venturi, afirma:

[...] a Rússia estava dividida em ‘duas nações’ — não a burguesia e o proletariado, mas as classes instruídas e os camponeses. E embora a *intelligentsia* radical sempre falasse em nome do povo, ela tinha tão pouca relação real com ele quanto os nobres, cujos administradores vinham anualmente do campo para entregar os produtos das propriedades. A angústia desse problema se reflete em Dostoiévski e Tolstói, como no isolamento que levou os populistas dos anos setenta pelo caminho do terror sistemático. [...] Uma impressão que surge bem nítida da história de Venturi é a da identidade substancial e paradoxal da opinião política russa por trás das aparentes divergências de contraposições implacáveis. [...] Por essa razão, nenhuma das categorias políticas que costumam ser aplicadas à Rússia — ocidentalizante ou eslavófilo, radical ou revolucionário — se encaixa bem no quadro político russo. Essas categorias são deduzidas, por analogia, das ideias ocidentais de socialismo utópico ou nacionalismo conservador; mas a situação russa contém configurações que não possuem nenhuma contrapartida ocidental. (Frank, 1992, p. 92-93)

Mesmo negligenciado na reflexão de Frank, Turguêniev oferece na figura de Ievguêni Bazárov indícios acurados desse complexo conjunto de inter-relações entre as classes e das distinções sociais russas do período. O niilista de *Pais e filhos* não é de origem nobre: é, de fato, filho de um médico cirurgião do exército cujas propriedades não servem para posicioná-lo na aristocracia fundiária. Enquanto *raznochintsy*, portanto, Bazárov distancia-se de muitos membros da *intelligentsia* que, como Rúdin e o próprio Turguêniev, são oriundos da alta e baixa nobreza. As formulações intelectuais de Bazárov levam-no a se desprender do pano de fundo de sua extração social de forma contraditória e não conclusiva, expressando com eficácia as “aparentes divergências de contraposições implacáveis”. Em uma das mais importantes cenas do romance, Bazárov e Pável Kirsánov travam mais uma batalha dialética. Os dois extremos do espectro político debatem sobre a representatividade do povo<sup>33</sup> encarnada pelos niilistas. O longo excerto a seguir ilustra a instável posição de

<sup>33</sup> A diatribe entre Bazárov e Pável oferece uma representação da questão social concernente ao “povo” no debate político russo mais amplo (entre ocidentalistas e eslavófilos, liberais e radicais, progressistas e conservadores). Nesse contexto, a ponderação de Pesavento (1999a, p. 146) mostra-se bastante útil: “Tendo em vista que o lugar de enunciação e o destino do enunciado se estabelecem com frequência ‘fora’ do povo, teríamos a situação do povo ser sempre o ‘outro’. Ele é uma categoria atribuída, ele é uma alteridade, um outro que se faz presente no discurso. Ele geralmente não emite a mensagem identitária, nem é necessariamente o destinatário do discurso”. Essa consideração é altamente pertinente para *Pais e filhos*: debatido nos contrastes intelectuais das personagens, o “povo” figura em situações episódicas como corroboração às formulações, tanto de um lado do espectro como de outro. Ao

Bazárov, comprimida entre uma noção moral do valor do povo e as bases intelectuais que o distinguem como membro da classe instruída e, em última instância, como ser pensante cujo embasamento se dá estritamente por fatos concretos e verificáveis.

— Não, não! — exclamou Pável Petróvitch, num ímpeto repentino. — Recuso-me a crer que os senhores, cavalheiros, conheçam com exatidão o povo russo, que sejam representantes de suas necessidades, de suas aspirações! Não, o povo russo não é como os senhores o imaginam. Ele venera as tradições como algo sagrado, ele é patriarcal, não pode viver sem fé...

— Não pretendo discutir isso — interrompeu Bazárov. — Estou mesmo pronto a concordar que, neste aspecto, o senhor tem razão.

— E se tenho razão...

— No entanto isso não prova nada.

[...]

— Como não prova nada? — balbuciou, admirado, Pável Petróvitch. — Quer dizer que os senhores vão contra o seu próprio povo?

— E se for assim? — exclamou Bazárov. — Quando estronda o trovão, o povo acredita que o profeta Elias corre desabalado pelo céu em sua carruagem. E então? Vou concordar com o povo? De mais a mais, o povo é russo e eu, por acaso, não sou também russo?

— Não, o senhor não é um russo, depois de tudo o que acabou de declarar! Não posso considerar o senhor como um russo.

— Meu avô lavrava a terra — retrucou Bazárov, com orgulho desdenhoso. — Pergunte a qualquer um de seus mujiques em qual de nós dois, no senhor ou em mim, ele reconhece mais prontamente um compatriota. O senhor nem sabe como falar com um mujique.

— E o senhor fala com o mujique ao mesmo tempo em que o despreza.

— Ora, e quem sabe ele não merece mesmo desprezo? O senhor reprova o meu modo de ver, mas quem lhe disse que esse modo de ver surgiu em mim por acaso, que ele não provém dessa mesma alma do povo em nome do qual o senhor tanto se bate?

Berlin (1988, p. 29) ressalta as credenciais de Bazárov ao afirmar que

Bazárov [...], apesar de seu positivismo e materialismo militantes, além do respeito pelo Ocidente, possui raízes muito mais fundas no solo russo — não sem um certo tímido orgulho — do que os homens da década de 1840, com seu ideal genuinamente cosmopolita, e do que, por exemplo, o imaginário Rúdin ou mesmo o suposto original que inspirou a criação desse personagem — o próprio Bakúnin, em que pese seu panslavismo e sua germanofobia.

---

contrário dos contos de *Memórias de um caçador*, do início da carreira literária de Turguêniev, em *Pais e filhos* o “povo” mantém-se à parte — apesar de compor o centro dos debates —, cedendo espaço para as celeumas que se travam parcialmente em seu nome estritamente no interior da classe letrada. Além de episódios menores na trama, a única exceção a esse padrão é a cena descrita ao final do romance, quando Bazárov, já desiludido em seu interesse amoroso por Odíntsova, trava conversa com “algum mujique” no povoado, pedindo-lhe que explicasse a sua “maneira de ver a vida”, já que “neles” “está toda a força da Rússia”. À visão paternalista e conformista do mujique, Bazárov reage encolhendo os ombros “com desprezo” e vai embora. O narrador prossegue a descrição do ponto de vista do mujique, que afirma: “Você sabe como é um fidalgo; por acaso eles entendem de alguma coisa?”. O narrador complementa: “Quem diria! Bazárov, que encolhia os ombros com pouco-caso, que sabia falar com os mujiques [...], esse mesmo Bazárov tão seguro de si nem desconfiava que, aos olhos dos mujiques, não passava de uma espécie de palhaço...”.

Politicamente, os preceitos intelectuais de Bazárov acabam por reforçar as “aparentes divergências de contraposições implacáveis”. Da mesma forma que, segundo Chostakowsky, Turguêniev “se isenta” de “qualquer tendência política na narração” em *Memórias de um caçador*,<sup>34</sup> em *Pais e filhos* não traça contornos definidos de abordagens políticas senão na forma de alusões muito generalizadas, ainda que utilizando referentes claros.

O romance de fato representa uma crítica da sociedade russa das décadas de 1850 e 1860, mas nunca desliza para o nível do trato político. [...] David Lowe, em seu estudo de *Pais e filhos*, afirma sobre Turguêniev que ele ‘transmuta os conflitos geracionais, ideológicos e sociais dos anos 1860 em confrontos de temperamento e personalidade’. (Wilkinson, 1984, p. 28, tradução livre)

A “grande política” é tratada de forma fluida ao longo da narrativa, pontuando ênfases esparsas e compondo um quadro intelectual maior, sobretudo na diferença de visões entre Bazárov e Pável Kirsánov — como no diálogo a seguir, em que Bazárov rebate a defesa das instituições feita por Pável:

— Nossa discussão já foi longe demais... Creio que é melhor interrompê-la. Quanto a mim, estarei pronto a concordar com o senhor — disse ele, levantando-se —, quando me apresentar pelo menos uma instituição contemporânea, familiar ou social, que não seja digna de uma negação cabal e inapelável.

— Posso apresentar ao senhor milhões de instituições assim — exclamou Pável Petróvitch —, milhões! Veja, por exemplo, a comuna rural.

Um sorriso gelado vergou os lábios de Bazárov.

— Bem, no que se refere à comuna rural — disse ele —, é melhor conversar com seu irmão. Ele agora ao que parece, conhece bem de perto o que é a comuna, o compromisso solidário, a temperança e outras balelas desse tipo.

— A família, enfim, a família, tal como existe entre os nossos camponeses! — gritou Pável Petróvitch.

— Quanto a essa questão, quero crer, é melhor que o senhor não a examine em detalhes. O senhor, por acaso, já ouviu falar dos sogros que mantêm relações sexuais com as noras? Ouça-me, Pável Petróvitch, conceda a si mesmo um prazo de dois breves dias, é pouco provável que encontre alguma coisa de imediato. Recapitule todas as nossas camadas sociais e reflita bem sobre cada uma delas [...].

Pável faz referência à *obschina* (община), a comuna rural camponesa, que, junto com o *mir* (мир, assembleia dos mais velhos), constituía elemento central na criação da ideologia populista das décadas seguintes, emergida dos pensadores radicais da “geração dos 60”. Frank (1992) vê a utilização de instituições tradicionais pela esquerda radical como um ulterior exemplo da complexidade do conjunto político-social russo, uma vez que a *obschina* e o *mir* estão, segundo ele, entre as fontes “eslavófilas e mesmo reacionárias” do populismo. No contexto simbólico de *Pais e filhos*, ambas as instituições servem a Pável como indicadores dos efeitos estabilizantes da tradição. Para

<sup>34</sup> Ver nota 10, à página 27 deste trabalho.

Bazárov, essa e todas as demais instituições estão corrompidas e não merecem respeito ou confiança: esse discurso — plenamente “nihilista” — dispensa uma contraposição política dentro do espectro ideológico reconhecível, e é essa, exatamente, a maior crítica à “geração dos 60” que Turguêniev representa na radicalidade de Bazárov. Bazárov, de fato, recusa a política enquanto ferramenta de ação prática.

— *O materialismo, que o senhor preconiza, já esteve diversas vezes em circulação e sempre se revelou inconsistente...*

— *De novo uma palavra estrangeira! [...] — Em primeiro lugar, não preconizamos coisa nenhuma; isso não faz parte dos nossos hábitos...*

— *O que os senhores fazem?*

— *Eis o que fazemos: antes, em época ainda recente, dizíamos que os nossos funcionários públicos recebiam suborno, que não tínhamos nem estradas, nem comércio, nem tribunais de justiça...*

— *Ah, sim, sim, os senhores são os acusadores, creio ser esta a palavra. Também concordo com muitas de suas acusações, mas...*

— *Depois nos demos conta de que não vale a pena simplesmente remexer em nossas chagas, que isso apenas acarreta vulgaridade e doutrinário; vimos que os nossos homens inteligentes, chamados de homens avançados e de acusadores, não prestam para nada, que nós só perdemos tempo com bobagens, debatemos sobre esta ou aquela arte, sobre criação inconsciente, sobre o parlamentarismo, sobre os procedimentos jurídicos e só o diabo sabe o que mais, quando a verdadeira questão é o pão de cada dia, quando a superstição mais grosseira nos sufoca, quando todas as nossas sociedades anônimas vão à falência unicamente devido à escassez de pessoas honestas, quando a própria emancipação dos servos, da qual o governo faz alarde, dificilmente nos trará algum proveito, porque o nosso mujique é capaz de roubar a si próprio só para embebedar-se na taberna.*

— *Pois bem — interrompeu Pável Petróvitch —, pois bem: os senhores se convenceram de tudo isso e decidiram não se dedicar seriamente a coisa nenhuma.*

— *Resolvemos não nos dedicar a coisa nenhuma — repetiu Bazárov, com ar soturno.*

[...]

— *Apenas injuriar.*

— *Injuriar também.*

A representação de Bazárov e sua inserção na trama (sobretudo na contraposição conceitual mas não frontal com Nikolai) servem ao autor para posicionar sua tendência política gradualista, na medida em que Bazárov encarna o elemento exógeno no ambiente social (e intelectual) descrito pelo romance e suas opiniões vão de encontro à visão — mais ou menos aristocrática ou progressista — de praticamente todos os outros personagens. Censurando, por exemplo, os “modos aristocráticos” de Odíntsova, Bazárov atua como elemento perturbador de uma ordem social compartilhada — em escalas distintas — tanto pelo núcleo familiar dos Kirsánov (a família de Arkádi), quanto pelo núcleo de Odíntsova. Bazárov é um *raznochintsy*, o que, a rigor, não basta para sugerir, na representação social utilizada por Turguêniev, um contestador social *per se* — essa função é reforçada pelas ideias de Bazárov em conjunto, enquanto “nihilista”. A ameaça exercida pelas potentes ideias

de Bazárov perpassam diferentes níveis e acepções. Pável e Nikolai Kirsánov a sentem de maneiras distintas. Nikolai, em seu movimento deliberado na direção de um progressismo altruísta, ressentia-se sobretudo no plano cultural, na afronta que o ideário niilista lança às suas convicções sobre o valor da beleza e da sensibilidade humana (ideais “românticos” cultivados pela “geração dos 40”).<sup>35</sup> Pável, por sua vez, sofre ainda com a crítica de Bazárov à estrutura social russa como um todo, à organização hierarquizada baseada em critérios de sangue e riqueza, aos valores tradicionais de todas as classes e à fundamentação intelectual que serve de justificativa a esse estado de coisas.

*Falavam a respeito de um dos senhores de terra das vizinhanças. ‘Um canalha aristocratoide’, comentou Bazárov, impassível, que estivera com ele em São Petersburgo.*

*— Permita que pergunte ao senhor — começou Pável Petróvitch, e seus dentes puseram-se a tremer — se, no seu modo de entender, as palavras ‘canalha’ e ‘aristocrata’ significam a mesma coisa?*

*— Eu disse ‘aristocratoide’ — explicou Bazárov, sorvendo com indolência um gole de chá.*

*— Exatamente isso: mas creio que o senhor tem dos aristocratas a mesma opinião que tem dos aristocratoides. Julgo ser meu dever explicar ao senhor que não compartilho essa opinião. Atrevo-me a dizer que todos me conhecem como um homem liberal e amante do progresso; mas exatamente por isso respeito os aristocratas... autênticos. [...] lembre-se, prezado senhor [...] dos aristocratas ingleses. Eles não abrem mão nem de uma migalha de seus direitos e por isso mesmo respeitam o direito dos demais [...].*

Juntamente com a ascensão do estrato *raznochintsy*, a penetração de ideais novos na *intelligentsia*, com a estridência da qual falava Berman, foi o movimento geral detectado logo em seus primórdios por Turguêniev. A diferenciação entre as gerações representava, em última instância, um embate de interpretações acerca do poder político e da justiça social. A transição entre os valores “românticos” da “geração dos 40” e o populismo russo — que fustigaria o czarismo com cada vez mais veemência até a derrocada desse sistema — tem na crítica radical russa dos anos 1860 o seu ponto de inflexão. Muitos pensadores guiaram essa travessia, mesmo antes de Turguêniev,<sup>36</sup> mas Bazárov, com sua alta significação simbólica, representa a linha geral do processo naquilo que Turguêniev viu como o elemento inovador no discurso político e social entre o fim da década de 1850 e o início da seguinte. Mais do que isso, Turguêniev expressa em Bazárov concepções extraídas

<sup>35</sup> O cap. XI de *Pais e filhos* apresenta Nikolai Kirsánov divagando, solitário, após participar de uma conversa permeada de animosidade entre Pável e Bazárov, ponderando sobre as palavras do amigo do filho: “Mas, repudiar a poesia? [...] Não se sensibilizar com a arte, com a natureza?”. Interpreto esse trecho do romance como tendo a função de apresentar ao leitor as boas intenções de Nikolai, reforçando a sugestão de que o pai de Arkádi é, de fato, o *alter ego* de Turguêniev, disposto a transigências e a uma conciliação entre as partes em disputa — de fato, será esse o principal papel de Nikolai durante as rípidas conversações entre Pável e Bazárov. Nikolai empreende tentativas de manter-se “atualizado”, “no nível das exigências contemporâneas” (ou seja, da “geração mais nova”), “a tal ponto que a província inteira [o] chama de ‘vermelho’”. Sua discordância às ideias de Bazárov, portanto, concentra-se fundamentalmente na recusa conceitual do jovem à sensibilidade “romântica”.

<sup>36</sup> Abordo alguns desses membros da *intelligentsia*, como Herzen, no próximo capítulo.

de problemáticas que são comuns, mas cuja abordagem fundamentalmente não é a sua. O gradualismo do autor choca-se com a radicalidade do pensamento de Bazárov e de seus referentes posicionados no seio da *intelligentsia*, o que tende a resultar em concessões inegociáveis perante os radicais.

Com suas observações, Turguêniev não fazia mais que expressar o estado de espírito dos liberais russos, que confiavam em reformas parciais e locais [...]. As razões adotadas por Turguêniev eram aquelas que explicam exatamente tal comportamento: a luta entre nobres e camponeses era muito intensa, a difidência entre as várias categorias sociais era muito aguda para que o absolutismo não continuasse a servir-se disso e a manter o seu poder, decidido a não criar organismos constitucionais que pudessem lhe atar as mãos. Os liberais russos, inclusive os melhores e os mais experientes, continuavam ancorados às suas concessões ao Estado, à sua fé no absolutismo iluminado. (Venturi, 1952, p. 191, tradução livre)

No complexo panorama político-social russo de meados do século XIX, Turguêniev foi visto como frívolo e demasiadamente transigente (Berlin, 1988, p. 288), mas talvez tenha sido exatamente essa flexibilidade a proporcionar a condição intelectual para a criação de Bazárov, personagem cujo ideário não era que minimamente compatível com o seu. Turguêniev acabou por propor uma representação igualmente complexa do cenário da Rússia e optou pelo confronto, figurativamente, no interior de suas obras, enquanto transigia na vida real. Ainda que entendido como extremamente esquivo — para os padrões das ácidas disputas intelectuais e políticas russas —, o escritor foi fiel a si mesmo.

Ele insistiu repetidas vezes em que suas simpatias iam todas para as vítimas, jamais para os opressores. Elas se voltavam para os camponeses, estudantes, artistas, mulheres, minorias civilizadas, e não para os grandes batalhões. Como podiam seus críticos ser tão cegos? Quanto a Bazárov, havia, é claro, algo muito errado com ele, mas era um homem melhor do que seus detratores. Era fácil demais retratar os radicais como homens de aparência grosseira e corações de ouro; ‘o truque consiste em fazer de Bazárov um lobo selvagem e, ainda assim, conseguir justificá-lo [...]’. (Berlin, 1988, p. 288)

Bazárov, rejeitado por Odíntsova e ferido pelo sentimento que não reconhecia legítimo, acaba morrendo, vítima de um descuido banal, infectado enquanto autopsiava um morto por tifo. Seu final trágico torna coerente o discurso de Turguêniev, para quem seria impossível acomodar o elemento de perturbação no movimento de conciliação que busca e que compõe em seu universo ficcional — o único universo no qual (suponho) sente que possui capacidade de agência direta. Arkádi casa-se com a irmã mais nova de Odíntsova, e seu pai Nikolai desposa a humilde ex-serva Feniêtkha, a quem havia dado proteção e instalado em sua casa. Arkádi passa a residir com o pai. O duplo casamento representa a conciliação das gerações, recusada por Bazárov.

Para Turguêniev, a possibilidade de ambas as reconciliações, social e pessoal, entre as gerações está sempre implícita, muitas vezes explícita. Ievguêni Bazárov torna-se a quintessência do homem alienado da literatura russa do século XIX. Dado o seu temperamento, intelecto e egotismo pessoal, o único caminho que podia tomar dentro de sua sociedade o leva ao empirismo, materialismo e em última instância a uma forma de niilismo que é tanto socialmente engajada quanto pessoalmente autorreflexiva. É um caminho sombrio o que Bazárov percorre, que logicamente deve levar à autodestruição antes que qualquer cataclismo social tenha lugar. [...] Mas a história de Bazárov é apenas uma metade da narrativa de *Pais e filhos*. Arkádi Kirsánov, discípulo de Bazárov por um tempo, finalmente percebe que não é talhado para a solidão e o estoicismo que a visão niilista demanda. A amada de Arkádi, Kátia Sergueiêvna Odíntsova, está correta quando diz a ele que ambos são animais domados, enquanto Bazárov é um animal selvagem. [...] O movimento dos capítulos finais de *Pais e filhos* é remanescente de um romance de Shakespeare. Alienação e incompreensão dão lugar a reconciliação e renascimento. A continuidade essencial da família e das gerações é reafirmada. Mas sobre tudo isso paira a figura de Bazárov, o homem que romperia as limitações da convenção social ou seria quebrado ele próprio. (Wilkinson, 1984, p. 77-78, tradução livre)

*Pais e filhos*, e sobretudo Bazárov, foram interpretados das formas mais díspares, colocados à vista sob as mais diferentes luzes, e representam ideias as mais variadas. O potencial de significado do personagem até hoje impressiona, mas penso que sua representação somente adquire pleno sentido quando observada do ponto de vista histórico, como parte da expressão de subjetividades alojadas no processo social russo de meados do século XIX. Tratarei dos efeitos de real contidos em Bazárov e da relação de Turguêniev com seu próprio personagem no próximo capítulo, bem como da maneira como Bazárov foi interpretado enquanto símbolo, e analisarei o seu poder de representação na evolução social de um tipo intelectual que rompe com o desenvolvimento histórico do “homem supérfluo” representado por Rúdin.

### 3. “ENQUANTO O SOLO SE DESLOCA SOB SEUS PÉS”

*“Mas também nada de contenção exagerada; teu discernimento deve te orientar. Ajusta o gesto à palavra, a palavra ao gesto, com o cuidado de não perder a simplicidade natural. Pois tudo que é forçado deturpa o intuito da representação, cuja finalidade, em sua origem e agora, era, e é, exibir um espelho à natureza; mostrar à virtude sua própria expressão; ao ridículo sua própria imagem e a cada época e geração sua forma e efigie.”*  
Shakespeare, *Hamlet*, Ato III, Cena II

Rúdin e Bazárov representam momentos distintos da história intelectual russa. Enquanto criações literárias, ambos são providos de uma força simbólica ímpar porque estão inseridos no contexto politicamente reacionário e repressivo da Rússia czarista. A carga semântica desses tipos literários se concentra em sua capacidade de traduzir disputas sociais intensas e amplas, que não encontravam outro veículo de discussão senão a própria literatura. Por esse motivo, esses personagens, bem como centenas de outros provindos da criatividade artística russa, são muitas vezes analisados a partir do ponto de vista estritamente literário. Minha interpretação, no entanto, se utiliza apenas parcialmente dos critérios literários que incluem Bazárov no rol de “homens supérfluos”, junto com Rúdin.<sup>37</sup> Este capítulo final de meu trabalho procura estabelecer uma base para a compreensão de Rúdin e de Bazárov (e dos romances nos quais figuram) como eficientes representações da transição do debate político e social russo entre as décadas de 1840 e 1860. Para balizar

---

<sup>37</sup> Entre os principais atributos distintivos do “homem supérfluo” considerados pelos estudos literários, como já destacado no primeiro capítulo deste trabalho, estão a origem social aristocrática, o isolamento social originado da inconveniência de sua personalidade e intelecto, que redundam em imensa potencialidade pessoal e em valores morais elevados e extrapessoais, a sua inação e o fim estéril de sua trajetória. No entanto, conforme procurei sublinhar anteriormente, Bazárov, ao contrário de Rúdin, é um *raznochintsy*, não nobre, e, apesar de suas vidas igualmente encontrarem finais trágicos, a motivação de suas mortes obedece a lógicas distintas. Rúdin e Bazárov estabelecem diversas relações pessoais que se revelam frágeis e instáveis, porém ambos indicam pertencimento — mesmo que precariamente — a um grupo identitário maior: o vínculo entre Rúdin e Liéjnev acena para pequenas associações pessoais baseadas na amizade e no compartilhamento de ideais, enquanto Bazárov vagamente se identifica como parte de uma ampla corrente filosófica e potencialmente política. Essas desconformidades não bastam, no âmbito da crítica literária, para retirar de Bazárov a categorização de “supérfluo”, e alguns dos estudos que consultei — como, por exemplo, Carr (2016) — de fato o colocam ao lado de Rúdin, Oniéguin e Oblómov. No entanto, minha abordagem privilegia o tratamento de cada um dos dois personagens atrelado ao contexto interno e externo da narrativa; em função das representações que encarnam, bem como das relações entre essas representações e seus referentes, insiro os personagens no discurso histórico com vistas a decifrar seus efeitos de verdade (Pesavento, 2005). Ao questionar as duas narrativas ficcionais de Ivan Turguêniev, procuro extrair delas as suas marcas de historicidade e assim dar contornos à noção central deste trabalho: a transição do tipo “homem supérfluo” de Rúdin para o “homem novo” de Bazárov como representação da reconfiguração intelectual do debate político e social russo nas décadas centrais do século XIX.

minha análise, será necessário lançar mão de outros elementos que compunham o cenário intelectual daquele momento.

A própria crítica literária não é unânime em considerar Bazárov um “homem supérfluo”, e um primeiro indício de diferenciação entre esse personagem e Rúdin é definido pelo problema da personalidade, ou *lichnost'* (личность), que, conforme Bethea (2009, p. 37, tradução livre) está “intimamente relacionado à função da literatura russa como consciência social”:

Se a tradição de Bielínski e dos críticos cívicos implacavelmente expôs os lados negativos da existência russa (o que o Estado negou aos seus cidadãos em termos de dignidade e respeito básicos), então a preocupação da parte de muitos outros escritores foi encontrar um conteúdo positivo — expresso na busca por um ‘herói positivo’ (*polozhitel'nyi geroi*) — enquanto *lichnost'*. A literatura russa dos séculos XIX e XX é densamente povoada por ‘tipos’ de personalidade: o ‘homem supérfluo’ (*lishnii chelovek*), que é dotado e muitas vezes ‘nobre’ (nos dois sentidos), mas que não dispõe historicamente de uma arena viável para a ação e assim repetidamente sofre uma perda de vontade (Chatsky, [personagem de] Alexander Griboiédov; Rúdin, de Turguêniev; Oblómov, de Ivan Gontcharov); o ‘homem novo’ da década de 1860 (e do período soviético), que é escrupuloso, não sentimental, científico, materialista, mas que inevitavelmente precisa esperar que a sociedade ‘o alcance’ (Bazárov, de Turguêniev; Rakhmetov, de Tchernichévski; Pável Vlasov, de Gorky); e a ‘mulher forte’, que muitas vezes é elaborada para representar o potencial oculto da Rússia e que possui a coragem e o idealismo resolutivo que faltam aos fracos personagens masculinos (Tatiana Larina, de Púshkin; Olga Ilyinskaia, de Gontcharov; Dasha Chumalova, de Gladkov; Margarida, de Bulgákov). [...] o público leitor russo fez, muitas vezes, uma ligação direta e prescritiva entre o retrato de ação carismática na ficção e as regras de comportamento na realidade fenomênica fora do texto.

Rúdin e Bazárov aparecem, portanto, separados em termos de *lichnost'*, o que equivale a dizer que sua inserção em cada uma das respectivas narrativas ficcionais — e dessas narrativas, carregadas por seus personagens, no ambiente letrado da época — ocorre obedecendo a critérios distintos de acordo com suas *personalidades*. Minha perspectiva é a de uma interpretação histórica para essas diferentes personalidades: as representações que encarnam estão imbuídas de significações extraídas de seus contextos, que informam suas ações e embasam suas atitudes e ideário. A distinção entre Rúdin e Bazárov em função da *lichnost'* permite justificar inclusive *literariamente* uma interpretação dos dois em campos separados: em Rúdin temos o “homem supérfluo” paradigmático, enquanto Bazárov rompe com o tipo (por personalidade e índole) e torna-se necessário enquadrá-lo numa nova categoria. Será o próprio Turguêniev a propor a nomenclatura para ambos os tipos. Conforme procurei demonstrar no capítulo 1, sua novela *Memórias de um homem supérfluo* (1850) consagrou o termo pelo qual o tipo — que, no entanto, no âmbito da literatura russa, lhe era anterior — ficou conhecido. No caso de Bazárov, o termo “homem novo” será posterior àquele empregado por Turguêniev no próprio romance: com *Pais e filhos*, Turguêniev populariza o

termo “niilista”;<sup>38</sup> Bazárov é a primeira representação literária do radical que emerge do contexto social russo entre as décadas de 1850 e 1860, e o é através de termo do filósofo alemão Friedrich Heinrich Jacobi (1743-1819).<sup>39</sup> A simbologia do novo contida em Bazárov passa então a definir esse tipo intelectual — ficcional e não ficcional —, embasada sobretudo numa atitude criticamente objetiva perante a realidade.

[...] a representação do niilismo feita por Turguêniev é seminal e em seus próprios termos muito acurada. O momento-chave da definição vem no capítulo 5, quando, em resposta à pergunta de seu tio [Pável] sobre quem exatamente Bazárov é, Arkádi responde que seu mentor é um niilista. O pai de Arkádi [Nikolai] observa que o termo deve vir do latim *nihil* [nada] e talvez denote alguém que não reconhece nada. Seu tio prefere a definição de alguém que não respeita nada, mas Arkádi corrige ambos: trata-se de alguém ‘que considera tudo de um ponto de vista crítico’, e então acrescenta: ‘Um niilista é uma pessoa que não se curva diante de nenhum tipo de autoridade, que não admite nem um único princípio com base na fé, por mais que esse princípio esteja cercado de respeito’. A definição de Arkádi vai ao coração da questão, e enquanto vemos Bazárov em ação ao longo do romance, entendemos a importância da ciência na sustentação dessa atitude crítica aos ‘princípios’ em geral. (Peace, 2010, p. 123, tradução livre)

Embora o cientificismo de Bazárov — proveniente, por sua ênfase no empirismo, do positivismo comtiano — caracterize sua atitude e informe sua visão de mundo, ele não é contrastado frontalmente ao longo de *Pais e filhos*. Logo em seu primeiro dia de hospedagem junto aos Kirsánov, Bazárov dedica-se à atividade (tornada icônica na abordagem do livro) de dissecar rãs para “saber o que acontece dentro de nós”, já que “as rãs são iguais” aos seres humanos. Essa filosofia naturalista, apoiada fortemente na percepção sensorial da existência, choca-se com a concepção metafísica de origem idealista da “geração dos 40” e servirá para desqualificar a arte e mesmo o amor. Será essa a postura a chocar Nikolai e a enfurecer Pável, mas para os — autoconsiderados

<sup>38</sup> Em decorrência da intensa reação a *Pais e filhos*, Turguêniev procurou justificar o emprego do termo e ponderou publicamente acerca de seu personagem principal, pivô das polêmicas desencadeadas pelo romance. O escritor considerou que talvez tivesse incorrido em erro ao caracterizar Bazárov utilizando um termo incomum, facilmente reconhecível a partir de sua associação com o personagem e sua índole: “Estou pronto a reconhecer [...] que não tinha o direito de proporcionar à nossa ralé reacionária a oportunidade de aferrar-se a um nome, a um lema; o escritor que existe em mim deveria ter se sacrificado ao cidadão. Admito a justiça de minha rejeição por parte dos jovens e de todos os escárnios dirigidos contra mim. [...] A questão era mais importante do que a verdade artística, e eu deveria ter previsto isto [da correspondência com “um de seus críticos mais cáusticos, o satirista Saltikov]” (Turguêniev apud Berlin, 1988, p. 283).

<sup>39</sup> “A palavra não era nova. Havia sido empregada no século XVIII por F. Jacobi, por Jean-Paul Richter e por Sébastien Mercier. Em 1829, o crítico romântico Nadezhdin a havia usado na Rússia — mesmo no sentido puramente negativo — para indicar aqueles que nada sabem e nada entendem. Kátkov havia lhe atribuído um significado diferente, entendendo por niilista aquele que não acredita em nada: ‘Se se contempla o cosmo, colocado de frente a dois comportamentos extremos, é mais fácil tornar-se místico que niilista: estamos cercados de milagres por toda parte’. O uso que tinha sido feito da palavra ‘niilismo’ na esquerda hegeliana por Bruno Bauer e por Stirner começava assim a carregá-la de um sentido filosófico e polêmico. Mas foi Turguêniev a torná-la popular, a sintetizar nela o comportamento moral e as ideias da geração jovem dos anos 60” (Venturi, 1952, p. 531-532, tradução livre).

liberais — irmãos Kirsánov, a condenação às conclusões de Bazárov não implica a invalidação da racionalidade das suas premissas; o próprio Nikolai solicita aos jovens orientações “científicas” para a administração da propriedade. Mesmo a paixão de Bazárov por Odíntsova é “explicada” por ele em termos puramente biológicos.

No intuito de estabelecer uma distinção entre Rúdin e Bazárov com vista à leitura de suas representações, levo em conta o ideário básico do qual faziam uso enquanto caracteres altamente intelectualizados e as correntes filosóficas às quais se filiavam. Essa diferenciação é fundamental. Na medida em que retratava parcialmente a si mesmo em Rúdin, Turguêniev transferiu para o personagem as linhas gerais do conjunto intelectual que embasava a “geração dos 40”, ou seja, a filosofia idealista e o romantismo alemão que animavam seus “*ideais elevados*”. Em Bazárov, o autor projetou o materialismo positivista e o realismo ascendentes na década de 1850. O contraste entre os dois aparatos intelectuais pode ser detectado, por exemplo, através do emprego de uma metáfora expressada pela palavra “templo”. Em *Rúdin*, Liéjnev compartilhou quando estudante dos ideais e valores morais elevados do protagonista (voltará a fazê-lo posteriormente) e, lembrando o tempo em que dividia com Rúdin e outros companheiros o deslumbramento metafísico da “poesia e verdade”, afirma: “*depois de entrar para o círculo de Pokórski, posso lhe dizer que me regenerarei completamente [...], foi como se tivesse entrado num templo*” (Turguêniev, 2012, p. 91, grifo meu). Para Bazárov, a mesma metáfora adquire a significação contrária. Conforme Emerson (2008, p. 56, tradução livre, grifos meus):

No lugar da *crença recebida*, Bazárov coloca a *utilidade*: se uma ferramenta ou ideia funciona, ela é digna de ser afirmada. Apenas pela aplicação de padrões utilitários pode um homem racional *escapar* à desilusão do herói byroniano e às ilusões do napoleonismo. Embora o mundo ainda possa considerar um tal herói niilista ‘supérfluo’ — Bazárov de fato falha de todas as maneiras que Turguêniev já havia enunciado uma década antes, perdendo a mulher que ama, morrendo precocemente, não encontrando um papel útil na sociedade —, ainda assim Bazárov está convencido de que apenas com suas prioridades e valores a humanidade pode progredir. ‘A natureza *não é um templo*, mas uma oficina’, ele insiste, colocando-se assim *fora* do domínio do herói tradicional russo que prefere *confiar na honradez e no milagre*.

Kelly Hamren, em sua instigante tese *The eternal stranger: the superfluous man in nineteenth-century Russian literature* (“O eterno desconhecido: o homem *supérfluo* na literatura russa do século XIX”), propõe uma interpretação mais complexa do “homem *supérfluo*” e sustenta que mesmo Rúdin é categorizado como tal de forma errônea. Os critérios de sua argumentação superaram as possibilidades deste trabalho, mas, ainda assim, as ponderações de que faz uso para avaliar o tipo servem aqui para reforçar o que interpreto como os traços distintivos entre Rúdin e Bazárov,

ajudando a posicioná-los em pontos diferentes — e praticamente antagônicos — do discurso político-social da época. Ainda que não inclua Rúdin entre os “supérfluos”, sua definição do tipo pode ser contrastada com Bazárov através do binário moral *valor-antivalor*:

Ele [o ‘homem supérfluo’] terminará sem valor algum e, portanto, sem direção, sem uma saída produtiva para a sua compreensível frustração com o mundo circundante. Essa ausência de valor e direção é um ponto crucial, na medida em que separa o ‘homem supérfluo’ de todas as personificações literárias dos intelectuais dos anos 1840 e inclusive dos radicais dos anos 1860. Os apáticos idealistas da década de 1840 têm muitos valores — a maioria deles estéticos e abstratos, e poucos deles práticos [...]. Tais valores podem ter sido difíceis de aplicar à vida russa tanto quanto outros nascidos do romantismo ocidental, mas o fato de tais homens disporem absolutamente de valores claramente os separa do ‘homem supérfluo’. Similarmente, a geração dos 60, como exemplificado pelo filho radical de Stepán Trofímovitch, Piotr Stepánovitch [personagens do romance *Os demônios*, de Dostoiévski] (e mais celebrenemente por Bazárov, em *Pais e filhos*, de Turguêniev), adotou como seu valor uma espécie de antivalor, uma aversão aos princípios da geração anterior que pode não tê-los provido de uma alternativa positiva, mas que, no entanto, deu a eles a capacidade de ação, deu a eles uma agenda negativa. O ‘homem supérfluo’ não tem agenda porque ele não tem valores, positivos ou negativos. (Hamren, 2011, p. 16-17, tradução livre)

Hamren vincula necessariamente a ausência de direção à ausência de valores, o que considero uma interpretação equivocada: Rúdin morre nas barricadas de Paris em 1848 não porque não os tenha em absoluto,<sup>40</sup> mas porque não consegue discernir uma aplicação prática para seus valores, cultivados de maneira excessiva e nocivamente abstrata (uma das causas primordiais de sua superfluidade). Bazárov, por sua vez, ajusta-se bem à leitura de Hamren: seus valores se definem em relação àqueles da geração anterior, através do princípio de negação e destruição — daí a aceitação de seu niilismo —, herdado do mesmo Bakúnin que serviu de inspiração a Rúdin em sua fase idealista (Berlin, 1988, p. 276), ou seja, o valor tomado em negativo de que primeiramente “*é preciso limpar o terreno*”. A “aversão aos princípios da geração anterior” define, a meu ver, a colocação de Bazárov em função de Rúdin dentro do sistema intelectual de interpretação político-social, o primeiro atuando como *progressão* do segundo.

A discrepância entre as concepções intelectuais representadas pelos personagens começa a ganhar contorno mais nítido e a se alojar no discurso da *intelligentsia* a partir de meados da década

---

<sup>40</sup> Para os fins de meu trabalho, a tese de Kelly Hamren abre demasiadamente a questão acerca de uma definição mais atomizada do “homem supérfluo”, mas enriquece minha análise ao excluir Bazárov do tipo: “Esses homens [intelectuais ocidentalistas da ‘geração dos 40’] são dedicados a algo fora de si mesmos — ideais estéticos, objetivos sociais etc. —, [objetivos] que, embora desvinculados da realidade em si, humanizam aqueles que os perseguem. A mesma distinção se aplica ao tipo de radical da década de 1860 representado em Bazárov, de *Pais e filhos*, de Turguêniev, ou Piotr Stepánovitch Verkhovensky, d’*Os Demônios*, de Dostoiévski. O ateu Bazárov é dedicado à ciência, e o implacável Piotr Stepánovitch, à transformação social; o verdadeiro ‘homem supérfluo’ não é dedicado a nada” (Hamren, 2011, p. 84, nota 13, tradução livre).

de 1850. Dois eventos atuam como principais catalisadores do debate que se travava dentro de um ambiente social denso, carregado de percepções emudecidas pela repressão da autocracia de Nicolau I. A derrota vexatória do Império Russo na Guerra da Criméia exacerbou a crítica ao sistema de sustentação do czarismo, e o tom do debate que se seguiu ao conflito foi definido sobretudo em torno da questão da servidão. Nascido diretamente das consequências do revés militar — plasmado no imaginário nacional com o desastre de Sebastopol<sup>41</sup> —, o ato político da abolição do regime de servidão dos camponeses acabou por liberar forças há muito contidas na camada letrada russa. Da mesma forma que Frank argumenta que *Pais e filhos* dividiu a *intelligentsia*, pode-se afirmar que a emancipação dos servos ajudou a definir as linhas gerais das disputas sociais — as efetivamente políticas, mas também as simbólicas.

A primeira das grandes reformas foi a liberação dos servos. A necessidade dela há muito havia sido reconhecida, mas a emancipação foi atrasada menos pela oposição à medida em si do que pela incerteza e pelos medos de suas implicações. Com dezenas de milhões de pessoas envolvidas, ninguém duvidava de que a emancipação necessitaria de uma série de mudanças adicionais, e de que essas mudanças estavam destinadas a alterar a máxima de “autocracia, ortodoxia e nacionalismo” que Nicolau I considerou a base do Estado russo. Ainda assim, mesmo ele percebeu a ineficiência do sistema quando viu seu país derrotado na Guerra da Criméia pelas forças muito menores das nações ocidentais, e pouco antes de sua morte, em 1855, ele advogou pela emancipação. Seu filho e sucessor, Alexandre II (1855-81), foi escolhido para apoiar o movimento de emancipação, não devido a qualquer espírito liberal, mas porque temia que se instalasse a revolução, a menos que o governo remediasse os males ‘a partir de cima’. (Kirchner, 1950, p. 142, tradução livre)

O tema, portanto, estava posto muito antes de Sebastopol, porém era mantido estéril sob a censura ideológica, a repressão política e a relativa estabilidade de que desfrutava o Império Russo. Iniciando com o estabelecimento de um comitê secreto ainda em 1857, a reforma tornou-se real com a assinatura de Alexandre II no *Manifesto de emancipação* de 19 de fevereiro de 1861. A abolição da servidão marca o acontecimento mais importante da Rússia durante o século XIX: “A longa era que foi de Ivan, o Terrível a Nicolau I, na qual a nobreza-servidora e sua ideologia dominaram o desenvolvimento russo, chegou a um fim com a Guerra da Criméia” (Kirchner, 1950, p. 147, tradução livre).

---

<sup>41</sup> O cerco à cidade, entre setembro de 1854 e setembro de 1855, foi o confronto decisivo da guerra e contou com a descrição do jovem Leon Tolstói, então oficial de artilharia do exército russo, no conto *Crônicas de Sebastopol* (Севастопольские рассказы, *Sevastopolskiye rasskazy*), publicado em 1855. O conflito é considerado uma das primeiras guerras levadas a cabo com meios modernos de transportes e comunicação. O alarmante mau gerenciamento logístico e tático de ambos os lados levou à percepção da necessidade de reformas práticas. No caso do Império Russo, a Guerra da Criméia “revelou para um doente Nicolau I que seu reino estava terminando em fracasso e provavelmente acelerou sua morte. Alexandre II subiu ao trono com a necessidade imediata de aceitar o humilhante Tratado de Paris (1856) [...]. As falhas da guerra também imprimiriam sobre Alexandre II a necessidade de introduzir as muito atrasadas reformas internas [...]” (Dukes, 1974, p. 136, tradução livre).

O ponto de inflexão da história russa, no entanto, resultou em profunda desilusão e obstinado rancor da parte dos setores mais progressistas: os termos da reforma não deixavam dúvidas sobre os cuidados<sup>42</sup> empregados pela aristocracia a fim de não perder o controle político e social, além das vantagens econômicas da exploração da terra. Na avaliação de Vernadsky (1944, p. 160-161, tradução livre) “A reforma de 1861 foi tragicamente inadequada”; no entanto, “a despeito de sua incompletude, [...] foi um esforço ambicioso que alterou toda a velha ordem”.

Inserida em um clima social bastante instável, a emancipação dos servos foi o passo decisivo na direção de uma tomada de posições no debate político. Foi a partir da necessidade dessa evolução (diagnosticada muito antes) e da reação a ela que os atores sociais definiram as posições das quais debateriam dali em diante. A cisão patente entre os “homens dos 40” e os “homens dos 60” se consolidou nesse contexto como uma disputa de interpretações e abordagens. “Fundamentalmente, era na avaliação da situação política imediata que as duas gerações diferiam, e o azedume dos conflitos culturais da década de 1860 só pode ser entendido à luz desse desacordo político subjacente” (Frank, 1992, p. 221).

Assim, a composição da *intelligentsia* se redefine, bem como o caráter ideológico de sua atuação, em função da agitação social que esses eventos convulsionam: da antiga controvérsia ocidentalistas *versus* eslavófilos, as disputas ampliam-se — à esquerda do centro político — com o confronto entre liberais *versus* radicais. Pensadores de vulto, escritores de ficção, críticos e publicistas representantes da “geração supérflua” são confrontados pela “gente nova”, produto da contestação mais aberta à autocracia e severamente crítica em função das transformações que tomaram (ou deveriam tomar) lugar na sociedade russa durante a passagem da década de 1850 para a de 1860. Além da estridência de suas invectivas, os “homens novos” diferenciam-se dos “supérfluos” inclusive por sua extração social — como Bazárov em relação a Rúdin —, com a afluência de intelectuais *raznochintsy* oriundos das universidades e integrados como participantes ativos na arena política.

---

<sup>42</sup> “Os princípios básicos da reforma foram os seguintes: servos agregados à casa senhorial deveriam ser liberados dentro de um período de dois anos sem amortização, mas não receberiam nada ao ganhar sua liberdade. Servos camponeses deveriam receber não apenas sua liberdade pessoal, mas também certos lotes de terra. Ao se determinar as dimensões da porção de cada camponês, o montante de terra trabalhada para seu próprio uso sob condições de servidão era levado em consideração. Os servos trabalharam tanto em suas próprias terras quanto na de seus proprietários. A área dos lotes garantida aos camponeses após a reforma era aproximadamente equivalente à área conservada pelo proprietário. Assim, sob os termos da reforma de 1861, os camponeses receberam outorga de terras que, anteriormente à reforma, haviam absorvido apenas metade de seu trabalho. Pelos termos da emancipação, a terra que os camponeses receberam não se tornou sua propriedade privada” (Vernadsky, 1944, p. 158-159, tradução livre).

O principal nome da “geração dos 40”, além de Turguêniev, foi Alexandr Herzen (1812-1870).<sup>43</sup> Herzen, mesmo sendo considerado um dos precursores do socialismo russo e um dos intelectuais mais arrojados do século XIX, acaba por ser considerado indigno de qualquer simpatia ou consideração pelos radicais. O choque com os “novos” é inevitável:

[...] esses homens novos, acrescentou Herzen [...], são de tal forma dogmáticos, doutrinários, repletos de jargão, que exibem o aspecto menos atraente do caráter russo, seu lado policialesco e militar, o brutal tacão burocrático. Querem abater o jugo do velho despotismo, mas apenas para substituí-lo pelo seu. A ‘geração dos 40’, sua e de Turguêniev, pode ter sido presunçosa e fraca, mas daí se seguirá que seus sucessores, os jovens filisteus dos anos 60, tremendamente rudes, insensíveis e cínicos, que escarnecem, sorriem com desdém, empurram, acotovelam, não pedem desculpas, são necessariamente seres humanos superiores? Que novos princípios, que novas respostas construtivas eles têm oferecido? A destruição é destruição, não é criação. (Berlin, 1988, p. 282)

Enquadrados na mesma categoria como “homens dos 40” pela quase totalidade dos radicais, Herzen e Turguêniev se diferenciavam a ponto de, com *Pais e filhos*, romperem a antiga amizade.<sup>44</sup> Herzen não encampava uma defesa propriamente dita de sua geração, mas, de forma mais aguda que Turguêniev, não se furtava a fazer acusações contra os niilistas. Atingindo Turguêniev naquilo que viu como sua simpatia<sup>45</sup> por Bazárov, Herzen mirava centralmente nos “homens novos”.

---

<sup>43</sup> Alexandr Ivanovitch Herzen (Алекса́ндр Ива́нович Ге́рцен) é tido como o “pai do socialismo russo”; é também acusado de idealizar a figura do camponês, base de suas esperanças sociais. Sua visão redentora da comuna rural camponesa é um dos principais elementos da firme divergência entre Herzen e Turguêniev: o autor de *Pais e filhos* considerava o camponês russo “o pior reacionário de todos” (Frank, 1992, p. 286) e interpretava as ideias de Herzen como “a dramatização de um desespero pessoal” (Frank, 1992, p. 270). De origem nobre e herdeiro da imensa riqueza paterna, Herzen exilou-se na Europa em 1847 e jamais retornou à Rússia; mantinha-se, no entanto, obstinadamente vinculado a seus problemas e dilemas. Fundou e dirigiu, em Londres (onde residiu por muitos anos), o semanário *Kolokol* (Колокол, “Sino”), primeira publicação russa efetivamente livre da censura czarista. Para Frank (1992, p. 235), os escritos de Herzen “combinam aspereza aristocrática em relação aos valores burgueses [...] com aspirações democráticas de liberdade, igualdade e justiça social”. Berlin (1988, p. 192) afirma que se trata do “mais interessante escritor político russo do século XIX”.

<sup>44</sup> As divergências entre Herzen e Turguêniev, dado o tom exacerbado que o debate político adquiriu após a publicação de *Pais e filhos*, refletiu-se no âmbito institucional da censura ideológica e, em 1863, Turguêniev “foi convocado de Paris para ser interrogado por uma Comissão da Câmara, em São Petersburgo, sobre suas relações com Herzen e Bakúnin. Como poderia ter conspirado com esses homens, protestou Turguêniev, ele que durante a vida inteira fora monarquista, alvo de acirrados ataques por parte dos ‘Vermelhos’? Garantiu aos parlamentares que, após *Pais e filhos*, suas relações com Herzen, que jamais tinham sido muito íntimas, foram ‘cortadas’. Havia um elemento de verdade nessa declaração, mas talvez não fosse surpreendente que Herzen [...] se referisse, de maneira muito característica, a ‘certa Madalena grisalha do sexo masculino’, que não conseguia dormir à noite só de pensar que talvez o imperador não tivesse ouvido falar de seu arrependimento. Turguêniev e Herzen voltaram a se ver em anos posteriores, mas nunca mais nos antigos termos de intimidade” (Berlin, 1988, p. 286, nota 67).

<sup>45</sup> Sundkvist (2010, p. 36, tradução livre) aborda a diferença entre versões da escrita de *Pais e filhos* a partir dos esboços e rascunhos do autor, e indica a alteração que Bazárov experimentou na consideração de Turguêniev. Da “descrição inicial de Turguêniev, bastante hostil a Bazárov”, a atitude do escritor “mudou significativamente no

‘Turguêniev foi mais artista em seu romance do que as pessoas imaginam, e por isso se perdeu no meio do caminho. Na minha opinião, fez muito bem. Queria ir para determinado lugar, mas acabou em outro, muito melhor, aliás.’ O autor começa claramente por querer fazer algo em favor dos pais, mas eles se revelam tamanhas nulidades que ele ‘deixou-se contagiar pelo próprio extremismo de Bazárov, com o resultado que, em vez de fustigar o filho, ele chicoteou os pais’. (Berlin, 1988, p. 282)

Herzen é o autor do romance *Quem é culpado?* (Кто виноват?), publicado de forma seriada entre 1845 e 1846. Essa obra parece antecipar algumas das tendências que definiriam o debate político e alguns dos elementos de transição entre os tipos intelectuais. O romance é composto por duas partes. A primeira trata do encontro e do casamento de “duas almas infelizes”, Liubonka, filha ilegítima de um proprietário rural, e Krutsiférski, filho de um médico provinciano — mesma origem social de Bazárov. A segunda parte conta a história do supérfluo Vladimir Biéltov, com seus “ideais totalmente inadequados à vida russa”. Biéltov ingressa no serviço público, mas se retira “ante o lamaçal de injustiça, cobiça e astúcia puramente animal que lá encontra”; se dedica a “vários sucedâneos”, que “rapidamente abandona por não satisfazerem sua necessidade real”, e realiza uma “peregrinação infrutífera pela Europa, típica do ‘homem supérfluo’ russo”: toda a caracterização de Biéltov encontra paralelos em Rúdin; ao final, Biéltov escapa mais uma vez para “uma vida de tédio e futilidade na Europa” (Frank, 1992, p. 236-238), enquanto Rúdin morre numa revolução que não é sua. O que Herzen proporciona com *Quem é culpado?* é uma representação do “pântano social” onde se movimenta o homem supérfluo, que será identificado e rechaçado pelos radicais da década de 1860.<sup>46</sup> Herzen, assim como Turguêniev, retrata o intelectual idealista e romântico de sua geração e, enquanto pensador social arguto e sagaz, não apenas identifica a constituição ideologicamente vaga de sua geração como percebe a aproximação dos novos debatedores, portadores de novas concepções e abordagens.

A importância de Herzen, no contexto de minha análise, está na sua representatividade como “terceiro elemento”, muito fidedigno, na relação entre Turguêniev e a geração que ele procura retratar através de Bazárov — mesmo que os radicais muitas vezes reduzissem ambos a arcaicos modelos da “geração dos 40”, “homens supérfluos” cuja hesitação e falta de combatividade (injustiça particularmente em relação a Herzen) contrariaria suas pretensas motivações.

---

curso da escrita” e terminou com Turguêniev vendo em Bazárov “um herói trágico digno de admiração e simpatia”.

<sup>46</sup> “As incontáveis, quase inevitáveis crueldades que surgem da relação senhor-servo; a completa ausência das mais elementares liberdades; a desesperança de interferir positivamente em qualquer mudança importante — tudo isso é objeto da insistência inexorável de Herzen [...]” (Frank, 1992, p. 238). A alegoria da vida social do “homem supérfluo” como “pântano” é empregada por Nikolai Dobroliúbov em seu ensaio *O que é oblovismo?*, abordado mais adiante.

[...] a tendência de exprimir julgamentos independentes e às vezes desconcertantes acarretaram violentas críticas a Herzen e a Turguêniev, dificultando sua posição. Ao escrever *Pais e filhos*, Turguêniev sofreu os devidos ataques tanto da direita como da esquerda, pois não estava claro qual o lado que ele apoiava. Esse aspecto indeterminado irritou particularmente os ‘novos’ jovens, na Rússia, que acusaram-no asperamente por ser excessivamente liberal, civilizado, irônico e cético, por solapar um idealismo nobre através da constante oscilação de sentimentos políticos, por excessivo autoquestionamento, por não se engajar e declarar guerra ao inimigo, e, em vez disso, cometer uma sucessão de evasões e pequenas traições. A hostilidade desses jovens era dirigida a todos os ‘homens dos 40’, e sobretudo a Herzen, visto corretamente como o representante mais destacado e brilhante daquela década. Sua resposta aos jovens revolucionários da década de 1860, brutais e rígidos, é extremamente típica. Os novos revolucionários atacaram-no por manifestar um amor nostálgico por um estilo de vida mais antigo, por ser um cavalheiro, rico, que vivia com conforto, por instalar-se em Londres e observar a luta revolucionária russa à distância, por ser membro de uma geração que se limitara a conversar nos *salons*, a especular e a filosofar, quando, à sua volta, tudo era desolação e miséria, amargura e injustiça [...]. Acusaram-no de autocomplacência, escapismo, cegueira deliberada dos horrores e angústias de seu mundo. (Berlin, 1988, p. 210)

Herzen e Turguêniev tinham em Bazárov um interlocutor ficcional, e Bazárov, por sua vez, tem como referentes dois críticos radicais muito atuantes e combativos: Nikolai Tchernichévski e Nikolai Dobroliúbov. Tchernichévski, como procurei destacar no capítulo anterior, reagiu contra *Pais e filhos* através de *O que fazer?* (Что дѣлать?), romance seminal que exerceu grande influência sobre a juventude radical da época e as gerações posteriores — Frank o qualifica como “romance absurdo” (1992, p. 84) e relembra se tratar de um dos livros favoritos de Lênin, o que certamente influencia a sua opinião. A obra — de “fama imediata e força duradoura”, conforme Berman, de muito maior boa vontade para com o autor que Frank e mesmo Berlin — foi um empreendimento realizado por Tchernichévski em condições extremas: preso sem acusação formal em julho de 1862, no contexto da onda de incêndios de caráter político em São Petersburgo, passaria quase dois anos na fortaleza Pedro-Paulo antes de ser julgado. Sua condenação à prisão perpétua na Sibéria (mesmo que tenha sido libertado após vinte anos, já totalmente alquebrado, morrendo logo depois) significou um martírio que “o faria um dos santos dos anais da *intelligentsia* russa” (Berman, 1987, p. 206). A opinião geral é a de que *Que fazer?* revela-se um romance artisticamente fraco<sup>47</sup> — Berlin e sobretudo Frank o comentam utilizando traços fortes de desdém intelectual. Porém, o objetivo primordial do livro é propor uma imagem do radical diferente daquela projetada por Turguêniev em Bazárov, conforme indica o subtítulo da obra: “relatos sobre gente nova”.

<sup>47</sup> “[...] o enredo era inverossímil, os personagens sem substância — ou melhor, um esquadrão de personagens que não se distinguem uns dos outros —, o ambiente era difuso e não havia unidade de tom ou de sensibilidade” (Berman, 1992, p. 206); o principal defeito da obra seria a “total ausência de vida interior, de consciência do herói”.

Apenas a emergência e a iniciativa de uma classe de ‘novas pessoas’, acreditava Tchernichévski, impulsionaria o ingresso da Rússia no mundo moderno. *Que fazer?* é, simultaneamente, um manifesto e um manual para essa futura vanguarda. Teria sido impossível a Tchernichévski, é claro, mostrar seus homens e mulheres novos envolvidos em alguma espécie de política concreta. Ao invés disso, ele fez algo muito mais excitante: criou uma série de vidas exemplares cujas relações e encontros pessoais estavam saturados de política. (Berman, 1987, p. 207)

Na medida em que *Pais e filhos* foi recebido, de maneira geral, como uma caricatura deliberada da nova geração, *Que fazer?* é interpretado como uma resposta a essa deformação: “[...] não é de admirar que Tchernichévski se tivesse incumbido da tarefa de apresentar [...] o que considerava um retrato *mais autêntico* daqueles que Turguêniev rotulara como ‘niilistas’” (Frank, 1992, p. 210, grifo meu). A relação entre as duas obras se dá através de tentativas de codificação da leitura que seus autores promovem — de pontos diferentes do espectro ideológico — dos intelectuais radicais representantes da “geração dos 60”. O confronto entre elas serve de indicador do papel do “homem novo” no debate social, se não em sua atuação direta e efetiva — muito recente e ainda limitada por contingências —, ao menos em sua potencial capacidade de mobilizar, cristalizar e antagonizar valores e concepções.

*Que Fazer?* dramatiza, pela primeira vez na história russa, o contra-sonho de civilização vindo de baixo. Tchernichévski sabia das inadequações de seu livro como drama e como sonho. Entretanto, enquanto desaparecia no vazio da Sibéria, legou aos sobreviventes o desafio notável, na literatura e na política, de completar o sonho e torná-lo mais real. (Berman, 1987, p. 209)

No contraste entre *Pais e filhos* e *Que fazer?*, o “retrato mais autêntico” do “niilista” ascendente dos anos 1860 parece (na visão da juventude radical e a despeito de qualidades literárias) ter sido aquele proposto por Tchernichévski. Piotr Kropotkin (1842-1921), um dos ideólogos mais respeitados do anarquismo, corrobora essa interpretação:

Turguêniev era um artista demasiado fino e respeitava demais o novo tipo [de homem russo] para ter sido capaz de fazer uma caricatura, porém... seu Bazárov não nos satisfazia. Naqueles tempos, o achávamos excessivamente grosseiro, por exemplo em suas relações para com seus velhos pais, e sobretudo julgávamos que menosprezava bastante suas obrigações de cidadão. A juventude não podia sentir-se satisfeita com a reação negativa do herói de Turguêniev diante de tudo que o rodeava... Nos niilistas de Tchernichévski, representados na novela, infinitamente menos artística, *Que fazer?*, víamos retratos melhores de nós mesmos. (Kropotkin apud Chostakowsky, 1948, p. 218)

A cena paradigmática de *Que fazer?* — aquela que lhe confere sentido na intenção do autor como a expressão melhor acabada do radical — é a confrontação do personagem Lopukhov com

“um alto dignitário”.<sup>48</sup> A atitude de Lopukhov vai além do discurso de Bazárov e efetiva aquilo que, no entender dos “homens dos 60”, trata-se de uma verborragia reducionista e afetada, puramente antipática, do personagem de Turguêniev. Parece-me lícito pensar que a inexatidão identificada pelos radicais na representação que Turguêniev procurou fazer deles estivesse contida exatamente no niilismo *simplório* de Bazárov, na negação descomprometida e sem proposição, enquanto as vicissitudes de Tchernichévski demonstravam o contrário: a responsabilidade perante as ideias e o respeito a elas mesmo sob as mais adversas condições e os mais extremos riscos.

Marshall Berman dedica especial atenção a Tchernichévski em seu *Tudo que é sólido desmancha no ar*. O autor americano estabelece um vínculo estreito entre a crítica implícita feita à imagem do radical em Bazárov e o influxo que *Que fazer?* exerceu sobre o “homem do subsolo”, de Dostoiévski. A novela *Notas do subsolo* é publicada em 1864, apenas um ano após a obra de Tchernichévski, no momento em que o futuro trágico do crítico radical havia já sido selado. Para Berman, Dostoiévski nunca conseguiria tornar-se o reacionário que desejava ser e isso se expressa no fato de que foi o único a defender a memória pública de Tchernichévski.

Ele [Dostoiévski] foi praticamente a única figura respeitável da Rússia a falar, antes e depois da prisão de Tchernichévski, em defesa de seu intelecto, de seu caráter e mesmo de sua espiritualidade. Embora acreditasse que Tchernichévski estava metafísica e politicamente errado, ele podia ver que seu radicalismo emergia de uma ‘abundância de vida’. Aqueles que zombaram de Tchernichévski ‘apenas conseguiram pôr a nu a profundidade de seu cinismo’, que ‘serve aos interesses materiais correntes, quase sempre em detrimento dos companheiros’. Dostoiévski insistia em que ‘esses proscritos pelo menos tentam fazer alguma coisa; eles procuram uma saída; erram e, desse modo, salvam outros; porém vocês’ — assim ele repreendia seus leitores conservadores — ‘conseguem apenas rir numa atitude melodramática de indiferença’. (Berman, 1987, p. 210)

Baseado nas considerações de Berman, proponho aqui a leitura do protagonista de *Notas do subsolo* como um estágio — psicológico, intelectual e político — no desenvolvimento do “homem supérfluo” para o “homem novo”, funcionando, portanto, como o elo entre o idealista representado por Rúdin e o radical representado por Bazárov. Ao permear *Notas do subsolo* de alusões a *Que*

---

<sup>48</sup> “Na época, Lopukhov [estudante pobre, vestindo um uniforme esfarrapado] tinha como lema: ‘Exceto mulheres, não dou passagem a ninguém primeiro’. Deram-se um encontrão. O indivíduo, fazendo meia-volta, disse: ‘Que há com você, seu porco? Gado!’. Ia já prosseguir, mas Lopukhov virou-se completamente para ele, agarrou-o e o estendeu cuidadosamente na sarjeta. Plantando-se sobre ele, disse: ‘Se fizer um movimento, empurro-o ainda mais’. Dois camponeses passaram, olharam e elogiaram. Um funcionário passou, olhou, não elogiou, mas sorriu amplamente. Carruagens passaram, mas ninguém delas olhava... Lopukhov ainda permaneceu algum tempo, depois puxou o indivíduo pela mão — levantou-o, trouxe-o para a calçada e disse: ‘Meu Deus, senhor, que lhe aconteceu? Espero que não tenha se machucado. Permite que o limpe?’. Um camponês passou e ajudou a limpar, dois cidadãos passaram e ajudaram a limpar, todos limparam o indivíduo e foram embora” (Tchernichévski apud Berman, 1987, p. 207).

*fazer?*, Dostoiévski aborda (através de sua eslavofilia e conservadorismo pessoais) a radicalidade da geração dos 60, mas acaba por converter o protagonista (o inominado Homem do Subsolo) em “homem novo” naquilo que Berman (1987, p. 217) chamou de “grande salto à frente na modernização espiritual”. As cenas de confrontação contidas em *Notas do subsolo*<sup>49</sup> — que “segue o paradigma clássico de São Petersburgo: oficial aristocrático *versus* funcionário pobre” (Berman, 1987, p.210) — retiram do paralelo com *Que fazer?* a significação da movimentação social que a Rússia experimentava na passagem dos anos 1850 para a década de 1860.

Sua diferença radical para com a cena de Tchernichévski reside no fato de que são necessários vários anos de angústia exaustiva para o Homem do Subterrâneo desafiar a autoridade, angústia que se desdobra em oitenta páginas intensa e densamente escritas. Sua semelhança com a cena de Tchernichévski e com as iniciativas radicais e democráticas da década de 1860 reside no fato de que ela *ocorre*: após uma *agonia introspectiva hamletiana* aparentemente interminável, o Homem do Subterrâneo *finalmente age*, insurge-se contra o superior social e luta por seus direitos na rua. Além disso, ele luta na Nevski Prospekt [urbanística e simbolicamente a principal via de São Petersburgo], que desde há uma geração, e agora mais ainda, é a coisa em Petersburgo que mais se assemelha a um espaço verdadeiramente político. Ao explorarmos essa cena, ficará claro quanto Tchernichévski ajudou a tornar possível o confronto do Homem do Subterrâneo. Sem Tchernichévski, seria difícil imaginar essa cena — uma cena que é, na verdade, mais realista e mais revolucionária que qualquer coisa em *Que fazer?*. (Berman, 1987, p. 210-211, grifos meus)

O Homem do Subsolo, portanto, parte de uma condição hamletiana de paralisia perante a realidade para a ação, que é não apenas pessoal, mas reveste-se de caráter social e assim é percebida pelo próprio personagem. Sua ação é quixotesca: ele sofre o golpe mais violento por ser de constituição física mais fraca, sem porém, no plano moral, deixar de se considerar vencedor. Não vence apenas a si mesmo, mas também “do ponto de vista social”, ou seja, vence sua própria inação (sua “superfluidade”, a agonia hamletiana) e altruisticamente garante com sua atitude de rebelião uma vitória para sua classe. “Tchernichévski sem dúvida diria que é precisamente isso que há de novo no ‘homem novo’: eles estão livres das intermináveis dúvidas e ansiedades hamletianas que tanto enfraqueceram a alma russa até então” (Berman, 1987, p. 208). A evocação da reflexão paralisante e do entusiasmo ativo representados respectivamente pelas figuras literárias de Hamlet e Dom Quixote norteou o pensamento de Turguêniev quando da composição de seus personagens, como men-

---

<sup>49</sup> Em repetidas situações, o Homem do Subsolo primeiramente humilha-se perante seu superior social [o oficial] até que, enfim, o confronta e o vence: “De chofre, a três passos de meu inimigo, inesperadamente me decidi — fechei os olhos e [...] chocamo-nos com força, ombro a ombro. Não cedi nem um milímetro e passei por ele, absolutamente de igual para igual! [...] Está claro que sofri o golpe mais violento — ele era mais forte —, mas não era isso o que importava. O que importava era que eu atingira o objetivo, mantivera a dignidade. Não cedera nem um pouco e, publicamente, me colocara ao nível dele, *do ponto de vista social*” (Dostoiévski apud Berman, 1987, p. 216, grifo meu).

cionei no capítulo 1 deste trabalho. Rúdin, como representação da “geração dos 40”, perde-se na inefetividade causada por essas dúvidas e ansiedades; Bazárov, enquanto “homem novo”, busca o confronto, rompendo com a inação.

A avaliação crítica da paralisia romântica e idealista da “geração dos 40”, em confronto com a mentalidade subversiva do “homem novo”, foi elaborada por Nikolai Dobroliúbov no famoso ensaio *O que é oblomovismo?*, publicado em 1859. Dobroliúbov foi um intelectual radical *raznochintsy* que faleceu de tuberculose um ano antes da publicação de *Pais e filhos*, aos 25 anos, e forma com Tchernichévski o principal referencial do “homem novo” que Turguêniev procura representar em Bazárov. Reunidos em torno da revista *O Contemporâneo*, na qual Turguêniev havia publicado alguns de seus trabalhos, Tchernichévski e Dobroliúbov encaminhariam o periódico “rápida e firmemente para a esquerda”:

O grupo de homens que o dominavam [*O Contemporâneo*] eram tão pouco agradáveis a ele [Turguêniev] quanto a Tolstói; achava-os obtusos, de um dogmatismo estreito, privados de toda compreensão da arte, inimigos da beleza, desinteressados em relacionamentos pessoais que, para Turguêniev, eram tudo. Eram, porém, ousados e fortes, fanáticos que julgavam tudo à luz de um único objetivo: a libertação do povo russo. Rejeitavam a transigência e inclinavam-se por uma solução radical. (Berlin, 1988, p. 272-273)

Foi o contato com Dobroliúbov que acabou por afastar Turguêniev d’*O Contemporâneo*.<sup>50</sup> Frank (1992, p. 210), de forma demasiadamente descompromissada, cita “o rumor de que Turguêniev baseara sua personagem principal, Bazárov, numa caricatura viciosa do jovem crítico [...], que havia morrido há apenas um ano”.<sup>51</sup> As diferenças entre o autor de *Pais e filhos* e o intelectual radical podem ser localizadas nas críticas mordazes de Dobroliúbov aos vícios da geração que Turguêniev representa.

O problema é que a verdadeira força dos escritos de Dobroliúbov só pode ser entendida à luz de seus esforços para projetar uma nova imagem humana — o revolucionário calejado, realista, não sentimental e tranquilamente determinado que, Dobroliúbov estava convencido, iria remodelar a sociedade russa. Seus ataques destrutivos às fraquezas morais da geração de 1840, a velha *intelligentsia* aristocrático-liberal, conseguiram vitimá-la, arruinando por completo seu crédito e influência. (Frank, 1992, p. 225)

<sup>50</sup> “Quando Turguêniev tomou conhecimento do manuscrito da crítica de sua novela [*Nas vésperas*, de 1860] por Dobroliúbov, exigiu do autor que procedesse a várias retificações. Nekrássov [diretor da revista] quis convencê-lo a ser mais tolerante, porém recebeu um bilhete lacônico: ‘Escolha: eu, ou Dobroliúbov’. Nekrássov permaneceu ao lado do crítico, e Turguêniev abandonou a revista” (Chostakowsky, 1948, p. 217).

<sup>51</sup> O boato é corroborado por Peace (2010, p. 123, tradução livre): “Dada a hostilidade de Turguêniev em relação a Dobroliúbov, Bazárov foi amplamente visto como um retrato do jovem radical — particularmente embaraçante para Turguêniev, na medida em que o venerado crítico havia morrido em 1861”.

*O que é oblomovismo?* retira do romance *Oblómov* (Обломов), de Ivan Gontcharov, lançado em janeiro daquele ano, a sistematização do que para Dobroliúbov é a nociva atitude supérflua perante a vida social. A postura inativa, autoindulgente e autocomplacente do protagonista que dá nome à novela define o “oblomovismo” e resume arquetipicamente os vícios da “geração dos 40”.

Mas nela [a história de Oblómov] refletiu-se a vida russa, nela surge à nossa frente, bem vivo, um tipo russo contemporâneo, cunhado com implacável severidade e justiça; nela está dita a nova palavra do nosso desenvolvimento social, pronunciada de forma nítida e dura, sem desespero e sem esperanças pueris, mas com total consciência da verdade. Essa palavra é *oblomovismo*; tal palavra serve de chave para a decifração de muitos fenômenos da vida russa, e atribui ao romance de Gontcharov um significado muito mais social do que aquele que possuem, juntas, todas as nossas novelas acusatórias. No tipo Oblómov e em todo esse oblomovismo, nós vemos algo mais do que simplesmente a feliz criação de um artista de grande talento; vemos nele um produto da vida russa, um sinal dos tempos. (Dobroliúbov, 2013, p. 298-299)

A função do artigo de Dobroliúbov, em sua análise da “apatia oblomovista”, é a promoção de um conceito como ferramenta intelectual na luta revolucionária contra o *status quo* da sociedade russa de seu tempo.<sup>52</sup> O tom de seu discurso sobe apenas eventualmente e sua intenção primordial é o diagnóstico de uma condição como “antipropaganda”.

Há muito foi notado que todos os heróis dos mais geniais romances e novelas russos sofrem pela falta de visão de um objetivo qualquer na vida e não encontram para si uma ocupação decente. Em consequência, consideram todas as ocupações tediosas e repugnantes, no que revelam uma impressionante semelhança com Oblómov. De fato, abra-se, por exemplo, *Ievguêni Oniéguin*, *O herói do nosso tempo*, *Quem é o culpado?*, *Rúdin*, [Diário de] *um homem supérfluo*, *Hamlet do distrito de Schigrí* — em cada uma dessas obras serão encontrados traços quase idênticos aos de Oblómov. (Dobroliúbov, 2013, p. 307)

Rúdin é evidentemente enquadrado no oblomovismo e Turguêniev figura na avaliação de Dobroliúbov como o autor que mais recorrentemente representa o “homem supérfluo” — conforme indica a referência a outras duas obras suas. Dobroliúbov não o inocenta: “Biéltov [personagem de *Quem é o culpado?*, de Herzen] e Rúdin, pessoas com aspirações verdadeiramente nobres e elevadas, não apenas não sentiram, em sua época, necessidade de entrar em combate mortal com as circunstâncias que os envolviam: eles sequer conceberam tal combate como uma possibilidade próxima” (Dobroliúbov, 2013, p. 320). Dobroliúbov fornece em seu ensaio reflexões que servem como chave para a interpretação da “geração dos 40” por parte dos radicais “nihilistas” dos 60. Ao consi-

<sup>52</sup> A estratégia contida no artigo de Dobroliúbov era a de reconhecimento de entraves à ação revolucionária colocados anteriormente ao confronto com a autocracia e a injustiça social. “Era um apelo à ação. Através de um lento processo de maturação, a *intelligentsia* havia de fato acumulado conhecimentos, esperanças, ideais. Era já o tempo de considerar encerrado o período de preparação” (Venturi, 1952, p. 323, tradução livre).

derar Rúdin, reconhece o valor moral de suas inclinações intelectuais, mas censura-lhe a carência total de determinação para alterar a realidade social. Sobretudo, Dobroliúbov circunscreve a “época” do “homem supérfluo” a um tempo social que, uma vez passado, requer novos atores, desta vez ativos e determinados.

Antigamente, tais figuras se recobriam com vários mantos, ornavam-se com vários penteados, atraíam por seus diversos talentos. Mas hoje Oblómov surge diante de nós tal qual ele é, sem máscaras, taciturno, removido do belo pedestal e colocado em um divã macio, envolto em um simples roupão no lugar de mantos. As perguntas *O que ele faz? Qual o sentido e o objetivo de sua vida?* Estão colocadas de forma direta e clara, não se encontram obnubiladas por nenhuma questão secundária. Isso porque já chegou, ou está chegando, sem mais delongas, o tempo do trabalho social... Eis por que dissemos no início deste artigo que vemos no romance de Gontcharov um  *sinal dos tempos*. (Dobroliúbov, 2013, p. 322, grifos no original)

Venturi vê Dobroliúbov como canalizador das energias indistintas do movimento revolucionário que, a partir das prédicas do crítico, partirão para uma ação enfática. Dobroliúbov esperava que toda a classe culta russa estivesse disposta a ir às últimas consequências, dispensando “o amor platônico na atividade social” e distanciando-se das meras “boas intenções” dos liberais.

Também Dobroliúbov, como tantos outros naqueles anos, teve a tendência em ver naquele contraste de mentalidades um conflito de gerações, um conflito entre ‘pais’ e ‘filhos’. Muitas vezes idealizou ‘a juventude’ para contrapô-la à *intelligentsia* liberal e contribuiu não pouco para criar a figura do jovem dos anos 60, o ‘tipo social de gente realística com os nervos sólidos e a imaginação sadia’. ‘Olhando em volta, [esses jovens] não viram as nebulosas abstrações e as miragens das gerações precedentes, viram unicamente o homem de carne e sangue nas suas relações reais e não fantásticas com o mundo exterior’. A reação contra o ‘idílio’ de Oblómov o havia colocado na estrada que deveria levar ao ‘nihilismo’, ou seja, àquele realismo positivista que será uma das formas mais típicas do distanciamento dos ‘filhos’ em relação aos ‘pais’. (Venturi, 1952, p. 325, tradução livre).

Ironicamente, o próprio Turguêniev se ressentia da inação de seus contemporâneos, aguardando a mudança social a partir de uma mobilização nascida da percepção dos problemas e de uma postura combativa.

Num país como a Rússia, como Turguêniev prontamente reconheceu, não seriam apenas os artistas a serem chamados, mas também os cidadãos. Assim, ele também estava preocupado com a apatia geral dos tempos — ‘nossa época indiferente’ — e, em particular, aquela de muitos de seus contemporâneos. Freeborn [Turgenev: The Novelist’s Novelist, Oxford University Press, 1960] enfatizou corretamente que essa é uma questão importante já nas primeiras duas novelas de Turguêniev. Não à toa Liéjnev, no último capítulo de *Rúdin*, descreve o entusiasmo como ‘a qualidade mais preciosa do nosso tempo’ [...]. (Sundkvist, 2010, p. 33, tradução livre)

A percepção e a combatividade de Dobroliúbov o colocam junto a Tchernichévski como principais elos do processo de tomada de consciência da transição entre o “homem supérfluo” — representado por Rúdin — e o “homem novo”, — encarnado por Bazárov. Ambos os pensadores tiveram suas atividades (e suas vidas) cerceadas por circunstâncias, mas suas posturas intelectuais foram suficientemente eficazes em oferecer uma resistência à visão de Turguêniev sobre a geração da qual faziam parte.

Turguêniev se colocou então à frente da oposição literária contra Tchernichévski e Dobroliúbov, que para ele sempre esteve mais associado ao momento da ruptura. Foi uma dura polêmica. Turguêniev acusava os críticos de ‘querer apagar da face da Terra a poesia, as belas artes, todos os prazeres estéticos e estabelecer em vez deles os seus princípios seminarísticos. Esses senhores são Robespierres literatos, não hesitariam nem por um momento em cortar a cabeça do poeta Chénier’. (Venturi, 1952, p. 265, tradução livre)

Rúdin e Bazárov, mesmo expressando comportamentos e doutrinas diferentes, continuam sendo produtos literários codificados a partir do mesmo ponto de vista — o liberal reformador, mas ainda não suficientemente à esquerda do centro. Turguêniev molda Rúdin à sua imagem e Bazárov é a sua leitura de uma alteridade que lhe interessa e lhe diz respeito como ator social, mas que subsiste como *outro*, estranho à *sua* própria subjetividade, mesmo que mantenha consigo algumas afinidades. Não me parece despropositado, portanto, que Bazárov tenha produzido reações em todo o espectro político russo daquele momento, enquanto Rúdin enquadrava-se numa linhagem — como tipo literário, mas também enquanto imagem de elemento social — mais antiga e já conformada à expressão da realidade, conforme demonstra Dobroliúbov.

Mesmo que as divergências intelectuais entre Turguêniev, no campo liberal (representante da “geração dos 40”), e Tchernichévski e Dobroliúbov, no campo radical (“homens novos” dos 60), tivessem alimentado a concepção e os traços de Bazárov, apenas um setor intelectual o incorporou a seu sistema identitário como expressão ideológica. Segundo Venturi, Dmitri Pissárev (1840-1868) reconheceu no niilista de *Pais e filhos* o ícone de sua corrente. Sua atuação como crítico da revista *A Palavra Russa* (Русское слово, *Russkoye Slovo*) o posiciona no ponto mais extremo do espectro político russo nos anos 1860, verdadeiro veículo do niilismo.

‘Todo partido, toda causa tem seus *enfants terribles*’, dizia Saltikov-Schedrin, referindo-se exatamente aos redatores [d’*A Palavra Russa*]. Eles foram efetivamente os *enfants terribles* do populismo dos anos 60. Culturalmente, representavam uma reação positivista, cientificista, contra o ‘antropologismo’ feuerbachiano de Tchernichévski e o moralismo de Dobroliúbov. Após 1862, aquelas tendências se faziam sentir também n’*O Contemporâneo*. [...] Pissárev e os seus colaboradores levaram essas tendências [niilistas] — que pertenciam a toda a cultura europeia, e não apenas à russa — até a

exasperação. O ‘realismo’ estético se transformou, em suas mãos, em uma violenta negação da arte, o ‘utilitarismo’ em uma exaltação das ciências exatas, única forma ‘útil’ da atividade humana, o ‘iluminismo’ em uma glorificação da classe culta. (Venturi, 1952, p. 531, tradução livre)

Pissárev tinha origens aristocráticas, o que lhe garantiu sensível diferença de tratamento, da parte do governo autocrático, em comparação com Tchernichévski: passou quatro anos e meio preso, em cela solitária, até ser liberado, por influência de sua mãe. Na prisão, obteve permissão para ler e escrever. Peace (2010, p. 127, tradução livre) sustenta que o tempo passado em isolamento possa ter definido “a direção de seu pensamento”:

Há uma maior ênfase [em comparação a Tchernichévski] no ego, no individual, que em muitos de seus contemporâneos, revelada particularmente em sua confessada autoidentificação com Bazárov, a quem ele viu como uma figura trágica: ‘A tragédia da situação de Bazárov se situa em seu completo isolamento de todas as outras pessoas vivas’.

Com a voz de Tchernichévski silenciada para sempre, a visão de Pissárev “começou a predominar no pensamento da ‘gente nova’” (Peace, 2010, p. 127, tradução livre). A leitura de Pissárev tanto da figura de Bazárov quanto de *O que fazer?* embasou sua doutrina radical, formulada sob a égide do personagem de Turguêniev, e a adoção como estandarte do termo “niilismo”.

Se quisermos entender a função do ‘niilismo’ no desenvolvimento do populismo russo, devemos colocá-lo claramente dentro de seus limites históricos. Foi primeiramente uma moda polêmica e literária, um fantasma criado do temor dos liberais e dos reacionários diante do eco profundo e violento suscitado pelas reformas no ânimo da juventude intelectual. Tornou-se, posteriormente, por um momento, uma bandeira política, no dia em que Pissárev fez sua essa palavra, afirmando que Turguêniev havia pintado com exatidão o estado de espírito da juventude materialista e proclamando-se, ele mesmo, ‘niilista’. Com isso, Pissárev queria dizer que a *intelligentsia* revolucionária tinha sobretudo uma função crítica e corrosiva, que os obstáculos a serem superados na Rússia eram tão grandes que mesmo uma função puramente negativa teria bastado amplamente para encher a vida de sua geração. (Venturi, 1952, p. 533, tradução livre)

A distinção entre correntes no seio da nova geração significou, conforme Frank (1992, p. 209), “uma divisão nas fileiras da *intelligentsia* radical, o que iria ter, mais tarde, efeitos importantes na literatura e na vida russa”. A origem aristocrática de Pissárev o influenciou em sua abordagem e o separou de outros setores da crítica radical: “Pissárev não compartilhava a fé de Tchernichévski e Dobroliúbov nas virtudes e potencialidades revolucionárias do ‘povo’ e, em vez disso, colocava suas esperanças na liderança da *intelligentsia* sem vínculos de classe, que ele vividamente chamava ‘o proletariado pensante’” (Frank, 1992, p. 226). À visão de Turguêniev do camponês russo como “o mais reacionário de todos” e à fé de Herzen na comuna camponesa, passando pela con-

fiança dos radicais num potencial “levante incontrollável” do povo motivado pelas frustrantes reformas, Pissárev propunha que a *intelligentsia* “contasse apenas consigo mesma para agir no futuro” (Frank, 1992, p. 226).

Fundamentalmente, em sua aceitação de Bazárov como modelo e na conseqüente proposição do niilismo como corrente ideológica, Pissárev ajuda a esclarecer ulteriormente a transição do “homem supérfluo” para o “homem novo” a partir do extremo em que se posicionou. Sua interpretação materialista representa a extirpação simbólica — do ponto de vista histórico — do que Hamren chamou de “câncer espiritual” que consumia a alma do “homem supérfluo”.<sup>53</sup> A forma como Pissárev situa o personagem que lhe serve de modelo na evolução intelectual dos tipos literários russos reproduz a sua visão sobre a ação social que esperava do setor esclarecido da sociedade. Bazárov informa a Pissárev não apenas a pertinência do momento histórico para a ação, mas também os contornos que essa ação deveria adquirir.

Em seu artigo *Bazárov*, ele traça a árvore genealógica de Bazárov: os Oniéguins e Pietchórins geraram os Rúdins e os Biéltovs, os Rúdins e os Biéltovs geraram Bazárov. É em um contexto similar à crítica de Dobroliúbov sobre o oblomovismo que Pissárev está respondendo a *Pais e filhos* de Turguêniev, um romance que situa a envelhecida aristocracia romântica da década de 1840 contra os positivistas e os *raznochintsy* dos anos 1860. Assim como muitas vezes é pouco claro quais personagens o próprio Turguêniev favorece em seus romances, não há um claro vencedor no contínuo debate nos círculos intelectuais e na crítica literária. Pissárev escreve que ‘os cansados e os entediados são sucedidos por homens que se esforçam para agir; a vida rejeita ambos como sem valia e incompletos. Às vezes é sua sina sofrer, mas eles nunca obtêm sucesso em realizar algo. A sociedade é surda e inexorável para eles. Eles são incapazes de adaptar-se às suas condições, nenhum deles nem mesmo ascendeu a um cargo tão alto quanto o de supervisor governamental’. Ele conclui dizendo que ‘os Pietchórins tinham vontade sem conhecimento; os Rúdins, conhecimento sem vontade; os Bazárov têm ambos, conhecimento e vontade. Pensamento e ação estão misturados em um todo coeso’. (Carr, 2016, p. 49-50, tradução livre)

Para Pissárev, *pensamento e ação* definem as condições de atuação do “homem novo”, finalmente movido da “apatia oblomovista” para o “niilismo” transformador representado em Bazárov. Essa interpretação, no entanto, contrastava com a do próprio Turguêniev em relação ao seu personagem. Mesmo que seja muito difícil distinguir, entre as considerações que o autor elaborou sobre sua criação, aquela que melhor expressava sua intenção, penso ser possível concordar com Chostakowsky, Sundkvist e Berlin, que veem em Bazárov — e mesmo em Rúdin — expressões da

---

<sup>53</sup> “Ele está sendo gradualmente consumido pela cancerosa consciência de seu próprio hibridismo e da impossibilidade de acreditar em algo, ou, por extensão, de se tornar algo. O câncer em sua alma é primeiramente e acima de tudo um câncer espiritual, e é inegavelmente emergente no que diz respeito a uma particular situação histórico-cultural” (Hamren, 2011, p. 131, tradução livre).

motivação primordial de Turguêniev como “portador de cultura”. Seu personagem Solómin, de *Terra virgem* (1877), é a última manifestação ficcional de suas convicções políticas:

[...] a juventude russa perdoou-lhe a insistência em refutar os processos revolucionários por causa da figura do mecânico Solómin, o qual, ‘apesar de ser um plebeu, é um tipo positivo, a quem pertencerá pelo menos em parte o futuro de sua pátria’. Essa personagem tampouco é revolucionária e seus métodos são mais os de um *kulturträger* [...] — tipo tão caro a Turguêniev. (Chostakowsly, 1948, p. 221)

Turguêniev acreditava nesse “tipo mais difícil de heroísmo” (Sundkvist, 2010, p. 37, tradução livre) como causa civilizatória, requerida das classes educadas, e rechaçava os métodos revolucionários. No contexto de *Terra virgem*,

o jornal de Katkov iria denunciá-lo mais uma vez por seus ‘saltos mortais de palhaço a fim de agradar aos jovens’. Como sempre, ele respondeu imediatamente. Afirmou que, durante os últimos quarenta anos, não havia modificado sequer uma vírgula de suas opiniões. ‘Sou e sempre fui um ‘gradualista’, um liberal antiquado no sentido dinástico inglês, um homem que espera a reforma *unicamente de cima*. Em princípio *oponho-me à revolução*. [...] Conceber-me sob qualquer outro aspecto é algo que eu deveria considerar indigno de [nossa juventude] e de mim mesmo’. (Berlin, 1988, p. 286, grifos meus)

Parece-me razoável encerrar este trabalho recuperando a proposição de que eram duas as principais motivações de Turguêniev em sua produção literária e intensa atividade intelectual. A primeira era a esperança civilizatória que o animava. Sua atuação como *kulturträger*, em última instância, foi o que o afastou dos elementos radicais mais propensos à ação entusiástica (o “nihilismo” da “geração dos 60”), em detrimento da conciliação e do gradualismo, que viam como “afetações românticas” da “geração dos 40”. Em segundo lugar, Turguêniev esperava efetuar essa transformação cultural através do que sintetizou na expressão de Hamlet (utilizada como epígrafe deste capítulo), ou seja, o registro da “substância e pressão da época” (Berlin, 1988, p. 271). A herança de Bielínski e a mentalidade que o crítico incutiu em Turguêniev acerca do valor moral do papel social do escritor o acompanharam durante toda sua vida. Em 1880, ele endereçava a seus leitores, no prefácio às suas obras reunidas, seu testamento:

[...] o autor de *Rúdin*, escrito em 1855, e o autor de *Terra virgem*, escrito em 1876, são uma única e mesma pessoa. Durante esse período, aspirei, na medida em que minhas forças e minha capacidade permitiram, consciente e imparcialmente, a descrever e incorporar, em tipos apropriados, o que Shakespeare chama de ‘o corpo e pressão do tempo’ e a fisionomia rapidamente cambiável dos russos do estrato culto, que tem sido predominantemente o tema de minhas observações. (Turguêniev, 1880 apud Kочan, 1964, tradução livre)

Rúdin e Bazárov são apreendidos nesse esforço de representar a “fisionomia rapidamente cambiável” da sociedade de sua época. É da transição entre eles enquanto tipos literários e sociais — o “homem supérfluo” e o “niilista”, a “geração dos 40” e os “homens novos dos 60” — que Turguêniev retira seu próprio valor enquanto testemunha particularmente sensível das mutações. O escritor sempre se mostrou menos interessado nas grandes inquietações subjetivas do indivíduo e mais atento às idiossincrasias coletivas: filosóficas, de classe, e mesmo políticas. Suas investigações sociais resultaram em representações ricas, especialmente oportunas para a análise histórica, formuladas com o compromisso do artista engajado em dar contornos à sua interpretação do real no calor do momento, enquanto o solo se deslocava sob seus pés.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

*“Procuraria a verdade e, ao longo dessa busca, naturalmente haveria de se tornar um revolucionário.”*

A. S. Suvorin, sobre as ideias de Dostoiévski para o protagonista de *Os irmãos Karamázov*

O perigo da história sem subjetividade me parece permanentemente duplo: a “sobre-humanização” e a “sub-humanização” de seus agentes. A evolução intelectual que procurei discernir em meu trabalho apresenta traços parciais do processo que encaminhará a Rússia à revolução social de 1917. Negligenciar subjetividades, contudo, no caminho que conduziu um país atrofiado por relações sociais defasadas à radicalidade e à iniciativa do novo pode ter consequências lamentáveis. É certo que não é pequena a pretensão de se depreender sentidos (ainda que se entenda que são sempre sentidos possíveis, parciais e impermanentes) do burburinho da atividade humana, mas abdicar dessa busca é colaborar para tornar a história um campo inóspito, separado de “nós”, além do tempo, por movimentos autômatos, teleológicos, fora de nossa compreensão sensível, despido de uma humanidade reconhecível em tempos distintos.

A escrita — e a leitura — sempre se estabelece como uma tentativa de conexão, um empreendimento de troca, mesmo que confinada ao espaço humano das emoções próprias e daquelas que se pretende causar. A literatura russa apreende um poder de subjetividade ímpar, em grande medida motivado pelas circunstâncias históricas, que otimiza essa propensão natural à oferta de fatos, de ideias e de emoções relativas a essa mesma história. Pessoalmente, à simpática e saudável exortação, ouvida durante os anos de graduação, de que deveríamos ler mais *literatura* seguiu-se a percepção do poder de comunicação das narrativas ficcionais para o conhecimento histórico, e não foi preciso estar particularmente atento para notar a capacidade de representação da literatura russa do século XIX. Transformar aquela abordagem específica “do real”, há muito apreciada e admirada, em objeto de análise significou, para mim, libertar o exercício do ofício historiográfico de concepções presas a interpretações limitadoras: fazer uso da literatura para fins de análise histórica exigiu a construção de um novo aparato intelectual — que é, ou deveria ser, penso, a função da boa prática acadêmica. A motivação básica para este trabalho foi não apenas a busca da identificação de um passado circunscrito pelo tempo, mas também a compreensão da leitura dele por suas próprias subjetividades.

Ivan Turguêniev encarava objetivamente seu tempo e se posicionava de forma crítica. A formulação de suas criações literárias responde ao seu ímpeto de entendimento e de comprometi-

mento. Se usou de anteparos aos efeitos de suas ações é porque entendeu que só assim poderia continuar agindo: não se pode criticar em Turguêniev o absenteísmo. O escritor foi um discreto ativista de sua época — de uma estirpe diversa, evidentemente, daquela caracterizada pela agitação política de Bakúnin, amigo de juventude; ou daquela engajada no radicalismo intelectual de Tchernichévski e Dobroliúbov —, mas que não se furtou em participar, a seu modo, de um processo que via como necessário, pregando um humanismo talvez já descompassado. Para abordar Turguêniev, foi preciso compreender não apenas a *forma* de sua expressão, mas sua *motivação*. Turguêniev confrontava vultos importantes, como Tolstói, argumentando pela importância de se posicionar diante das aspe- rezas da vida social, já que os tempos não eram de “arrulhos líricos”, nem de “passarinhos pipilan- do nos galhos das árvores”: “você despreza este lamaçal político; é bem verdade que se trata de um assunto sujo, empoeirado, vulgar. No entanto há nas ruas sujeira e pó, mas afinal de contas não podemos passar sem as cidades” (Turguêniev apud Berlin, 1988, p. 268).

Considero as expressões externas de Rúdin e de Bazárov manifestações distintas de uma mesma *angústia existencial* interna. Para o primeiro, esse sentimento torna-se restritivo, cerceador, e a leitura do mundo feita por Rúdin o leva à inação e à paralisia. A leitura de Bazárov, por sua vez, o conduz à insurgência e à revolta. Uma miríade de sentimentos decorrentes se atrela às suas subje- tividades, mas a causa de ambos os comportamentos, no entanto, me parece similar. A angústia que lhes morde os calcanhares e a consciência provém de um “diagnóstico” existencial comum: a condi- ção humana em suas restrições naturais e, sobretudo, aquelas que uns impõem aos outros enquan- to seres imersos na vida social. Rúdin posiciona esse limite no “destino” e em outras formulações metafísicas e menos objetivas; Bazárov vê essas restrições na natureza e na imposição da “materia- lidade” do mundo físico, quantificável, bem como na relação humana com essa “verdade” inque- brantável dos fatos. As posturas intelectuais e filosóficas — e, como derivação, políticas e sociais — diferenciam essas individualidades em suas relações com o mundo, sem, no entanto, esgotar o fato de que provêm da mesma fonte. As naturezas opostas de Hamlet e Dom Quixote — a indecisão paralisante e o voluntarismo fanático — foram para Turguêniev objeto da mesma simpatia e ex- pressão da mesma tragicidade; interpreto os caracteres divergentes de Rúdin e Bazárov da mesma forma. A unir os dois personagens, portanto, está uma angústia comum — para Berman (1987), manifestação patente da modernidade nascente —, discriminada apenas enquanto manifestação *política*. A aflição existencial de Rúdin tende a ser mais tolerada porque emerge de um contexto “romântico” que pode ser completamente apolítico; em Bazárov, está impregnada de realismo e será condenada porque acarreta consequências políticas. Bazárov converte em ação prática esse

tormento que paralisa Rúdin. Vejo ambos sob a mesma influência, que motiva suas diferentes abordagens da vida, mas que os coloca no mesmo lado da linha divisória que separa os conscienciosos dos relapsos e dos cínicos. Suas doutrinas e ideários os definem enquanto atores sociais, mas também suas “humanidades” assim o fazem. Negar esse fato e circunscrevê-los apenas a rígidos contornos políticos não apenas retira a força de sua criação artística como restringe sua significação como chave de acesso ao passado. O maior mérito de Turguêniev talvez seja, exatamente, o de transmitir em seus romances, de uma só vez, através de sua própria subjetividade e daquelas que criou, elementos pertinentes e eficazes para a leitura de seu tempo.

Meu trabalho partiu da premissa de que Rúdin e Bazárov codificavam fortes expressões do passado social russo. As decorrências de suas representações se expandiriam para os campos político, filosófico e psicológico. Compreendê-los enquanto agentes sociais, bem como enquanto individualidades — e, portanto, compreender suas formulações por Turguêniev —, poderia contribuir para uma interpretação daquele passado específico. Privilegiei suas representações intelectuais procurando situá-los no largo campo de debates russo de meados do século XIX, particularmente profícuo e cuja fisionomia se mostrava melhor através da criação literária. Abordar pela via da literatura a vida social russa, de imensa repercussão global no século e meio seguinte, me pareceu não apenas coerente como ainda um método otimizado de investigação daquele contexto. Ambos os personagens — e suas tramas ficcionais — foram muito solidários para com os meus questionamentos, e o tempo histórico da escrita de *Rúdin* e *Pais e filhos* colocou-se no meu campo de visão.

Os limites, no entanto, se mostraram claros na difusa complexidade da atividade intelectual daquele tempo e espaço. As opiniões, os raciocínios e as argumentações se encadeiam e se rompem com incrível agilidade, permeados de sentimentos densos. A consequência foi que me vi procurando não perder de vista meus objetos de análise em meio ao turbilhão da pequena mas apaixonada camada letrada da Rússia do século XIX. Anseio ter obtido um mínimo sucesso em acompanhá-los naquele cenário tumultuado.

Rúdin e Bazárov se desprendem das páginas em que estão retidos. Falam de posturas tanto deliberadas quanto inconscientes perante não apenas os fatos sociais — o “assunto sujo e empoeirado” da política mundana —, mas perante a vida comum, compartilhada enquanto *existência humana*. Ambos expressam formas de estar no mundo, de pensá-lo e de senti-lo. Não à toa, aquele mesmo tempo e espaço social viu surgirem criações variegadas da inventividade, uma após a outra, que procuram entender a colocação da vida no contexto amplo das circunstâncias e das contingências. Penso que as implicações desse questionamento, que é interno e externo ao mesmo tempo,

sejam atemporais e perpassem a história como o embasamento para o movimento e a estagnação humanos. O deslocamento e a hesitação característicos do “homem supérfluo” revelam-se a mim traços marcadamente contemporâneos. São atuais também as atitudes combativas de Bazárov, ainda que, tanto em seu tempo como agora, estejam igualmente dispersas entre falsos altruísmos e dogmatismos de vários matizes. A ampla cobertura do espectro subjetivo que Rúdin e Bazárov possibilitam foi o principal poder de atração para meu trabalho. A fonte da identificação que ambos personagens me proporcionaram está na sua veemente *humanidade*: na inação e na afronta, na passividade e na subversão, na compreensão da complexidade enquanto atributo inviolável das coisas e na obstinação em encontrar, como objetivo supremo, a dissolução dos “mistérios” e uma acomodação minimamente confortável à “verdade” dessas mesmas coisas.

## REFERÊNCIAS

- ANDERSON, P. *Linhagens do Estado absolutista*. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1995.
- ANTONIASSE, S. J. *Diário de um homem supérfluo, de Turguêniev*: caracterização de um tipo. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Literatura e Cultura Russa, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, 2016.
- AUERBACH, E. *Mimesis: a representação da realidade na literatura ocidental*. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1976.
- BENJAMIN, W. Sobre o conceito da história. In: \_\_\_\_\_. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 222-232.
- BERLIN, I. *Pensadores russos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.
- BERMAN, M. *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- BETHEA, D. *The superstitious muse: thinking Russian literature mythopoetically*. Boston: Academic Studies Press, 2009.
- BIANCHI, M. F. *O “sonhador” de A senhoria, de Dostoiévski*. Tese (Doutorado em Letras) – Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, 2006.
- \_\_\_\_\_. O “herói do tempo” de Dostoiévski [posfácio]. In: DOSTOIÉVSKI, F. *A senhoria*. 2. ed. Tradução Fátima Bianchi. São Paulo: Editora 34, 2011. p. 122-139.
- \_\_\_\_\_. Os últimos dos moicanos [posfácio]. In: TURGUÊNIEV, I. *Rúdin*. Tradução Fátima Bianchi. São Paulo: Editora 34, 2012. p. 187-200.
- BOGOYAVLENSKY, D. D. May fires of 1862. In: SAINT PETERSBURG Encyclopaedia. Saint Petersburg: The Likhachev Foundation, 2004. Disponível em: <<http://www.encspb.ru/object/2804021852?lc=en>>. Acesso em: 30 abr. 2018.
- BRÜCKNER, A. *Historia de la literatura rusa*. Barcelona: Labor, 1929.
- CARR, C. H. *The redemption of the “superfluous man” in Russian literature*. Tese (Doutorado em Filosofia) – Department of Slavic Studies at Brown University, Providence, 2016.
- CHALHOUB, S. *Machado de Assis: historiador*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- CHARTIER, Roger. *A história ou a leitura do tempo*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.
- \_\_\_\_\_. *Cultura escrita, literatura e história: conversas de Roger Chartier com Carla Aguirre Anaya, Jesús Anaya Rosique, Daniel Goldin e Antônio Saborit*. Porto Alegre: Artmed, 2001a.
- \_\_\_\_\_. Intellectual history or sociocultural history? The French trajectories. In: LACAPRA, D.; KAPLAN, S. L. (Ed.). *Modern European intellectual history: reappraisals and new perspectives*. Ithaca; London: Cornell University Press, 1982. p. 13-46.
- \_\_\_\_\_. Uma crise da história? A história entre narração e conhecimento. In: PESAVENTO, Sandra J. (Org.). *Fronteiras do milênio*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2001b. p. 115-140.

- CHOSTAKOWSKY, P. *História da literatura russa*. São Paulo: Inst. Progresso Editorial, 1948.
- DOBROLIÚBOV, N. O que é oblomovismo? (1859). In: GOMIDE, B. B. (Org.). *Antologia do pensamento crítico russo (1802-1901)*. São Paulo: Editora 34, 2013. p. 289-335.
- DUBNOV, A. Nihilism and the dilemma of the liberal intellectual: from Turgenev to Berlin and back. 2009. Disponível em: <[https://www.academia.edu/2997897/Nihilism\\_and\\_the\\_Dilemma\\_of\\_the\\_Liberal\\_Intellectual\\_From\\_Turgenev\\_to\\_Berlin\\_and\\_back](https://www.academia.edu/2997897/Nihilism_and_the_Dilemma_of_the_Liberal_Intellectual_From_Turgenev_to_Berlin_and_back)>. Acesso em: 12 mar. 2018.
- DUKES, P. *A history of Russia: medieval, modern and contemporary*. New York: McGraw-Hill, 1974.
- ECO, U. *Interpretação e superinterpretação*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- \_\_\_\_\_. *Seis passeios pelos bosques da ficção*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- EMERSON, C. *The Cambridge introduction to Russian literature*. Cambridge: Cambridge University Press, 2008.
- EMPIRE of the tsars: Romanov Russia with Lucy Worsley. Direção: John Das. Produção Executiva: Michael Poole. Apresentação: Lucy Worsley. London: BBC, 2016.
- ERLICH, V. *Russian formalism: history – doctrine*. 3. ed. The Hague: Mouton, 1969.
- FIGUEIREDO, R. Bazárov e seus irmãos [apresentação]. In: TURGUÊNIEV, I. *Pais e filhos*. 2. ed. Tradução Rubens Figueiredo. São Paulo: Cosac Naify, 2011. p. 7-15.
- \_\_\_\_\_. Livro de Orlando Figs sobre a cultura russa abusa de caricaturas. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 4 nov. 2017. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2017/11/1932774-livro-de-orlando-figes-sobre-a-cultura-russa-abusa-de-caricaturas.shtml>>. Acesso em: 12 mar. 2018.
- FRANK, J. *Pelo prisma russo: ensaios sobre literatura e cultura*. São Paulo: Edusp, 1992.
- GINZBURG, C. *O fio e os rastros: verdadeiro, falso, fictício*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- HAMREN, K. *The eternal stranger: the superfluous man in nineteenth century Russian literature*. Tese (Mestrado em Literatura) – School of Communication, Liberty University, Lynchburg, 2011. Disponível em: <<http://digitalcommons.liberty.edu/masters/180/>>. Acesso em: 2 mar. 2018.
- HERZEN, A. Literatura e pensamento social depois do 14 de dezembro de 1825 (1850). In: GOMIDE, B. B. (Org.). *Antologia do pensamento crítico russo (1802-1901)*. São Paulo: Editora 34, 2013. p. 161-186.
- HOBBSAWM, E. *A era das revoluções: 1789-1848*. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2012.
- JAMES, H. Ivan Turguêniev [apêndice]. In: TURGUÊNIEV, I. *Pais e filhos*. São Paulo: Cosac Naify, 2011. p. 331-357.
- JONES, W. G. Russia's eighteen-century Enlightenment. In: LEATHERBARROW, W.; OFFORD, D. (Ed.) *A history of Russian thought*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010. p. 73-94.
- KIRCHNER, W. *A history of Russia*. 2. ed. New York: Barnes & Noble, 1950.

KOCHAN, L. Russian history in Turgenev's novels. *History Today*, London, v. 14, n. 1, jan. 1964. Disponível em: <<https://www.historytoday.com/lionel-kochan/russian-history-turgenev%E2%80%99s-novels>>. Acesso em: 12 mar. 2018.

KRAMER, Lloyd. Literatura, crítica e imaginação histórica: o desafio literário de Hayden White e Dominik Lacapra. In: HUNT, Lynn. *A nova história cultural*. São Paulo: Martins Fontes, 1995. p. 131-173.

LEATHERBARROW, W. Conservatism in the age of Alexander I and Nicholas I. In: LEATHERBARROW, W.; OFFORD, D. (Ed.) *A history of Russian thought*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010. p. 95-115.

LEENHARDT, J.; PESAVENTO, S. J. (Org.). *Discurso histórico e narrativa literária*. Campinas: Editora da Unicamp, 1998.

LEIGH, A. *Superfluous man: melancholy, modernity, and realism in nineteenth-century Russia and France*. Dissertação (Doutorado em Filosofia) – Graduate Program in Art History, Rutgers, The State University of New Jersey, New Brunswick, 2014. Disponível em: <<https://rucore.libraries.rutgers.edu/rutgers-lib/44138/PDF/1/play/>>. Acesso em: 14 mar. 2018.

LEMAIRE, R. O mundo feito texto. In: DECCA, E. S.; LEMAIER, R. (Org.). *Pelas margens: outros caminhos da história e da literatura*. Campinas: Editora da Unicamp; Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2000. p. 9-13.

MCLUHAN, M; WATSON, W. *Do clichê ao arquétipo*. Rio de Janeiro: Record, 1973.

PEACE, R. Nihilism. In: LEATHERBARROW, W.; OFFORD, D. (Ed.) *A history of Russian thought*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010. p. 116-140.

PESAVENTO, S. J. A representação da pobreza na literatura: a miséria na Paris do século XIX. *Ciências & Letras*, Porto Alegre, n. 25, p. 143-157, 1999a.

\_\_\_\_\_. Este mundo verdadeiro das coisas de mentira: entre a arte e a história. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 30 p. 56-57, jul./dez. 2002.

\_\_\_\_\_. *História & história cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

\_\_\_\_\_. *O imaginário da cidade: visões literárias do urbano – Paris – Rio de Janeiro – Porto Alegre*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1999b. p. 8-25.

\_\_\_\_\_. O mundo como texto: leituras da história e da literatura. *História da Educação*, Pelotas, p. 31-45, 1º set. 2003.

\_\_\_\_\_. Relação entre história e literatura e representação das identidades urbanas no Brasil (séculos XIX e XX). *Anos 90*, Porto Alegre, v. 3, n. 4, p. 115-127, dez. 1995.

RICOEUR, P. *Tempo e narrativa*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.

SEGRILLO, A. *Os russos*. São Paulo: Contexto, 2012.

SUNDKVIIST, L. *Turgenev and the question of the Russian artist*. Tese (Doutorado em Filosofia) – Sidney Sussex College, University of Cambridge, Cambridge, 2010. Disponível em: <[https://www.repository.cam.ac.uk/bitstream/handle/1810/228706/Turgenev\\_thesis.pdf?sequence=1&isAllowed=y](https://www.repository.cam.ac.uk/bitstream/handle/1810/228706/Turgenev_thesis.pdf?sequence=1&isAllowed=y)>. Acesso em: 15 mar. 2018.

- TCHERNICHÉVSKI, N. O russo no rendez-vous (1858). In: GOMIDE, B. B. (Org.). *Antologia do pensamento crítico russo (1802-1901)*. São Paulo: Editora 34, 2013. p. 263-287.
- TURGUÊNIEV, I. *Pais e filhos*. 2. ed. Tradução Rubens Figueiredo. São Paulo: Cosac Naify, 2011.
- \_\_\_\_\_. *Rúdin*. Tradução Fátima Bianchi. São Paulo: Editora 34, 2012.
- UNIVESP [canal]. *História: história e literatura – Sidney Chalhoub* [vídeo]. *YouTube*, 5 maio 2015. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=e5jnTFQg6as>>. Acesso em: 6 mar. 2018.
- UTECHIN, S. V. *Historia del pensamiento político ruso*. Madrid: Revista de Occidente, 1968.
- VENTURI, F. *Il populismo russo*. Torino: Giulio Einaudi, 1952. 2 v.
- VERNADSKY, G. *A history of Russia*. New York: New Home Library, 1944.
- WALSH, W. B. *Russia and the Soviet Union: a modern history*. Ann Arbor: The University of Michigan Press, 1958.
- WILKINSON, M. *Ernest Hemingway and Ivan Turgenev: a study in the nature of literary influence*. Tese (Mestrado em Literatura) – Simon Fraser University, Burnaby, 1984. Disponível em: <<http://summit.sfu.ca/system/files/iritems1/6267/b16544341.pdf>>. Acesso em: 12 mar. 2018.
- ZILBERMAN, R. *Estética da recepção e história da literatura*. 3. ed. Porto Alegre: Editora UniRitter, 2015.